

Sobre a obra

É objetivo do Observatório reunir profissionais e estudiosos interessados em:

a) realizar pesquisas que possibilitem conhecer criticamente a realidade acerca da mídia e o que ela representa na construção de contextos sociais compartilhados, especialmente sua inserção nos processos educacionais e no campo da Educação Física;

b) investigar e desenvolver estratégias acadêmicas de trato pedagógico da mídia esportiva na formação e na atuação em Educação Física.

Esta pesquisa integra as atividades do Núcleo UFSC da Rede CEDES da Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, do Ministério do Esporte. O apoio financeiro que possibilitou a realização do estudo foi concedido após aprovação do projeto de pesquisa, que foi submetido em edital de chamada pública, instituído pelo Ministério do Esporte em 2007.

Contatos:

www.nepef.ufsc.br/labomidia
labomidia@cds.ufsc.br
Tel. 48 3721 8615



ISBN:

código de barras

Observatório da Mídia Esportiva - A cobertura jornalística dos Jogos Abertos de Santa Catarina

OBSERVATÓRIO DA MÍDIA ESPORTIVA

A cobertura jornalística dos Jogos Abertos de Santa Catarina

Giovani De Lorenzi Pires (org.)

A investigação que deu origem a este livro foi concebida e desenvolvida pelos pesquisadores do Grupo de Estudos Observatório da Mídia Esportiva/UFSC. O grupo foi criado em 2003, está vinculado institucionalmente ao NEPEF - Núcleo de Estudos Pedagógicos da Educação Física /UFSC/CNPQ, e opera a partir do Laboratório de Mídia do Centro de Desportos/UFSC (LaboMídia).



OBSERVATÓRIO DA MÍDIA ESPORTIVA:

A cobertura jornalística dos
Jogos Abertos de Santa Catarina

PREFÁCIO.....	9
APRESENTAÇÃO.....	13
INTRODUÇÃO	
O tema, seu contexto e problematizações	17
Alguns aportes teórico-metodológicos sobre o objeto de pesquisa ...	21
<i>Giovani De Lorenzi Pires</i>	
CAPÍTULO I	
Imprensa e jornalismo esportivo em Santa Catarina	29
<i>Fábio Messa, Victor Azevedo, Cristiano Mezzaroba</i>	
CAPÍTULO II	
O esporte amador em Santa Catarina: FESPORTE e JASC	43
<i>Diego S. Mendes, Daniel Minuzzi de Souza, Huáscar Sidorak Castro</i>	
CAPÍTULO III	
O jornalismo esportivo no JASC/2007: um olhar antropológico	59
<i>Fernando G. Bitencourt; Paula Bianchi, Iracema Munarim, Claudio Tonetti</i>	

CAPÍTULO IV

Apresentação e discussão do campo: o produto e os produtores (análise da cobertura do JASC/2007 e de entrevistas com jornalistas)	75
O Produto: análise da cobertura jornalística do JASC/2007 – mídia impressa e televisiva	76
Os Produtores da cobertura dos JASC/2007 – com a palavra, os jornalistas Paula Bianchi, Iracema Munarim, Bianca Natália Poffo, Daiane Raquel Viero Ricken, Filipi Flor Teixeira, Tiago Soares Gaspar, Giovani De Lorenzi Pires	106
 (Algumas) Reflexões complementares como considerações finais	 119
<i>Giovani De Lorenzi Pires; Paula Bianchi</i>	
 OS AUTORES	 133
 ANEXOS	
Fotos	135
Tabelas	139

Considere-se que os pontos de vista expostos neste discurso preliminar estão fundamentados primeiro na experiência profissional em jornalismo esportivo; depois, na de observador e crítico do processo de produção discursiva sobre o esporte. Como jornalista, acaba-se desenvolvendo uma escrita contundente, uma narrativa de “verdades” quase nunca aberta a contra-pontos. Um vício, deve-se reconhecer, alimentado pelo poder das palavras sobre os acontecimentos cotidianos. No papel de observador e crítico, há um distanciamento do campo de atividades, sempre dinâmico em suas relações e funcionalidades. Uma posição de desconforto, na medida em que fragiliza quaisquer argumentos sobre o objeto de pesquisa. Abrir o trabalho que se descortina agora é, para quem está nessa condição, um desafio instigante.

Por debruçarem-se sobre os conceitos que definem o campo de observação, traduzirem o esforço coletivo de interpretação sobre esse mesmo campo e lançarem-se a ele para entender as relações entre os agentes que o compõem, os pesquisadores do Observatório da Mídia Esportiva promovem uma “intervenção” singular nos fenômenos que ligam jornalismo, esporte e mídia. Cotidianamente, é o jornalismo que “apura” os aconteci-

mentos esportivos e os traduz num discurso organizado em gêneros, geralmente padronizados. O recorte aqui se inverte: “cobrir” uma cobertura jornalística foi o grande mérito do projeto de pesquisa que se completa nas páginas a seguir, porque não reduz o campo àquilo que aparenta.

Associado ao esporte, o jornalismo tem características peculiares. O termo “esportivo” é usado para adjetivar um modelo discursivo mais “leve” e um modo de produção mais próximo do entretenimento. A rigor, o termo diz respeito ao tipo de temáticas postas em pauta. Dizendo o óbvio, o jornalismo esportivo discursa sobre o esporte. Mas há uma alusão mais focada no modo como as informações são organizadas. O termo, portanto, pode evidenciar também um modelo diferente de expressão e de apuração dos dados que sustentam os conteúdos jornalísticos. O “esportivo” ganha, assim, um valor de mercadoria, como qualquer produto voltado para um tipo específico de consumidor. E como mercadoria, o jornalismo esportivo apresenta-se mais “jovial”, mais “alegre”, mais “ativo” tanto na forma quanto no conteúdo.

É comum considerar a relação entre a mídia e o esporte de maneira idêntica a que o jornalismo estabelece com o campo esportivo. Mas não se pode deixar de perceber que tanto o esporte quanto o jornalismo compõem a mídia e ocupam lugares distintos nessa relação. O termo “esportivo” dá ao jornalismo uma “qualidade”, designa uma especificidade não só de produção, mas de linguagem e formato. Já o esporte é “qualificado” pela mídia, não pelo jornalismo; é ao esporte “midiatizado” que se atribuem especificidades. Talvez porque seja o segmento que melhor se adapta a três fatores de convergência que impulsionam a indústria na sociedade de consumo: informação, publicidade e entretenimento.

No campo esportivo, as coberturas jornalísticas circunscrevem-se aos eventos programados como espetáculo, com hora marcada e intervalos regulares para atender aos ditames comerciais. Dos eventos nascem as informações sobre sua preparação e decorrem as repercussões sobre os acontecimentos que os caracterizaram. Como esses eventos, na sua quase totalidade, são recorrentes, o jornalismo esportivo move-se em círculos: primeiro “chama” o público (sentido publicitário); depois “narra” – com todo

o requinte de produção e uma forma própria de olhar – os acontecimentos para esse público, que o acompanha simultaneamente ao evento (entretenimento); e, por fim, repercute os acontecimentos com suas avaliações sobre os resultados (informação em sentido estrito). Evidentemente, o contexto não é assim tão linear. Há pontos de fuga nesse processo. Mas as rotinas que condicionam a produção estão voltadas para a eficiência do espetáculo, seja o evento em si ou o discurso sobre ele. Portanto, romper o círculo exige negar as rotinas e sair das esferas de produção sistematizadas pela mídia.

Jornalismo e esporte sempre protagonizaram inovações, sobretudo tecnológicas, disseminadas posteriormente aos outros segmentos reconhecidos e “empacotados” pela mídia. Expressões macro dessa simbiose são a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos. A cada nova edição, recursos inéditos transformam as competições esportivas em eventos sobre os quais pouco se tem a dizer, propõem uma homogeneização quanto aos critérios de qualificação do espetáculo – só vale a pena ver os “melhores”, quantificados pelo desempenho – e reforçam o viés tecnocrático de produção discursiva sobre temáticas que exigem cada vez menos profundidade de análise e contextualização.

Os Jogos Abertos de Santa Catarina notabilizaram-se ao longo de quase cinco décadas como “vitrine” dos projetos de desenvolvimento nas áreas de educação – esporte aqui incluído – e lazer. Os recursos investidos no evento tinham como sustentação a possibilidade de “retorno social” com a infra-estrutura deixada nos municípios-sede. As mudanças de foco político e de prioridade quanto aos investimentos estatais “enfraqueceram” os JASC e dissiparam o interesse da mídia pela cobertura jornalística, também movido pelo nível de recursos nela aplicados.

Há aí um movimento a ser considerado: as “salas de imprensa” não mais se restringem a levantar estatísticas e organizar dados; com a profissionalização das assessorias de comunicação, jornalistas contratados também produzem materiais tecnicamente adequados aos critérios da mídia quanto a produção e veiculação das informações. O produto midiático de divulgação já nasce pronto, dentro do próprio evento, justamente para

“amenizar” as dificuldades de deslocamento dos meios de comunicação. Não há como levar a todos aos locais de competição; mas há como levar o evento a todos, sejam os interessados em produzi-lo ou consumi-lo. A cobertura jornalística dos JASC, por assim dizer, “micro-regionalizou-se” ao longo dos últimos anos e deslocou o prestígio do evento para um espaço mais afetivo de produção. Os jogos perderam em importância, midiaticamente falando, mas não em significado; há uma tradição que une os atores, sejam desportistas, agentes da mídia ou expectadores.

É nesse campo que os pesquisadores do observatório mergulham. E o fazem para tentar compreender os mecanismos que, muitas vezes, interferem nas condições de produção jornalística. É desse campo que emergem as considerações a seguir. E os resultados, cercados por uma metodologia arrojada e por olhares diversificados, mostram que também a ciência, ao “apurar” a complexidade dos fenômenos, precisa abrir o discurso para o diálogo e não para as “verdades” legitimadas ou por vir. Encerrando, até aqui são as “verdades” de um jornalista que conduzem o texto. A partir de agora é o diálogo com a curiosidade epistemológica – usando uma expressão de Paulo Freire – que o leitor atento vai empreender. Findam as preliminares: os “jogos” começam nas páginas seguintes; para além do espetáculo tecnocrático que a mídia produz.

Luciano Bitencourt

Florianópolis, agosto de 2008

*Luciano Gonçalves Bitencourt é
jornalista formado pela UFSC.*

*Atuou como repórter, editor e apresentador
de esportes na RBS TV/Santa Catarina e no
jornal O Estado. Atualmente, é professor e
coordenador do Curso de Jornalismo da UNISUL.*

A presente publicação é uma versão adaptada do relatório da pesquisa *“Observatório da mídia esportiva: acompanhamento e análise da cobertura jornalística do esporte e do lazer na mídia catarinense”*, desenvolvida entre 2007 e 2008 pelos pesquisadores do Grupo de Estudos Observatório da Mídia Esportiva/UFSC, com apoio financeiro da Rede CEDES, da Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e Lazer do Ministério do Esporte, obtido por seleção em chamada pública/edital daquela Secretaria. A pesquisa teve como foco a cobertura jornalística da etapa final da 47ª edição dos Jogos Abertos de Santa Catarina (Jaraguá do Sul, novembro de 2007) realizada por parte de veículos de mídia do Estado.

Mídia e esporte são duas instituições sociais que, dia a dia, ganham mais destaque e importância na dinâmica cultural da sociedade contemporânea. Obviamente, a excessiva visibilidade e onipresença de ambas desperta tanto amores quanto rancores. Tomados como aparatos ideológicos e instrumentos a serviço do capital, esporte e mídia são criticados por alguns setores mais à esquerda (perdão pelo anacronismo da expressão!), sem que, no entanto, alternativas concretas e viáveis sejam implementadas. Por outro lado, discursos mais conservadores (ou oportunistas?) atribuem a ambos – esporte e mídia – poderes quase milagrosos, capazes de

resolver questões que mazelas sociais, como saúde, educação, emprego, etc. As medidas para que isso aconteça, é claro, também não passam de meras promessas de palanque (lembrando que a própria mídia é também chamada de palanque eletrônico).

Independente de quem tem ou não razão (se é que há certo e errado neste caso), pensamos que posições extremadas e deterministas só servem para mitificar os fenômenos sociais, esporte e mídia entre eles, generalizando o particular e negando a necessária dialética. Portanto, nosso olhar interessado para as relações que se estabelecem entre ambos é de curiosidade e responsabilidade acadêmicas, mas também social, certos de que a apropriação crítica e esclarecida e a fruição seletiva daquilo que estes dois campos culturais podem oportunizar é parte da construção de uma cidadania emancipada e, portanto, um objetivo a ser perseguido pela Educação Física.

Neste sentido, muitos estudos têm sido empreendidos por pesquisadores da área, a maioria deles interessados em descrever e interpretar o discurso midiático, isto é, a narrativa discursiva construída por sons, palavras e imagens pelos veículos da mídia, a respeito, no caso, das temáticas clássicas da Educação Física, o esporte à frente. E os “achados” nestas pesquisas tem sido impiedosos, criticando a mídia pelo que diz (e faz) e pelo que não diz (e não faz) sobre esporte. Poucos são os estudos, todavia, que procuram compreender as condições em que a mídia, isto é, os seus agentes (produtores, repórteres, editores), dizem (e fazem) o que dizem (e fazem) e o que deixam de dizer (e de fazer). A tais estudos, Mauro Wolf denomina de *news making*, ou pesquisa sobre os modos de produção da informação veiculada, numa livre tradução.

A abordagem de investigação aqui relatada visava à compreensão desse processo nessa perspectiva mais complexa, objetivando analisar o produto midiático (isto é, as informações jornalísticas veiculadas nos meios) e as formas de sua produção, acompanhando e observando o cotidiano dos jornalistas encarregados de cobrir o evento esportivo escolhido por nós.

A composição deste livro compreende, assim, dois momentos importantes de investigação de campo: para a análise do *produto* da mídia esportiva, foram clipadas e discutidas matérias jornalísticas veiculadas em quatro órgãos de comunicação de massa - dois jornais impressos e duas emissoras de televisão; também quatro é o número de jornalistas entrevistados, todos

produtores de informação, que estiveram diretamente envolvidos com a cobertura das finais do JASC/2007.

Capítulos introdutórios ilustram histórica e socialmente o campo de investigação, apresentando uma breve narrativa a respeito da mídia e da mídia esportiva em Santa Catarina, bem como da organização do sistema esportivo do Estado, tendo como o JASC como topo da pirâmide.

Relato baseado em anotações pessoais, a partir de um olhar antropológico de alguns dos pesquisadores presentes no campo, compõe um capítulo-ponte, que faz a transição entre os aspectos mais gerais e de contexto (o jornalismo esportivo e o esporte em Santa Catarina) e as questões mais específicas (produto e produção jornalística no JASC/2007) da pesquisa.

Os anexos trazem planilhas de registro e classificação do material jornalístico analisado, além de algumas fotos do campo de pesquisa.

Algumas palavras sobre a produção e a autoria dos capítulos deste livro. No total, quinze pesquisadores ligados ao Observatório da Mídia Esportiva envolveram-se, de diferentes maneiras e em diversos momentos, no estudo. Professores (mestres e doutores), pós-graduandos e acadêmicos, todos com formação (ou em formação) em Educação Física, revezaram-se nas tarefas de conceber, implementar, relatar e refletir sobre a investigação coletiva. Diante disso, entendemos que a melhor forma de apresentar as várias partes que compõem a obra seria em capítulos interdependentes, embora correndo riscos como sobreposição de temas e/ou bibliografias referidas nos diversos capítulos. Ainda assim, optamos por estabelecer a autoria de cada capítulo, identificando os pesquisadores mais diretamente responsáveis por ele, bem como dispor as referências bibliográficas do capítulo ao final do mesmo.

Por fim, restam palavras de agradecimentos a instituições e pessoas cuja contribuição foi decisiva para a realização da pesquisa. Sendo impossível nominá-los, queremos expressar nossa gratidão aos órgãos e profissionais de imprensa, que tão bem nos acolheram; aos responsáveis pela organização do esporte em Santa Catarina e do JASC/2007, também pela acolhida e a liberdade concedida para a realização do trabalho; aos jornalistas que são decanos do jornalismo esportivo no Estado, que com seus depoimentos nos mostraram como foram produzindo, ao longo dos anos, o “caminho das pedras”; à Rede CEDES da Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e Lazer/Ministério do Esporte, pela ajuda financeira e

o incentivo à pesquisa sob demanda; a UFSC, pelo apoio institucional que permite dispormos, no seu Centro de Desportos, do Laboratório de Mídia (LaboMídia), que abriga o nosso Grupo de Estudos Observatório da Mídia Esportiva.

Indicar a quem se destina uma publicação é um ato de descabida pretensão, como se além de escolhermos sobre o quê escrever ainda nos permitíssemos escolher nossos leitores. No entanto, mesmo correndo tal risco, ousamos afirmar que este livro pode ser interessante a pesquisadores dos dois campos de estudo que aqui são associados pelo esporte, a Educação Física e o Jornalismo. Pensamos também que agentes públicos envolvidos em políticas sociais de esporte e lazer podem encontrar na obra apontamentos para (re)pensar suas ações, especialmente quanto ao trato profissional e institucional com o campo midiático-esportivo.

Florianópolis, Ilha da Magia, julho/agosto de 2008.

O Organizador

1 - O TEMA DE PESQUISA, SEU CONTEXTO E PROBLEMATIZAÇÕES

Giovani De Lorenzi Pires

Cresce e se consolida no meio acadêmico a convicção de que a sociedade contemporânea é, sobretudo, uma sociedade mediatizada, isto é, suas representações coletivamente compartilhadas são constituídas sob influência explícita e cada maior dos meios de comunicação de massa. Essa compreensão é também reconhecida no campo político-social, âmbito onde acontece a mediação das relações entre diferentes interesses sociais, econômicos e ideológicos, presentes na sociedade.

Um e outro campo também compartilham, às vezes por vias diversas, do entendimento de que as formas de acesso e consumo e a qualidade da informação veiculada pela mídia são desiguais e iníquas, particularmente do ponto de vista das diferenças de classe social. Tomando como exemplo

a televisão, meio que hoje se configura como a principal mídia de massa, chegando a aproximadamente 97% dos lares brasileiros, observa-se que ela contém um sistema próprio de segmentação social dos seus usuários, representado por dois grandes blocos: a TV de sinal aberto e a TV por assinatura. Tais divisões se reproduzem nas emissoras de rádio (AM e FM), nos jornais (“grande imprensa” e tablóides sensacionalistas) e revistas (para público A, B, C, D, etc.), veículos que igualmente reafirmam as diferenças de acesso e qualidade de informação.

Assim, ao administrador público é importante que existam estratégias para identificar e mapear o tipo de informação que está sendo veiculada na mídia a respeito do objeto das políticas sociais públicas, a fim de que seus esforços, no sentido da abrangência do acesso e da qualidade da informação, possam ser reorientados quando necessários. Muitas vezes, tal processo de sistematização da informação é feito por meio de institutos de pesquisa de opinião, os quais carecem, normalmente, na necessária interpretação da qualidade da informação, ficando apenas no âmbito de dados quantitativos (minutagem, centimetragem, área, etc.). Estudos desenvolvidos por instituições do campo acadêmico podem suprir essa demanda, na medida em que, pela especificidade da área, conseguem aprofundar a análise, demonstrando tendências, lacunas, equívocos, etc.

A instalação de Observatórios, ainda não muito comum na área da Educação Física/Esportes, é fundamental em áreas sensíveis, em que o acompanhamento e a análise, por parte da academia, pode representar melhoria da qualidade do serviço oferecido à sociedade, especialmente pelo setor público. Neste sentido, o Grupo de Estudos Observatório da Mídia Esportiva apresenta-se como uma possibilidade para promover estudos na Educação Física que permitam acompanhar, registrar e socializar, de forma sistemática, a divulgação de matérias jornalísticas a respeito de programas de esporte e lazer nos quais haja interesses públicos e a participação de órgãos públicos, em âmbito federal, estadual e municipal.

Nossa experiência temática, apesar de ainda recente, tem nos permitido fazer este tipo de abordagem investigativa, com um número razoável de trabalhos publicados em periódicos e anais de eventos científicos. De forma especial, referimo-nos aqui à pesquisa que analisou a relação dialética en-

tre o local e o global na cobertura dos Jogos Olímpicos de Atenas/2004 por parte da mídia impressa do Estado de Santa Catarina (PIRES *et al.*, 2006-a, BITENCOURT *et al.*, 2005), ou à análise da produção científica brasileira em Educação Física/Esporto e mídia (PIRES *et al.*, 2006-b) bem como outros estudos de recepção também realizados (ANTUNES, 2006; LISBOA, 2006; MEZZAROBA e PIRES, 2006; MENDES e PIRES, 2006).

O Grupo de Pesquisa Observatório da Mídia Esportiva foi criado em 2003 e desde então vem se propondo a investigar as relações do campo da Educação Física, Esporte e Lazer com os meios de comunicação de massa e as novas tecnologias informacionais e de comunicação (TIC's), além de constituir-se em ponto de convergência para pesquisadores interessados em investigar possibilidades acadêmicas para o trato pedagógico da mídia esportiva na Educação Física.

Do ponto de vista acadêmico, ele é vinculado ao Núcleo de Estudos Pedagógicos da Educação Física - NEPEF/UFSC-CNPq - e encontra-se estabelecido junto ao Laboratório de Mídia do Centro de Desportos da UFSC - LaboMídia -, congregando pesquisadores de diferentes níveis de formação, além de manter estreita ação colaborativa com outros pesquisadores e grupos de pesquisa na área da mídia esportiva e de mídia-educação no país. Integram hoje a equipe do Observatório mais de quinze pesquisadores, sendo docentes universitários com titulação em grau de doutor ou mestre, alunos de pos-graduação (mestrado e/ou doutorado), além de alunos de graduação em Educação Física/UFSC e bolsistas de iniciação científica (PIBIC/CNPq).

São objetivos do Observatório:

- Refletir sobre conflitos e contradições que permeiam Cultura Midiática na sociedade contemporânea;
- Estabelecer um diálogo entre teorias do conhecimento, estudos sobre movimento humano e aspectos socioculturais, sobretudo os relacionados à mídia;
- Promover estudos sobre a apropriação da mídia como interlocutora nos processos educacionais;
- Estimular o ensino, a pesquisa e a extensão, em perspectiva crítica, nas relações Educação Física, Esporte, Lazer e Mídia.

Tais objetivos são buscados através das seguintes Formas de Ação:

- Investigações documentais e de campo, através de pesquisas individuais e coletivas.
- Produção/discussão de vídeos e filmes.
- Realização de Seminários, Palestras, Mesas, Encontros, etc.
- Oferta de disciplinas na graduação e pós-graduação.
- Desenvolvimento de atividades e projetos de extensão, especialmente na formação continuada de professores de Educação Física.
- Participação em Eventos como Congressos e Seminários da Educação Física e de outras áreas do conhecimento, de algum modo relacionadas ao campo dos estudos da comunicação, mídia e novas tecnologias de informação.

Do ponto de vista acadêmico, nossa atuação tem sido mais centrada no campo dos estudos sobre mídia na Educação Física, especialmente junto à comunidade que se reúne no âmbito do GTT Educação Física, Comunicação e Mídia do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Além disso, temos participado e publicado em anais de outros eventos da área e em diversos periódicos científicos. Nosso entendimento, todavia, é que esse material bibliográfico, por encontrar-se disperso em várias fontes nem sempre acessíveis ao conjunto dos profissionais interessados, precisa estar disponível de forma concentrada, para facilitar a consulta. Assim, a produção do Grupo do Grupo pode ser visualizada e acessada, na íntegra, em nosso endereço na internet (www.nepef.ufsc.br/labomidia).

A partir da Chamada Pública ME/SNDEL/REDE CEDES – 2007, o Grupo Observatório da Mídia Esportiva apresentou proposta de pesquisa atendendo a linha temática *“implantação de Núcleos Observatórios direcionados ao torcedor, mídia esportiva e políticas públicas”*, tendo sido aprovada de forma integral para receber apoio financeiro da Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e Lazer/Ministério do Esporte.

A **situação-problema** da pesquisa realizada pode ser representada pelos seguintes questionamentos: *de que modos e com quais intensidade e qualidade a mídia regional catarinense divulga e repercute eventos esportivos em âmbito estadual, promovidos e/ou apoiados pelo setor público? Em que condições objetivas são produzidas as informações veiculadas pelo jornalismo esportivo?*

Foram nossos objetivos na pesquisa:

- 1 - desenvolver estratégias de acompanhamento e registro da cobertura efetuada por veículos da mídia catarinense, referentes ao evento de maior visibilidade entre aqueles promovidos pela FESPORTE, os Jogos Abertos de Santa Catarina (JASC);
- 2 - analisar quantitativa e qualitativamente os dados dessa cobertura, visando identificar tendências e lacunas a respeito do material veiculado;
- 3 - observar editores, repórteres e produtores dos veículos analisados, durante o evento observado e logo após, na forma de entrevistas, para conhecer as condições e razões dos modos da produção da cobertura do evento selecionado.

2 - ALGUNS APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS SOBRE O OBJETO DE ESTUDO:

A sociedade contemporânea registra o desenvolvimento e expansão acelerados dos meios tecnológicos comunicacionais, o que concorre para a criação de uma cultura imagética e simbólica que vem se somar à tradição moderna da oralidade e da escrita.

A importância dos meios de comunicação na sociedade contemporânea implica seu estudo não apenas como fenômeno de massa, mas, sobretudo, como processo instituinte de valores, comportamentos e necessidades sociais da cultura de consumo. Neste sentido, pode-se considerar que o discurso midiático é, atualmente, um dos principais promotores de sentidos para o estabelecimento de compreensões socialmente mediadas a respeito de questões do cotidiano.

Crianças, jovens e adultos desenvolvem suas relações com os saberes e fazeres sociais pela mediação proporcionada através da presença subliminar dos meios, especialmente a televisão.

A cultura audiovisual, influenciada pela linguagem da televisão, produz uma percepção fragmentária e metonímica (as partes é que dão a noção

do todo) da realidade, cujas principais características seriam: a) mixagem entre palavra, imagem e som; b) dramatização das relações interpessoais; c) hiper-realismo (“tudo” é possível); d) descomplexificação da realidade proporcionada pelos recursos da edição; e) uso de linguagem oral popular (Babin, citado por Martirani, 1998)². Segundo a autora, esta “atmosfera difusa e imprecisa da realidade” é responsável pelo desenvolvimento de outro tipo de processo mental-cognitivo, uma inteligência associativo-comparativa (“tissular ou analógica”), que pode contrapor-se ou, se adequadamente explorada, complementar o modo linear e geométrico de aprender (a inteligência conceitual), consagrado pelos métodos tradicionais de ensino.

Os elementos da cultura de movimento (esporte, ginástica, dança, luta e jogo/brincadeiras) vêm experimentando as consequências desta mudança. A linguagem que registra e veicula as manifestações das práticas corporais, especialmente o esporte, tem se tornando cada vez mais imagética e espetacularizada pela televisão, gerando o que Betti (1998) denominou de esporte telespetáculo, dada a sua apropriação ser planejada e se dar preferencialmente pela mídia eletrônica.

Os demais veículos de massa, como rádio e jornal, embora também submetidos à lógica que norteia a mídia televisiva, têm características um pouco diferenciadas.

O rádio é considerado o meio mais democrático pelo fácil acesso, porquanto exigir uma tecnologia bastante simples e barata para ser consumido. De fato, o rádio parece ser o companheiro preferencial da população, não encontrando limites aparentes de ordem geracional. Estudo recentemente promovido pelo Observatório da Mídia Esportiva, observando as relações entre lazer e mídia no cotidiano de culturas juvenis, demonstrou que os jovens atribuem ao rádio a condição de parceiro de todas as horas, acessado durante o trabalho, as horas de estudos, nos deslocamentos e, sobretudo, no tempo livre, assumindo a condição de uma “trilha-sonora” ou “música-ambiente” dos afazeres diários (HACK, 2005).

Já os jornais parecem ter destinação para outro perfil de consumidores, especialmente àqueles que são considerados “formadores-de-opinião”. Isso se explica pelo fato de o consumo de jornal envolver uma dimensão econô-

mica (precisa ser adquirido) e de compreensão da palavra escrita, num país em que a leitura não se constitui numa habilidade universalizada. O jornal, todavia, por não estar submetido totalmente à velocidade imposta à informação como a TV e o rádio, permite uma melhor negociação entre consumidor/leitor e mídia, possibilitando a contextualização e o detalhamento a respeito de matérias jornalísticas apresentadas de forma sumária nas mídias eletrônicas. O jornal interpreta e realiza, de forma mais efetiva, as relações identitárias entre o local e o global, como podemos observar em estudo produzido no Observatório da Mídia Esportiva, sobre a cobertura da mídia impressa catarinense a respeito dos atletas “locais” participantes de um evento “global”, os jogos olímpicos de Atenas/2004 (PIRES *et al.*, 2006-a)

Neste sentido, a mídia parece ser necessariamente um elemento importante a ser considerado pelos administradores públicos do campo do esporte e do lazer, quando da definição das políticas públicas desse setor.

Sem aprofundar a discussão conceitual sobre políticas públicas, entendemos que estas precisam garantir a presença do Estado e o tipo de papel do Estado na esfera pública, entre outras coisas:

- a) como organizador/anunciador de macro-caminhos de ação, balizados pela transparência e democracia, visando garantir a participação popular desde a sua definição até o acompanhamento da sua implementação;
- b) como indutor/estimulador do desenvolvimento integrado da sociedade, especialmente naquelas áreas em que a iniciativa privada não tem interesse ou, pelo contrário, a sua presença possa representar a possibilidade de monopólio;
- c) como equalizador das demandas, no sentido de evitar a permanência das assimetrias de ordem regional, de gênero, de etnia/raça, de capacidade de organização, de formas de pressão, etc.

O fundamental é que, ao lado das ações propositivas do Estado, fique garantida a emancipação dos indivíduos e grupos como perspectiva a ser buscada/construída. Isto é, além de tentar “resolver” o problema momentâneo e, para isso, se utilizem medidas compensatórias, o projeto de políticas

públicas do Estado do campo popular e democrático deve buscar, em médio e longo prazos, uma mudança social mais profunda, visando garantir autonomia de organização e ação aos grupos focados, para que as razões que hoje justificam estas políticas sejam, enfim, superadas por ações da própria cidadania emancipada (PIRES, 2005).

Fundamentos teóricos-metodológicos:

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa realizada pode ser caracterizada como um estudo observacional-descritivo, de âmbito exploratório, que visa registrar dados e interpretá-los, à luz de determinado quadro teórico-conceitual, assentado preferencialmente nos estudos culturais latino-americanos e na teoria social crítica.

Há na investigação também uma dimensão dos chamados estudos de *newsmaking* (Wolf, 2001). Estes são consideradas como novas e emergentes abordagens para as pesquisas sobre comunicação de massa, a partir do reconhecimento de que o processo de produção da informação midiática não é isento da influência de fatores subjetivos, ideológicos, doutrinários, etc. Desta forma, os estudos de *newsmaking* visam a observar os emissores, inclusive e principalmente em seu espaço de trabalho, durante a sua rotina profissional, onde se revelam de forma mais pungente os seus hábitos, procedimentos e estratégias para colher, escolher, preparar e veicular a informação. Segundo o autor, as diferentes abordagens possíveis para as pesquisas de *newsmaking* têm em comum as técnicas da observação participante. Para Wolf (2001, p.186),

Os dados são recolhidos pelo investigador presente no ambiente que é objecto de estudo, quer pela observação sistemática de tudo o que aí acontece, quer através de conversas mais ou menos informais e ocasionais, ou verdadeiras entrevistas com as pessoas que põem em prática os processos produtivos [da informação].

A construção do *corpus* de dados para análise foi feita a partir de:

- a) clipagem diária de jornais (02) e televisões (02), sendo que o critério de inclusão para escolha dos veículos acompanhados levou em conta, além da acessibilidade, o fato de terem programações esportivas destinadas ao esporte e lazer em âmbito local e/ou estadual, não limitados ao futebol;
- b) observação (registrada em notas de campo) e entrevistas semi-estruturadas (gravadas em vídeo e áudio) com jornalistas destes veículos (redatores, editores, repórteres, locutores, etc.), visando discutir com eles aspectos da cobertura acompanhada, com o objetivo de tentar compreender como são feitas as pautas, as escolhas de abordagem, etc.

Os procedimentos para tratamento e interpretação dos dados foram:

- a) organização do banco de dados, com a transcrição dos dados advindos da clipagem da mídia, sendo utilizada estatística descritiva (percentual); e transcrição das entrevistas com os jornalistas;
- b) interpretação do material coletado e sistematizado por meio de análise de conteúdo que, conforme Bardin (s/d, p.42), "é conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens".

A divulgação dos resultados está sendo realizada através de duas formas básicas:

- a) produção de relatório final (veiculado também na forma do presente livro), de caráter mais descritivo, para ser distribuído a instituições diretamente envolvidas ou não com a pesquisa;
- b) produção de textos com recortes parciais, de enfoque mais analítico, visando socializar e discutir o tema em eventos e periódicos científicos da área.

Além disso, todo o material produzido está sendo disponibilizado na página do Observatório da Mídia Esportiva/UFSC (www.nepef.ufsc.br/labomidia).

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Scheila. *O "País do Futebol" na Copa do Mundo: estudo de recepção ao discurso midiático-esportivo com jovens escolares*. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis: PPGEF/UFSC, 2006.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, s/d.

BETTI, Mauro. *Janela de vidro: educação física, esporte e televisão*. Campinas: Papirus, 1998.

BITENCOURT, Fernando Gonçalves *et al.* Ritual Olímpico e os Mitos da Modernidade: implicações midiáticas na dialética universal-local. *Revista Pensar a Prática*. Goiânia, vol. 8, n 1, p. 21-36, jan/jun 2005.

HACK, Cassia. *Lazer e mídia no cotidiano das culturas juvenis*. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis: PPGEF/UFSC, 2005.

LISBOA, Mariana. *Representações do esporte-da-mídia na cultura lúdica das crianças*. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis: PPGEF/UFSC, 2006.

MARTINARI, Laura Alves. O vídeo e a pedagogia da comunicação no ensino universitário. In: PENTEADO, Heloisa P. (org.). *Pedagogia da comunicação: teorias e práticas*. São Paulo: Cortez, 1998.

MENDES, Diego; PIRES, Giovani De Lorenzi. Educação Física & novas linguagens comunicacionais: sentidos e significados da produção de recursos audiovisuais na formação de professores. *Revista Pensar a Prática*, v. 9, n.2, p. 181-196, jul-dez/2006

MEZZARROBA, Cristiano. *O agendamento esportivo e os Jogos Pan-americanos no Brasil em 2007: um estudo de recepção com escolares*. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis: PPGEF/UFSC, 2007.

MEZZARROBA, Cristiano; PIRES, Giovani De Lorenzi. Estratégias discursivas no agendamento do esporte na mídia: o voleibol masculino do Brasil em Atenas 2004. *FIEP Bulletin*, v. 76 – special edition: article II, p. 66-69, 2006.

PIRES, Giovani De Lorenzi *et al.* Catarinenses olímpicos na mídia impressa regional: a dialética local-global na cobertura dos jogos olímpicos de 2004. Congresso Sul-

brasileiro de Ciências do Esporte, 3, *Anais...* Santa Maria: 20 a 23/setembro/2006-a. PIRES, Giovani De Lorenzi *et al.* Retrato preliminar da produção em Educação Física /Mídia no Brasil. Congresso Brasileiro de Informação e Documentação Esportiva, 1, *Anais...* Brasília: MESP-IASI-CEV, 28-29/abril/2006-b (disponível em www.esporte.gov.br/conbide).

PIRES, Giovani De Lorenzi. A escola, a Educação Física e as políticas públicas: quais são os projetos para o esporte escolar? *Revista Metropolitana de Ciências do Movimento Humano*, ano 5, n.1, p. 9-15. São Paulo, 2005.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*, 6 ed. Lisboa/PT: Presença, 2001.



PROPOSIÇÕES SOBRE A IMPRENSA E O JORNALISMO
ESPORTIVO EM SANTA CATARINA

*Fábio Messa;
Victor Azevedo;
Cristiano Mezzaroba*

Para visualizarmos sinteticamente a trajetória da imprensa e os rumos do jornalismo esportivo no estado de Santa Catarina, convém entendermos o surgimento da mídia impressa em suas diferentes regiões, principalmente no norte do Estado. Depois vamos enfatizar a transformação do rádio como o meio por excelência para as primeiras narrativas sobre o esporte, na região de Blumenau. E por fim, abordaremos o advento da televisão já na região da capital.

Definir com precisão o início da mídia impressa no estado pode não ser tão fácil. Os primeiros registros confirmam que, em 1852, surgiu

na região de Joinville o *Der Beobachter am Mathiasstrom - O Observador às Margens do Rio Mathias*, apontado como o primeiro jornal da imprensa catarinense, e segundo no país em língua alemã (PEREIRA, 1992). Foi fundado pelo imigrante, na época escrivão da colônia Dona Francisca, Karl Knüppel. O veículo tinha por meta informar aos colonos sobre sua terra e suas condições, além de auxiliá-los em suas produções agrícolas. Não há informação exata sobre o tempo de circulação desse jornal. Uma década depois, foi lançado o *Kolonie-Zeitung*, pelo advogado, jornalista e político Ottokar Doerffel, um importante agente na colonização e institucionalização. Até 1938 manteve-se somente em língua alemã, para logo mais começar a ser publicado em português, por causa da Campanha de Nacionalização decretada por Vargas. Só que, como maior parte dos leitores sabia ler apenas em alemão, o jornal perdeu público, falindo em 1940. Teve cerca de 80 anos de história.

O pesquisador Plácido Gomes enumerou dezenas de publicações jornalísticas de Joinville, compondo o *Álbum do Centenário de Joinville*, em 1951, evidenciando que a maioria das publicações sempre teve um caráter político-partidário, o que era característica do jornalismo na primeira metade do século XX no país (GOMES, 1951). E essa condição tornava os jornais efêmeros, facilmente perecíveis. Raras foram as iniciativas empresariais para a sustentação comercial dos veículos. Uma das publicações de maior destaque, ainda no período pré-republicano, foi a *Gazeta de Joinville*, de 1877, o primeiro jornal já em português, para uma colônia de aproximadamente 20 mil habitantes, quase todos leitores em alemão.

A *Gazeta de Joinville*, em 1905, passa a ser propriedade do jornalista Eduardo Schwartz. O jornalista Crispim Mira, assassinado por questões políticas, em 1927, foi um dos redatores da *Gazeta* e considerado um dos mais conceituados redatores nas primeiras décadas do século XX. Eduardo Schwartz também coordenou o *Jornal de Joinville*, a partir de 1919, já encampado pela rede Diários Associados, circulando até a década de 80. Nas editorias de esporte, o que se registra é que em Joinville, após os anos 40, destacaram-se os comentaristas Arcy Neves, N. Stamm, Realcy Moreira, Jota Gonçalves, Hugo Weber, José Lopes de Oliveira, Raul Vidal e Gilberto Navarro Lins.

Sobre a história do jornal *A Notícia*, Apolinário Ternes registra que o veículo foi fundado em 1923 pelo paranaense Aurino Soares, que já acumu-

lava experiências jornalísticas em Curitiba, Rio de Janeiro e Florianópolis. É possível identificar o avanço do jornal a partir de quatro fases distintas (BALDESSAR, 2005). A 1ª fase comandada pelo seu fundador até 1944 que, durante 20 anos, fez o semanário de quatro páginas tornar-se um grande jornal com parque gráfico próprio e com considerável circulação em dois outros estados – Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Em junho de 1924, o *A Notícia* lançou outro noticioso para dar maior realce às suas edições, com o título *Notas Esportivas*. A cada edição, apresentava um painel com as últimas informações esportivas de caráter local e estadual, uma novidade que instigava os leitores, como nos grandes jornais do eixo Rio-São Paulo.

O jornal, simultaneamente com a seção de notas esportivas, lançava uma promoção, solicitando a opinião dos leitores sobre o clube de futebol mais apreciado e sobre os jogadores preferidos. Concursos deste tipo, mesmo num jornal semanal, despertavam a atenção geral, mobilizando a opinião pública, mostrando essencialmente a influência e a penetração que o veículo já conseguia alcançar, apenas 18 meses depois de seu lançamento. Já na década de 30, notícias esportivas tinham espaço garantido. Em 1937, uma das sete colunas do jornal abordava o esporte. Arci Neves foi o responsável por muitos anos pelo noticiário esportivo. (BALDESSAR, 2005)

A 2ª fase ficou marcada pela morte de Aurino Soares, que ocasionou uma parada de 18 meses de circulação, só retornando por volta de 1946, já sob o controle acionário do empresário Antonio Ramos Alvim e do político Aderbal Ramos da Silva, ambos de Florianópolis. Esta fase, apesar de iniciada por uma falta, acabou compensando-se pelos seus novos empreendedores.

A 3ª fase do *A Notícia* começa em 1956 com o jornal passando ao controle de 130 acionistas, quase todos de Joinville. Leopoldo Schroeder assina, em 1956, seus primeiros artigos de esporte, mais tarde tornando-se responsável pelo *A Notícia Esportiva*. A partir dos anos 60, consolida-se o bom jornalismo esportivo, com noticiário completo e artigos de fundo, assinados por importantes nomes como: Arci Neves, Hugo Weber, Arão Tito de Sousa, Augusto Parcias, Luís Mauro Correa, Nerval Pereira, João Carlos Vieira e Jorge Antônio da Silva. Destaca-se, também, nesses 15 anos de atividades, a participação do editor Joel do Nascimento, o Maceió, que até

hoje é colunista de *A Notícia*. A promoção *Destaques Esportivos do Ano*, iniciada em 1966, manteve-se por muitos anos, conquistando grande importância no contexto jornalístico joinvillense, chegando a âmbito estadual a partir de 1982 (TERNES, 1983, p.116)

Numa iniciativa de Jorge Antônio da Silva, também do quadro de redatores, em 1966, *A Notícia* deu início a uma promoção que se manteve até recentemente, conquistando o respeito do público, consolidando sua penetração junto aos meios esportivos. A promoção *Os Destaques Esportivos*, que alcançou mais de 16 edições, constituiu-se na principal jogada de marketing anual do periódico. Escolhiam atletas, dirigentes e técnicos de destaque de cada ano em suas diferentes modalidades, reunindo-os numa festa de confraternização para a entrega do troféu *O Jornaleiro*, valorizando os esforços individuais e coletivos.

Convém destacar que, por muito tempo, o jornal manteve a liderança como veículo informativo, com ênfase para a editoria de esportes. Foram muitos os nomes do jornalismo esportivo de Santa Catarina que passaram pelo *A Notícia*, fazendo-o adquirir um considerável *know-how* de influência e penetração junto à opinião pública.

A 4ª e última fase consolidou o veículo desde 1978 até o presente. Começou com Moacir Thomazi à presidência, que já pretendia recuperá-lo, recolocando-o na liderança editorial e jornalística do estado. Em 25 de agosto de 1980, concretiza-se um dos itens já programados para o início da nova fase do jornal: a publicação de um caderno esportivo, às segundas-feiras: *A Notícia Esportiva*. Abriu-se nova sede, novo parque gráfico e, por fim, alcançou índices significativos de audiência e rendimento.

Voltando mais ao tempo, indo para o norte do estado, em São Bento do Sul tem-se a referência de *O Urubu*, em 1885, doze anos após o surgimento da colônia, um primeiro jornal ainda manuscrito, fundado pelo médico Felipe Maria Wolf para difundir ideais republicanos. Em 1890, ele passa para a tipografia, e Wolf funda o *Liberdade* que, em 1892, transformou-se em *Legalidade*, também de Wolf. Em 1900, o mesmo ainda funda o *Der Wolksbote*, de língua alemã, que teve 10 anos de vida útil. Este mesmo republicano convicto chegou a ceder sua residência para a instalação do quartel general dos revolucionários federalistas em 1893.

Depois disso, nas décadas de 30 e 40, diversos jornais de vida curta multiplicaram-se como o *Tribuna da Serra*, de 1963, que até adotou sucursais e teve a pretensão de regionalizar-se. Nos dias atuais, São Bento do Sul conta com o *Informação* (1979), o *Evolução* (1990) e *A Gazeta* (1995), o único diário (BALDESSAR, 2005, P.30)

Em Jaraguá do Sul, há o *Correio do Povo*, que existe até hoje, e foi fundado por Venâncio da Silva Porto, em 1919. Além deste, circulam na cidade *A Gazeta*, com destaque para os editoriais de esporte e o de sociedade; o *Absoluto*, primeiro jornal eletrônico de SC; o *AN Jaraguá*, caderno diário de *A Notícia*. Em Guarapirema destacam-se os jornais *O Regional* e *Jornal do Vale*.

Na região da Serra, no período republicano, o jornalismo estava muito engajado com os partidos políticos do contexto. O jornal mais antigo foi *O Lageano*, de 1883, semanário dirigido pelo professor João da Cruz e Silva, que defendia o ensino público e criticava as estradas da região (PEREIRA, 1992). Com a proclamação da República, ele deixou de circular, retornando em 1891. O jornal *O Escudo*, de 1886, era um órgão do Partido Liberal. Depois, em 1893, *O Rebate* substituiu o anterior, passando a representar o Partido Republicano Federalista. Não podemos esquecer da *Gazeta de Lages*, de 1892, dirigida pelo intelectual Manoel Thiago de Castro, que também coordenou *O Município*, em 1896, marcando época em todas as regiões catarinenses por sua ampla atuação política. Instituiu a sátira e o humor irônico, criticando políticos como o governador Hercílio Luz. Algumas polêmicas eram de caráter pessoal, geralmente pagas pelos políticos opositores.

Em 1901, surge *O Imparcial*, semanário que afrontava padres como o frei Pedro Sinzig e veio a falir em 1907, por causa dessas críticas. Este mesmo padre fundou um ano depois *O Cruzeiro do Sul*, para rebatê-las. Com o movimento tenentista, depois de 1917, cada vez mais essas lutas políticas foram acirradas, gerando diversos jornais de vida curta, geralmente semanários, embora o que prevalecesse ainda era o jornal dos padres. Resta ainda acrescentar que nem só em Lages vigoravam os jornais, na região serrana, mas em cidades como Caçador, com o jornal *Folha da Cidade*; Canoinhas, com o *Correio do Norte* e a *Folha do Planalto*; Capinzal, com *O Tempo*; Joaçaba, com *O Vale*; Ponte Serrada, com *A Gazeta do Oeste*; Taió, com a *Ga-*

zeta do Alto Vale; além de Curitiba, com *A Semana*. Todos demonstravam a tendência e a necessidade das pequenas e médias cidades terem seus próprios jornais, para enfatizar os fatos locais.

No oeste do estado, o jornal *Diário da Manhã* circula em Chapecó desde a década de 80, mantendo um estilo sóbrio e gerando notícias que nem sempre representavam os interesses hegemônicos da imprensa, principalmente aquelas relacionadas ao Poder Executivo e com os grupos privilegiados economicamente. Isto mostrava um já articulado movimento de resistência dos profissionais (BALDESSAR, 2005, p.45-46).

As mais importantes transformações no jornalismo da região oeste do estado efetivamente só aconteceram quando implantados os primeiros cursos superiores de jornalismo já em 1990, em Chapecó, seguido depois por Concórdia e São Miguel do Oeste. Havia um choque legalista que problematizava a profissionalização dos comunicadores não habilitados, enquanto a ação sindical preocupava-se em estabelecer filiação desses jornalistas, a partir de cursos de aperfeiçoamento, para promover o credenciamento e debater com mais profundidade as atividades exercidas. Merecem destaque as jornalistas Solange Oro, Fernanda Conte e Cátia Leite De Filtro, que foram as primeiras a agitarem uma greve num meio de comunicação desta região, consolidando o espírito sindicalista (BALDESSAR, 2005, p.48).

No sul do estado, mais precisamente em Tubarão, o jornalista João de Oliveira foi o pioneiro na região, com os periódicos *O Argonauta* (1911), a *Gazeta do Sul* (1912) e *A Folha* (1913). Mais tarde, surgiram os jornais *Folha do Sul* (1918), *Correio do Sul* e *A Tribuna*, ambos de 1919, e *A Imprensa* (1922). Assim como a Rádio Tubá, existente até hoje como um dos líderes de audiência.

Somente em setembro de 1971, que o estado inicia a era da modernização com o seu primeiro jornal em *off-set*, sistema privilegiado apenas pelos grandes diários das principais cidades do país. Era *O Jornal de Santa Catarina*, o primeiro com sistema de telefoto, que contava com uma frota de 26 veículos para a sua distribuição. O *Santa* nasceu para completar a primeira grande rede de comunicação do estado. De certa forma, o seu lançamento, em Blumenau, gerou uma onda de choques com o jornalismo da

Grande Florianópolis, pois selecionou profissionais de maior qualidade, incorporados às novas tecnologias de impressão (BALDESSAR, 2005, p.59). O jornal *O Estado*, na capital, também se mobilizou, estreando nova sede, na rua Felipe Schmidt, com equipamentos equivalentes ao concorrente. Houve um *boom* de jornalistas gaúchos nas redações, o que propiciou um choque cultural e profissional, agitando o ambiente, provocando discussões e estimulando cada vez mais o aperfeiçoamento dos veículos. Em 1977, foram lançados os jornais *Diário de Notícias*, da Grande Florianópolis, *A Nação*, de Blumenau, e o *Jornal de Joinville*, todos do grupo Diários Associados, que mantinham o mesmo miolo, só diferindo nas partes locais e nas capas.

No que se refere à produção jornalística voltada para os esportes, em todos estes veículos do estado, não podemos esquecer de frisar que o futebol, mais do que um esporte, foi transformado num grande espetáculo de massa, numa prática política teatralizada. Nas primeiras três décadas do século XX, o futebol funcionou basicamente como um ritual discriminatório de classes. Era um privilégio de brancos ricos, que excluía os nativos pobres. O futebol acabou capitalizando aspectos de uma ideologia populista difusa nos quais se misturavam anseios de entretenimento com aspirações de ascensão social. Só no fim da década de 60 é que surgiram os grandes cadernos de esportes nos jornais. Em São Paulo, por exemplo, surgiu o *Caderno de Esportes*, que originou o *Jornal da Tarde*, uma das mais importantes experiências, segundo Coelho (2003), de grandes reportagens do jornalismo brasileiro. Neste período o país entrou na lista dos países com imprensa esportiva de larga extensão.

O jornalismo esportivo catarinense, pra não referir o nacional como um todo, assumiu um caráter conservador em certo aspecto: mantendo para o futebol o espaço mais generoso, enquanto outros esportes emergentes ou em ascensão foram distribuídos em poucas ou meias páginas ou blocos. Esse lugar comum já impediu o surgimento de outros públicos para esportes amadores, sem chance de divulgação. A notícia esportiva sempre registrou o jogo ou a disputa. Dela as pessoas tomam o conhecimento assistindo ao espetáculo ou a partir de resumos – os lances principais. Tudo mais é constituído de declarações e decisões, tomadas num clima de pai-

xão, em torno das quais se propõem análises e prognósticos – a chamada crônica esportiva. Sabe-se que o primeiro estudo sobre mídia esportiva no Brasil ocorreu em 1966, quando foram analisados três jornais brasileiros (um metropolitano de prestígio nacional, um meso-regional e outro local). Verificou que o esporte figurava em terceiro lugar na agenda noticiosa dessas publicações, precedido de assuntos relacionados à cultura e à administração pública (MELO, 2005).

A segunda pesquisa ocorreu um ano depois, quando já fora constatado que a notícia de esporte passou a liderar a agenda noticiosa dos jornais paulistanos. E a sua terceira pesquisa só aconteceu cerca de 30 anos depois, já em 1996, que revelou um quadro contrastante: “enquanto os jornais paulistas elegem o esporte como temática principal, a ela dedicando, em média, 14% do espaço jornalístico, os jornais de prestígio nacional colocam o esporte (7%) em quarto lugar na lista de suas prioridades.” (Melo, 2003, p. 115). Dos jornais analisados, o único que ignorava solenemente as atividades esportivas era a *Gazeta Mercantil*, não dedicando nenhum centímetro-coluna.

Para entendermos como se constitui a estruturação das notícias de esporte nos jornais impressos do estado, seria necessário verificar com rigor o posicionamento dos jornalistas nas organizações das editorias de esporte. Já sabemos que as notícias não são uma produção idealista e que, num exercício de fantasia, poderiam se impor por critérios que elas mesmas teriam o poder de consolidar, de forma intrínseca, automática, e, por que não, esotérica ou fantasmagórica. Notícia alguma se faz por si mesma.

Essa estrutura de notícia esportiva, além de omitir outros assuntos, apesar de seu valor técnico, só contribuiu, então, para o conservadorismo do setor de esportes e para a sua decorrente estagnação do mercado. Outros e novos públicos leitores deixaram de ser formados em razão dessa peculiaridade elitista e anacrônica, que acabou desconsiderando tanto os critérios de noticiabilidade, como os princípios esportivos e suas relações interdisciplinares. A editoria de esportes tornou-se a segunda divisão da redação de um jornal, restrita a um universo vicioso e limitado.

Narrativas do Esporte pela Radiodifusão

Os registros mais remotos de noticiário esportivo datam de 1940, na *Rádio Clube* de Blumenau, quando foi ao ar *A Marcha do Esporte*, um programa esportivo, transmitido diariamente às 12h30. Nesta época os recursos eram muito escassos, mas os profissionais, mesmo carregando os fios nas costas, faziam a cobertura dos eventos sem reclamar. A *Rádio Difusora*, de Joinville, transmitia o jogo do América, time que representava a cidade, por linha telefônica direto de Porto Alegre.

A expansão do meio, assim como já havia sido com o impresso, também atribuía-se, com mais força, aos interesses políticos da elite dominante, o que não ocorria exatamente com a televisão, já na década de 60, pois ainda havia um relativo desconhecimento das classes políticas sobre o novo meio, além da inexistência de empresários do setor para transformar a atividade em esquema profissional.

Em 1947, em Florianópolis, foi transmitido o primeiro jogo de futebol, pela *Rádio Guarujá* diretamente do Campo da Liga, ou *Parque do Bode*, como era chamado o estádio Adolfo Konder, do Avaí Futebol Clube, local onde se encontra hoje o *Shopping Beira-Mar*. Vale lembrar que a *Rádio Guarujá* foi a primeira estação da capital, que também cobria outros esportes como o Remo e o Basquete. Havia um sistema de alto-falantes na Praça XV, de onde transmitiam as notícias.

Neste ínterim, o comentarista Roberto Alves (atualmente colunista do *Diário Catarinense* e da programação da RBSTV) já trabalhava como operador de som, tornando-se, três anos depois, repórter de campo. Geralmente as transmissões eram feitas em dupla, na mesma linha da antológica dupla carioca da *Rádio Nacional*, formada por Jorge Curi e Antônio Cordeiro. Tudo era feito em cima da hora, com narrador, comentarista e um repórter de campo. O som também não era de boa qualidade, e a comunicação entre a equipe era restrita. Por exemplo, para comunicarem-se com a mesa de som, alguns utilizavam mímica, pois o operador encontrava-se isolado numa outra sala. (Cf. entrevista com Roberto Alves, 2008)

A rádio *Diário da Manhã*, também da capital, fez as primeiras transmissões internacionais diretas. Nela, Fernando Linhares (um dos principais

expoentes da crônica esportiva da região), a partir de 1955, já redigia para o programa *Momento Esportivo Brahma*. Conta ele que chegou a narrar até mesmo partida de botão (Cf. entrevista com Fernando Linhares, 2008). Nos anos 60, Nimar Bitencourt (outro importante difusor das falas esportivas na capital, hoje produtor e apresentador de programas sobre esporte na *TV Capital*) começou na rádio *Anita Garibaldi*, trabalhando no programa *Discoteca do Ouvinte* como redator. Depois surgiu uma oportunidade no esporte para fazer reportagem de campo, quando começou a fazer cobertura de Avaí e Figueirense. (Cf. entrevista com Nimar Bitencourt, 2008). Já no final da década de 50, destacavam-se os times Paula Ramos, que foi campeão estadual, e o Metropolitano, na década de 60.

Em coberturas dos Jogos Abertos de SC, Nimar Bitencourt participou de duas edições. Numa muito superficialmente, e na outra, realizada na capital em 1961, ele esteve pela rádio *Anita Garibaldi* cobrindo e comentando jogos de basquete e vôlei, informando também sobre atletismo. Para o comentarista, quem faz crônica esportiva hoje não é necessariamente um pessoal diplomado, nem em jornalismo, nem em educação física. Quem comenta esportes trabalha muito mais em cima da sua vivência, da sua experiência, do seu dia-a-dia, do que sobre postulados científicos ou teóricos, “tanto que o futebol é calcado em cima da estatística, dos campeonatos, dos resultados, dos gols marcados, do regulamento, de informações a respeito de transferências de jogadores etc.” (Cf. entrevista com Nimar Bitencourt, 2008).

Em seguida, começa a concorrência entre as rádios *Guarujá* (fundada em 43) e a rádio *Diário da Manhã* (fundada em 55). A primeira, comandada por Aderbal Ramos da Silva, do PSD (Partido Social Democrata), também elogiado pelo jornal *O Estado*, e a segunda, por Irineu Bornhausen, da UDN (União Democrática Nacional). Seus ouvintes eram simpatizantes desses partidos. Até os dois principais times da cidade estavam relacionados a estes partidos. O Avaí era do PSD, e o Figueirense, da UDN. Além dos clubes de remo Aldo Luz, do PSD, e Martinelli, da UDN, assim como as escolas de samba *Copa Lord* e *Protegidos da Princesa*, respectivamente (Cf. entrevista com Roberto Alves, 2008).

Jornais e emissoras eram praticamente de propriedade de uma ou outra corrente política, os jornalistas e redatores também eram engajados nessa rotina panfletária, que funcionava como uma espécie de porta-voz dos partidos e coligações. Essa polarização entre PSD e UDN vingou até meados da década de 70.

O advento do esporte na televisão

A primeira transmissão televisiva no estado ocorreu por meio de uma emissora pirata, a *TV Florianópolis*, e os comentários esportivos eram feitos por Lauro Soncini (PEREIRA, 1992). A emissora já vinha fazendo experimentações há alguns meses, mas depois não obteve concessão e foi lacrada por falta de licença. O proprietário era o comerciante de Tubarão, Hilário Silvestre que, no final de 64, fez uma solicitação para o Conselho Nacional de Comunicações (Contel), pedindo licença para operar uma emissora em Florianópolis. Em 65 um edital abriu concorrência para a concessão de um canal na capital. Além da empresa de Silvestre, participaram outros grupos como a *Rádio e Televisão Cultura Ltda*, da Sociedade Pró-Desenvolvimento da Televisão em Florianópolis, que já fazia a retransmissão da *TV Piratini*, de Porto Alegre, para a região, contando ainda com o apoio do ex-governador Aderbal Ramos da Silva, do PSD, enquanto a *TV Campeche Ltda*, outra concorrente, estava vinculada à família Bornhausen, da UDN. Depois do edital, a *TV Florianópolis* foi definitivamente extinta, fazendo Silvestre ainda tentar recuperá-la, mas sem sucesso (CRUZ, 1996).

O que diferenciava basicamente os conteúdos veiculados em rádio e televisão era a ocorrência das radio novelas e da cobertura esportiva. “Esta, particularmente, ganhava repercussão internacional. Incontáveis transmissões foram feitas à época pelas rádios *Diário da Manhã* e *Guarujá*, de campeonatos mundiais de remo realizados em países do cone-sul. As dificuldades técnicas não impediam transmissões ao vivo com índices expressivos de audiência”. (PEREIRA, 1992, p. 69)

A *TV Coligadas* fundava-se oficialmente em Blumenau, em 1969, numa iniciativa do advogado Wilson Melo, que já tinha cinco emissoras de

rádio no Vale do Itajaí. A emissora tinha 42 repetidoras e alcançava pelo menos 2/3 do território catarinense somente um ano após sua criação. Nela, Pedro Lopes apresentava um programa de esportes (PEREIRA, 1992). Em seguida, a *Rede Globo* passou a preencher a maior parte da programação, pois o *Jornal Nacional* já chegava via Embratel com transmissão direta e em tempo real.

Conforme o futebol ia crescendo, assim como seus clubes, as emissoras foram se adequando. Logo Avaí e Figueirense recuperaram o prestígio na capital. A partir de 76, surgiu o Joinville, através da fusão técnica do América e do Caxias. Criou-se o símbolo do time através da união das cores de ambos, tricolor - vermelho, preto e branco. Evoluíram também as rádios de Joinville, a *Difusora*, a *Colon* e a *Cultura*, todas acompanhando o futebol. Em 70 aparece a *TV Cultura*, onde foi montada uma equipe esportiva com Fernando Linhares e Roberto Alves com o programa *Bola em Jogo*. Foi esta emissora que passou a transmitir os jogos do Avaí e do Figueirense, espalhando-se por todo o estado com repetidoras de imagens, difundindo também o Joinville, ao vivo, para o Campeonato Brasileiro. (Cf. entrevista com Fernando Linhares, 2008).

A *TV Cultura* tinha um sinal de boa qualidade e transmitia a programação da Rede Tupi, que já possuía grande aceitação, conquistando a liderança de audiência em relação à *TV Coligadas* que, por situar-se em Blumenau, captava um sinal muito fraco. Portanto o hábito de ver televisão se consolidou na capital por meio da *TV Cultura*. (CRUZ, 1996, p.57). A *TV Coligadas* só estendeu o sinal para Florianópolis por determinação da *Rede Globo*, já que de fato havia mesmo uma rivalidade entre as cidades do interior e a capital. Por essa falta de liderança da *TV Coligadas* é que se deve a chegada da *RBS TV* para as novas negociações, embasadas num minucioso planejamento de mercado.

A RBS acabou aproveitando-se desta série de problemas a serem solucionados, por essa falta de integração e pulverização do mercado em vários pontos de espaço geográfico catarinense. Em pesquisas de marketing, a assessoria da emissora constatou que, em relação aos aspectos políticos, não havia uma centralização de poder, e sim uma distribuição em cidades-

pólo, além da economia, que apresentava um caráter regional e exportador. Foi criado um modelo invejável de indústria cultural, mimético ao formato que já existia no Rio Grande do Sul.

Para implacar o projeto, o rádio foi descartado, porque já se acentuava a tendência em tornar-se um meio local, ainda mais com o surgimento das FMs. O jornal também não se apresentou como a melhor opção porque havia a necessidade de afirmar a tradição para obter credibilidade, característica que a RBS não possuía em SC. Portanto, foi a televisão o meio escolhido para liderar a empreitada, por ser o veículo de maior penetração, capaz de fidelizar de imediato os novos espectadores. Em apenas três anos, a *Rede Brasil Sul*, como no jogo *War*, conquistou praticamente todo o território catarinense, comprando as emissoras de Joinville, Blumenau e Chapecó, sobrepondo-se às antigas oligarquias Ramos da Silva e Konder Bornhausen, numa junção de sorte, planejamento, acordos políticos convenientes e competência empresarial.

Neste cenário, o esporte criou o seu espaço, em meio a relações políticas e mercadológicas. A imprensa esportiva catarinense, considerando aqui todos os conglomerados midiáticos – jornais, emissoras de rádio e televisão, desenvolveu-se a partir da percepção desses novos empresários da comunicação das tendências e necessidades em valorizar extremamente esta seção que passou a ser a mais lida, ouvida e assistida, inserindo-a na lógica comercial do lucro. Fica evidente que a transmissão da informação esportiva sempre esteve a serviço de forças políticas, servindo, então, como bálsamo para os consumidores-eleitores-torcedores, instituindo-se como entretenimento para disfarçar as crises de diversas ordens, retratadas nas demais editorias.

REFERÊNCIAS

BALDESSAR, Maria José e CHRISTOFOLETTI, Rogério (org.). *Jornalismo em Perspectiva*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.

CAMARGO, Vera Regina Toledo e GONÇALVES, Micheli Cristina de Andrade. *A memória da imprensa esportiva no Brasil: a história (re)contada através da literatura*. Trabalho apresentado ao NP 18 – Comunicação e Esporte, V Encontro de Núcleos de Pesquisa da Intercom, s/d.

CRUZ, Dulce Márcia. *Televisão e Negócio – a RBS em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.

GOMES, Plácido. *Álbum do Centenário de Joinville*, 1951.

LEANDRO, Paulo Roberto. *Jornalismo esportivo como especialização capaz de ampliar a autonomia em relação a fontes interessadas em desenvolver carreira política*. Salvador: edições eletrônicas, s/d.

MEDEIROS, Ricardo e VIERIA, Lúcia Helena. *História do Rádio em Santa Catarina*. Florianópolis: Editora Insular, 1999.

MELO, José Marques de. *Midiologia para iniciantes: uma viagem coloquial ao planeta mídia*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2005

PEREIRA, Moacir. *Imprensa e Poder: a comunicação em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli: FCC edições, 1992.

TERNES, Apolinário. *História do Jornal A Notícia*. Joinville: A Notícia. 1983.

ENTREVISTAS

Fernando Linhares. Entrevista concedida ao grupo *Observatório da Mídia Esportiva*, junho de 2008.

Roberto Alves. Entrevista concedida ao grupo *Observatório da Mídia Esportiva*, junho de 2008.

Nimar Bittencourt. Entrevista concedida ao grupo *Observatório da Mídia Esportiva*, junho de 2008.

O ESPORTE “AMADOR” EM SANTA CATARINA: A FESPORTE E O JASC

*Diego S. Mendes;
Daniel Minuzzi de Souza;
Huáscar Sidorak Castro*

O desenvolvimento do esporte e, principalmente, do esporte “amador” no Estado de Santa Catarina, na segunda metade do século passado se deu, de forma geral, similarmente ao percurso seguido pelo esporte no Brasil. Considerando-se aí, sobretudo, as regiões mais desenvolvidas do país, como a região Sudeste, por exemplo. Entretanto, este desenvolvimento generalizado encontra no Estado condições específicas de organização e estruturação que lhe confere peculiaridades locais de relevância significativas para o contexto da produção de uma cultura esportiva catarinense. É exatamente neste ponto que pretendemos nos ater, a

fim de destacar, entre outras coisas, o papel que jogam, neste cenário, dois atores de fundamental importância para o esporte dito amador no Estado em questão: Os Jogos Abertos de Santa Catarina (JASC) e a Fundação Catarinense de Esporte (FESPORTE).

Para compreendermos tal relação, no entanto, é necessário apresentar um espectro do que se apresenta no horizonte ao se referenciar o esporte “amador”¹ em Santa Catarina. O Estado tem um dos mais bem estruturados sistemas esportivo do país. O dito esporte “amador” (excetuando o futebol), talvez em virtude da grande influência européia na sua colonização, encontra-se ramificado em todo o Estado, sendo que sua prática alcança boa parte da população de todas as idades. Papel importante exerce, no caso, o poder público: Santa Catarina é, provavelmente, o único Estado que tem uma Secretaria Estadual de Organização do Lazer (SOL), composta pelas fundações específicas que tratam do esporte, da cultura e do turismo².

No campo esportivo, a gestão pública é feita de modo compartilhado entre o Conselho Estadual de Esporte, como órgão definidor das políticas, prioridades e normas, e a Fundação Estadual de Esporte (FESPORTE), que tem papel operacional, articulado com as Fundações Municipais de Esporte (FME), presentes em praticamente todos os municípios³. O sistema esportivo público assim concebido e com dotação orçamentária específica garante um amplo processo de participação dos municípios, mesmo daqueles de pequeno porte e baixo poder econômico, uma vez que há o incremento das ações por meio da regionalização das etapas nos principais eventos esportivos promovidos pela FESPORTE, entre os quais se destacam: Jogos Abertos de Santa

1 No documento referente à Política Estadual de Desportos de Santa Catarina, de 1999, o JASC é classificado como esporte de rendimento. Apesar disso, entendemos que o discurso midiático apresenta-o como um encontro do esporte amador, com exceção do Futebol. Por este motivo utilizamos o termo amador entre aspas.

2 No segundo mandato do atual governador Luis Henrique da Silveira, ela passou a chamar-se Secretaria de Turismo, Cultura e Esporte, mantendo a sua forma de funcionamento via fundações estaduais nas respectivas áreas.

3 O relacionamento administrativo no campo esportivo entre Estado e Municípios, definido em lei estadual, deve ser entre fundações. Assim, a participação dos municípios nos eventos promovidos pela FESPORTE só pode se dar através de fundações municipais de esporte, o que implica a quase obrigatoriedade da sua criação.

Catarina (JASC); Joguinhos Abertos, Para-JASC; Jogos Escolares de Santa Catarina (JESC) e Olimpíada Estudantil de Santa Catarina (OLESC); assim como a Volta Ciclística do Estado; a Maratona Internacional de Santa Catarina e a Maratona Aquática (de travessias). A vocação esportiva do Estado tem proporcionado também ao poder público captar e apoiar eventos em parceria com a iniciativa privada, dos quais os principais são o triatlo IRONMAN; Volta à Ilha; Moleque Bom de Bola e o Festival de Dança de Joinville.

Apesar da óbvia influência política exercida pelo partido ou grupos partidários que se revezam no poder, tanto em âmbito estadual quanto municipal, o esporte em Santa Catarina assume condição próxima a uma política de Estado (e não apenas de governo), o que possibilita certa estabilidade e perenidade dos grandes projetos esportivos, fazendo com que alguns dos eventos da FESPORTE, como o JASC, esteja na sua 47ª edição em 2007.

Este evento, em especial, revela importância central no desenvolvimento esportivo do Estado, especialmente no fomento e organização do esporte “amador” catarinense, conforme se pode constatar em estudo recente sobre as políticas públicas de esporte e lazer em Santa Catarina realizado por Vaz (2001). O fato decorre de o evento ser um dos mais antigos do Estado, sendo realizado desde a década de 1960 e da presença concomitante dos esportes ditos olímpicos, de forte apelo midiático, e modalidades “esportivas” de origem étnica, praticado tradicionalmente por imigrantes, como é o caso do punhobol; do bolão de 16 cm; do bolão de 23 cm; da bocha e do tiro ao prato. Tais modalidades esportivas foram fortemente difundidas pelas colônias germânicas, que são marcantes no Estado de Santa Catarina. Estes fatores combinados fazem com que grande parte dos municípios catarinenses busquem se organizar para tentar participar do evento.

Deste modo, as políticas públicas do Estado passam a ter íntima ligação não só com a realização e participação dos municípios nos jogos, mas também com a agência promotora do mesmo, a FESPORTE, visto que é necessária a filiação dos municípios participantes do evento à instituição, que, nestes termos, também influi na organização do esporte “amador” catarinense.

Sendo assim, acreditamos que, a partir da inter-relação JASC e FESPORTE, podemos situar como se constituiu o quadro contemporâneo do

esporte dito amadorístico no Estado de Santa Catarina, contribuindo com o leitor na contextualização deste componente junto ao estudo da cobertura jornalística esportiva desta região do país.

Breve contextualização histórica do “amadorismo” em Santa Catarina a partir do entrelaçamento JASC/ FESPORTE

Realizados desde a década de sessenta até os dias atuais, os JASC tiveram como principal inspiração os Jogos Abertos do Interior, de origem paulista. Estes, inicialmente denominados de *Jogos de Campeonato Aberto do Interior*, foram fundados no interior de São Paulo em 1936, sob a coordenação de Horácio Barioni, conhecido também como Baby Barioni⁴.

Iniciativa pioneira no desenvolvimento do esporte amador no Estado de São Paulo, os Jogos Abertos do Interior conseguiram alcançar, até meados da década de 50 do século XX, repercussão significativa no cenário esportivo amador da região Sul e Sudeste do país. Nesta época o evento já contava com a participação de equipes de diferentes Estados, como a comissão de Londrina-Pr, entre outras. É neste contexto, associado às núncias políticas e sociais que se estendem no país nos governos de Vargas a João Goulart, que o Estado de Santa Catarina passa a vislumbrar a relevância política, econômica e social que o desenvolvimento esportivo tem na esfera pública e privada, especialmente no fortalecimento do Estado no Brasil.

Assim, considerada a repercussão que os jogos paulistas vinham recebendo na estruturação esportiva dos estados e municípios envolvidos, em 1956 uma comissão catarinense se aproxima do evento com explícitas intenções de implementar um evento semelhante no Estado de Santa Catarina. O precursor de tal feito foi o catarinense Arthur Schlösser, da cidade de Brusque. Segundo consta em um documento organizado por Alexandre Muniz de Queiroz (s/d), denominado de “25 Anos de JASC: 1960-1985” (um dos poucos registros que relata parte da história do JASC), o empresário

4 Consta no portal do estado de São Paulo na internet (www.sejel.sp.gov.br/baby/historia.htm) que Barioni foi ex-atleta de Basquetebol da equipe paulista do Palestra Italia, atual Palmeiras, tornando-se posteriormente também cronista esportivo.

Schlösser acompanhou pessoalmente o XXI Jogos Abertos do Interior, realizado em Bauru, Estado de São Paulo, com intuito de estabelecer contato com seu fundador, Baby Barioni. A partir de então, Arthur Schlösser retorna a Brusque com material sedido por Barioni. Havia entre eles regras esportivas, regimentos oficiais dos Jogos do Interior e outros documentos que possibilitam a “criação” dos Jogos Abertos de Santa Catarina, na cidade de Brusque, em ocasião da comemoração do centenário da cidade.

O JASC, tal como os Jogos abertos do Interior, passa a ser realizado anualmente, sendo a cada ano realizado em um município diferente. Desde sua criação até os dias atuais, somente no ano de 1983 os jogos não foram realizados por ocasião de uma grande enchente que assolou todo o Estado. A adesão dos municípios aos evento foi crescente até meados de 1980, quando se registrou a participação de setenta municípios em uma única edição. No XXIV JASC registrou-se quase quatro mil atletas inscritos. Estes dados dão idéia da importância que o evento assume historicamente no que se refere à participação dos catarinense. Segundo Vaz (2001, p. 93), esta intensa participação e fixação dos catarinenses pelos jogos não é sazonal, pois afirma que “Parece haver, no imaginário esportivo catarinense, uma sedução muito forte, que impele a valorizar o JASC, e diz que é preciso deles participar e obter bons resultados”.

O crescente número de municípios e atletas participantes dos jogos ainda em meados da década de 1970 e início de 80 exige que a estrutura dos jogos seja redimensionada, em diferentes frentes, visando principalmente assegurar uma maior participação de municípios menores na competição. A principal alteração se dá na criação dos Jogos Regionais, que constituiriam uma pré-etapa classificatória para o JASC. Esta alternativa também vinha solucionar a queixa de alguns municípios sobre a necessidade de criação de demanda para o usufruto dos investimentos feito em algumas cidades menores, especialmente as instalações esportivas.

Novos redimensionamentos dos jogos se seguem na década de 1990, quando são criadas as etapas micro-regionais, antecedendo os Jogos Regionais. Desta forma, o cenário esportivo em Santa Catarina alcançava maior abrangência na participação do JASC, e, respectivamente, na estru-

tura do esporte “amador” no Estado, o que culmina com sua incorporação aos domínios administrativos da FESPORTE, Fundação Catarinense de Esporte.

Diante das complexas relações que se estabelecem na manutenção e organização do contexto esportivo amadorístico em Santa Catarina, a FESPORTE é instituída por meio da Lei 9.131 em 6 de julho de 1993, com a incumbência de dar suporte, organização e desenvolvimento ao esporte amador do Estado, possuindo, segundo sua legislação, um tratamento diferenciado para o desporto profissional e não profissional. A fundação, então, desenvolve suas “linhas de ação” para o esporte “amador” a partir do sistema organizativo já instituído no JASC, tomando este evento não só como modelo, mas principalmente como centralizador e gerador de diversos outros eventos esportivos que vieram a somar no campo da difusão e reordenação da estrutura esportiva amadorística dos catarinenses. São agremiados diversos outros jogos, como os Joguinhos Abertos (versão infanto-juvenil do JASC), Para-JASC (versão destinada a esportistas portadores de deficiência física e/ou mental), entre outros.

Assim, estabeleceu-se uma rede de organização esportiva em Santa Catarina que tem como evento modelar o JASC e a centralização no calendário e eventos da FESPORTE. Deste sistema decorre uma política organizativa que solicita a organização dos municípios por meio de órgãos administrativos, denominados de Fundações Municipais de Esporte (FMEs) que, por sua vez, devem gerenciar as estratégias políticas municipais de formação, desenvolvimento e organização de equipes competitivas com vistas ao JASC e demais eventos.

Como resultados gerais têm-se, de modo geral, toda estruturação das políticas públicas municipais e estaduais para o esporte “amador” baseado no sistema esportivo tradicional, de alto rendimento e, portanto, com grande afinidade com o que se denomina de esporte profissional nos dias atuais (o que vem explicar o uso das aspas em todas nossas citações referentes ao termo esporte “amador” até o presente momento), ocasionando, não obstante, a “esportivização das práticas corporais” e a avaliação das FMEs de acordo com “sua eficiência e eficácia julgadas justamente pelo poder de fogo nas competições, levando às manchetes de jornal o nome do município” (VAZ, 2001. p. 93).

Este é um quadro instigante, na medida em que a FESPORTE se organiza a partir de três áreas gerenciais: Desporto de Rendimento; Desporto de Participação e Desporto Educacional. A pergunta que fica é exatamente em que ponto estas gerências divergem na implementação das políticas estaduais, uma vez que, ao que tudo indica, tais políticas destinadas aos esportes de Participação e Educacional no Estado, ao exemplo do JASC, seguem os ditames do Esporte de Rendimento, resumindo-se a participação em campeonatos.

Esporte amador? Por onde ele anda?

A composição de um sistema esportivo amador em Santa Catarina a partir da associação JASC e FESPORTE tem apresentado bons resultados no que se refere à organização e fomento aos municípios, especialmente no que tange a disponibilização de um cronograma bem estruturado e com variadas opções de campeonatos esportivos, entre outros. No entanto, a constituição de um modelo de gerenciamento do esporte amador inspirado em um evento como o JASC tem apresentado problemas em relação à constituição e desenvolvimento deste no Estado.

Em primeiro lugar, consideramos que esta perspectiva, embora com significativas contribuições em algumas frentes, tem gerado uma confusão no que se refere ao trato com o esporte de (alto) Rendimento e de Participação (para usar os termos da própria FESPORTE), subjugando o segundo ao primeiro indiscriminadamente. É preciso considerar aqui que se as políticas públicas do Estado visam fomentar o esporte amador e de participação, essas devem atender a perspectivas minimamente inclinadas à inclusão e participação generalizada da população. Contudo, ao fazer isto a partir de modelos de alto rendimento, com finalidade ao JASC ou a qualquer outro evento, sabidamente tais políticas se voltam a uma parcela reduzida da população, a saber, os atletas de alto nível do Estado.

O evento, que se tornou exemplo maior na organização esportiva de Santa Catarina, cada vez mais vem assumindo alguns contornos que lhe impelem características do esporte profissional, sobretudo, pelo alto grau

de filiação ao alto rendimento. Sendo assim, longe de ser um evento em que se rogue pela participação de todos os municípios Catarinenses ou de ao menos parte destes, o JASC tem servido de arena para demonstração do poderio esportivo catarinense, o que tem levado as equipes a investirem na convocação de atletas do âmbito profissionais, como Falcão do futsal e Eduardo Fischer da natação. Neste patamar, também não é de se espantar com a contratação de atletas de outros municípios e Estados na composição das equipes. Ora, mas se estamos falando de contratações e mesmo de atletas profissionais, em que medida podemos alegar que o JASC ainda se situe no dito esporte amador?

A questão é polêmica e todos sabemos das dificuldades em se falar da fronteira entre estes dois componentes num país como o Brasil, onde a legislação esportiva é recente e especialmente dedicada ao futebol. Por outro ângulo, esta é uma questão que deve ser analisada, especialmente quando falamos de políticas públicas esportivas dedicadas àqueles que não são profissionais do esporte.

Nesta direção, por exemplo, a presença de esportes de origem étnicas no JASC são um dos seus elementos que parecem atrair grande parte da atenção dos catarinenses aos jogos, além de ser um elemento peculiar do evento, responsável pela sua distinção entre os demais jogos de mesma feição em nosso país. Estes esportes, inclusive, representariam importância de destaque no fomento à participação popular no âmbito esportivo dos municípios do Estado, uma vez considerado o reconhecimento que estas práticas têm no cenário estadual. Mas aqui também vale a observação de que se deve ao investimento público que é feito à promoção e a manutenção destes esportes. Ou seja, se a proposta é que os municípios invistam pesado em condições estruturais que permitam a composição de equipes esportivas para o JASC e demais eventos da FESPORTE, os incrementos que são feitos aos esportes étnicos se destinariam à população em geral ou somente à parcela mínima desta com capacidades reais de representatividade nas competições locais?

Nesta lógica, vemos um exemplo claro da mercadorização da cultura, em que os “esportes” étnicos, ao invés de serem tratados como fenômeno sócio-cultural, são transformados em elemento da cultura esportiva

hegemônica, que a tudo confere ar de semelhança, transfigurando todas as possibilidades culturais a uma única forma simbólica, de fácil compreensão (ou seja, às formulas competitivistas), conforme alegam Horkheimer e Adorno (1997) ao tratarem do conceito de Indústria Cultural. Vaz (2001. p. 93) corrobora esta idéia afirmando que “Nesse quadro de supervalorização de resultados competitivos, não sobra muito espaço e disposição para uma compreensão mais ampla do esporte enquanto fenômeno sócio-cultural”.

Na mesma direção, as políticas para o esporte Educacional no Estado, que também se destinariam àqueles que não são profissionais do esporte, se voltam à adesão dos participantes ao sistema esportivo de alto rendimento, o que parece conduzir mais ao treinamento precoce, como espécie de preparação para os jogos, do que propriamente à garantia de participação em um modelo esportivo que se volte à formação humana, em seu sentido mais amplo. Exemplo disto pode ser visto nos Joguinhos Abertos de Santa Catarina. Neste, que nada mais é do que um modelo infanto-juvenil do JASC, algumas (poucas) crianças são selecionadas para participar de um torneio intermunicipal. Outra colocação importante neste âmbito é que se tais políticas se voltam a preparar e selecionar parte das crianças para participação nos eventos da FESPORTE, tais fórmulas carregam em si forte teor excludente, visto que apenas algumas crianças poderão, de fato, chegar às seleções de suas cidades.

Por fim, podemos destacar que, nestes termos, o JASC tem sido um modelo mais voltado à assistência do público catarinense do que propriamente a ampla participação esportiva no Estado. A lógica interna que persevera é de que o público catarinense quando assiste aos jogos ou torce por suas equipes, pode “espontaneamente” ocorrer um despertar à prática esportiva em suas vidas, observada a “possibilidade” de um dia chegar às equipes de seus municípios devido aos treinamentos esportivos diários, o que conferiria o título de praticantes amadores do esporte, mesmo que em essência, haja todo um aparato em que os sujeitos são levados a desejarem o âmbito seletivo e excludente típico do esporte profissional.

A idéia de que o JASC se volta mais à audiência da população do que propriamente a formulações de políticas efetivas de participação esportiva

no Estado também pode ser observada na crescente espetacularização que o evento vem sofrendo a cada ano. O evento assumiu um caráter de Olimpíadas local, reproduzindo toda a lógica ritualística deste evento. Assim, faz parte atualmente das atividades de preparação e abertura dos jogos, a cerimônia de acendimento do fogo simbólico do JASC. Tal como nas cerimônias dos jogos Olímpicos, é acesa uma tocha simbólica na cidade de origem do JASC, Brusque, e levada pelas rodovias catarinenses por jovens atletas e “personalidades” locais até a chegada à cidade-sede dos Jogos Abertos, quando é procedido o acendimento do fogo para a cerimônia de abertura dos Jogos.

Por meio de tais estratégias, o evento ganha certa dinamicidade midiática, aproximando-o ao máximo das fórmulas espetacularizadas que se vinculam ao esporte contemporâneo. A espetacularização do esporte propicia maior atratividade ao público e, por sua vez, aos investidores e patrocinadores dos jogos, atribuindo um caráter mercadológico mais explícito ao evento. Para Vaz (2001), o JASC cada vez mais passa a ter em sua fórmula selo de exportação, inspirando a criação de jogos em outras regiões do país como nos casos dos Jogos Abertos do Sul do Brasil e dos Jogos Abertos do Brasil.

O JASC como política pública e sua espetacularização

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 6º, estipula como direitos sociais (...) “a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”.

Nesse sentido, vale destacarmos a importância de a população poder usufruir desses direitos, para desfrutar de uma vida com maior justiça e igualdade, em que possa participar das decisões que são relevantes para o desenvolvimento do bem comum. Entretanto, é possível verificar uma série de “problemas” que dificultam o exercício pleno desses direitos. Problemas estes como a exclusão social, preconceitos raciais, étnicos, de gênero, bem como de classes sociais.

Em nosso entendimento, esta série de problemas é resultado do modo como a vida tem sido organizada e produzida, o capitalismo. Modo

de organização que vem complexificando as relações sociais e disfarçado em um modelo neoliberal de flexibilização da economia, que vem terminando, ou tentando terminar com uma série de direitos sociais conquistados pela humanidade em nome do livre comércio e do acúmulo de bens e propriedades privadas.

É justamente aqui que se fazem necessárias as políticas públicas. No caso específico desse texto, centramos a atenção às políticas públicas de Esporte e Lazer desenvolvidas pelo Governo do Estado de Santa Catarina, o qual está representado pela FESPORTE.

Como representante do Governo, a FESPORTE assume o discurso da descentralização (marca da gestão atual – 2007 a 2010, e anterior 2003 a 2006), levando aos municípios, representados pelas Secretarias de Desenvolvimento Regional (SDR) a responsabilidade de administrar os recursos disponíveis para o esporte e lazer.

Segundo documento intitulado “Esporte X Descentralização”⁵ o papel da FESPORTE no fomento do esporte catarinense é:

A FESPORTE desenvolve suas atividades voltadas diretamente para os municípios catarinenses. Todas as competições esportivas contam com a participação das representações municipais, que por sua vez se preparam para disputar estas competições, com investimentos para manter suas equipes. As competições são organizadas em parceria entre Estado, municípios, ONGs e empresas privadas. A FESPORTE tem a responsabilidade pelo fornecimento do material esportivo, pela organização, coordenação, pagamento de arbitragem e premiação dos eventos. O Município-sede é responsável pelo fornecimento dos locais de competição, alojamento das delegações participantes e da arbitragem e demais infra-estrutura para os eventos. O município participante é responsável pela manutenção das equipes, pelo transporte e alimentação da sua delegação no decorrer das competições. (p.7)

5 Disponível em: <http://www.crefsc.org.br/noticias2005/02.doc>

No documento “Política Estadual de Desportos”⁶ do Conselho Estadual do Desporto de Santa Catarina (CED,1999), no item 6 “DIRETRIZES POLÍTICAS PARA O DESPORTO”, aponta como dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais como direito de todos. No item 6 um dos aspectos que o documento diz ser necessário observar, e que achamos relevante evidenciar, é a importância de dar “Tratamento diferenciado o desporto profissional e não profissional”(p.12).

Porém o que temos percebido é o modelo de esporte rendimento servindo de parâmetro para todos os eventos desportivos desenvolvidos pela FESPORTE. É possível evidenciar a lógica excludente do esporte rendimento desde o JASC, Para-JASC, perpassando pelos Juguinhos abertos até chegar aos Jogos escolares de Santa Catarina (JESC).

Assim, percebemos alguns elementos que merecem um olhar mais atento nas políticas públicas de esporte e lazer, na lógica do rendimento, se fazerem presente na escola. Preocupa-nos esta lógica por se distanciar dos objetivos das teorias críticas da educação física, dificultando a construção de um sujeito que além de praticar atividades esportivas, também seja capaz de se divertir com esta atividade e de refletir esta prática, compreendendo o fenômeno esportivo em sua totalidade.

Na lógica do esporte rendimento em que as políticas públicas vêm se desenvolvendo, parafraseando Kunz (2001), só há possibilidade de vivência de sucesso para uma minoria e de insucesso para a maioria. Nesta perspectiva, as práticas desportivas têm contribuído para a formação de uma sociedade de espectadores do esporte. Dizemos isso por entender que as práticas corporais, na lógica do rendimento, se especializam de tal forma, com uma exigência de resultados de sucesso tamanha, que se torna um espetáculo a ser consumido (assistido), o que vem a confirmar a idéia “muitos espectadores e poucos praticantes”.

Esta tendência de especialização das práticas corporais (esportivização), como já tratado anteriormente, pode tender a afastar as pessoas

6 Disponível em: <http://www.crefsc.org.br/docs/Politica%20Estadual%20de%20Desportos99.doc>

comuns de jogos que representam a manifestação sócio-cultural de seus povos. Em Santa Catarina acreditamos que esse problema pode afetar as modalidades de esportes étnicos, que ao serem levados ao JASC, sofrem um processo de especialização tão grande que resulta na criação das Federações esportivas da modalidade, como por exemplo, a Federação Catarinense de Bocha e Bolão, voltada apenas para aqueles declarados atletas e não a população comum. Este fato pode levar a um distanciamento das práticas, favorecendo mais a vivência enquanto espectadores cada vez mais exigentes do espetáculo.

Não é por acaso que o JASC vem recebendo cobertura midiática, mesmo que aparentemente modesta frente aos grandes eventos esportivos, com transmissões ao vivo por emissoras de televisão, há alguns anos. O que vemos acontecer é o que Betti (1998) denomina telespetáculo, que Pires (2002, p. 96) explica como sendo: “uma realidade textual autônoma, tecnicamente reconstruída no tempo/espaço virtuais decorridos entre a sua captação, nas próprias instalações esportivas, e a sua recepção através dos aparelhos domésticos de televisão”.

Neste movimento essencial do espetáculo -- que consiste em ingerir tudo o que existe na atividade humana *em estado fluido* para depois vomitá-lo em estado coagulado, para que as coisas assumam seu valor exclusivamente pela *formulação em negativo* do valor vivido -- nós reconhecemos a nossa velha inimiga que embora pareça trivial à primeira vista é intensamente complexa e cheia de *sutilezas metafísicas, a mercadoria*. (DEBORD, 1997, p. 21)

Nesse sentido, PIRES (2002) entende que atualmente o esporte parece ser o parceiro preferencial da espetacularização na mídia televisiva, oferecendo um show já pronto.

Na esteira de Guy Debord (1997)⁷, podemos entender que o espetáculo consiste na multiplicação de ícones e imagens, principalmente pelos meios

7 A Sociedade do Espetáculo, cuja obra original é escrita em Francês datando de 1967.

de comunicação de massa, bem como pelos rituais políticos, religiosos e hábitos de consumo, de tudo aquilo que falta à vida real do homem comum.

É neste panorama que parte da cultura esportiva “amadora” de Santa Catarina vem sendo tecida, fomentada e “implementada”, a partir de um evento modelar como o JASC e de diretrizes singularmente voltadas quase que em sua totalidade ao esporte de rendimento e a um conceito de participação que remete aparentemente apenas à *participação em eventos* esportivos. Assim, questiona-se até que ponto a FESPORTE tem conseguido atender-se de fato àqueles praticantes esportivos que são denominados de amadores, uma vez que o slogan da própria instituição denota em si tal premissa: “FESPORTE - Visando à organização e o desenvolvimento do esporte amador em Santa Catarina.

Contudo, a partir destas reflexões podemos compreender um pouco mais a respeito da trajetória que vem seguindo o Estado de Santa Catarina em relação ao trato do esporte “amador”. Muito ainda é preciso ser esclarecido e pesquisado. No entanto, o esforço aqui empreendido sugere possibilidades para que possamos situar a importância que alguns eventos esportivos têm em nosso Estado, em especial o JASC e demais eventos da FESPORTE. Estes são os modelos que têm sustentado nossos imaginários, gostos, práticas, ações e conformações na cultura esportiva catarinense.

Entendemos que muito ainda pode e deve ser feito no campo do esporte amador em Santa Catarina, mesmo sem a perspectiva de grandes mudanças estruturais por hora, afinal, como lembra o poeta Ferreira Gullar (1980), onde não há caminhos os pés no chão os encontrarão.

REFERÊNCIAS

BETTI, Mauro. *A Janela de Vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papyrus, 1998.

BRASIL. (1988). *Constituição Federal*. Brasília: Câmara dos Deputados.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GULLAR, Ferreira. *Toda poesia. 1950-1980*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

KUNZ, Elenor. *Transformação Didático-Pedagógica do Esporte*, 4 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

QUEIROZ, Alexandre Muniz. *25 Anos de JASC: 1960-1985*. Joaçaba –SC. s/d.

PIRES, Giovani De Lorenzi. *Educação Física e o Discurso Midiático: abordagem crítico-emancipatória*. Ijuí: Ed. Unijui, 2002.

VAZ, Alexandre Fernandes. Políticas Públicas para o Esporte e o Lazer em Santa Catarina: reflexões e considerações. *Revista da Educação Física/UEM*. Maringá, v. 12, n. 1, p. 89-96, sem/1-2001.



O JORNALISMO ESPORTIVO NO JASC/2007:
UM OLHAR ANTROPOLÓGICO

Fernando Gonçalves Bitencourt;

Paula Bianchi;

Iracema Munarim;

Claudio Tonetti

1 - ABERTURA

O antropólogo Marshal Sahlins, entre suas várias preocupações como pesquisador, tem tratado do problema das relações entre estrutura e evento – ou história e cultura – ao procurar as lógicas imanentes aos seus processos: descontinuidades, fluxos, mudanças de configuração, permanências. Em síntese, o autor perscruta o modo como eventos transformam estruturas sociais, estas, as mesmas que produziram os eventos,

e possibilitam, no contexto específico de cada ordem cultural e social, a manutenção ou reconfiguração de sua estrutura através mesmo de seu movimento.

Em dois exemplos extraídos do esporte, o que em nosso caso é bastante frutífero, Sahlins (2007) descreve dois campeonatos de beisebol em seus desenvolvimentos particulares para apontar, como em tempos-espacos específicos, acontecimentos podem suscitar impactos importantes para o conjunto de relações sociais envolvidas. No primeiro caso, uma das importantes equipes do beisebol americano inicia a temporada com grande vantagem sobre os adversários e termina, como era esperado, como campeã da competição. No segundo, uma equipe que estava muito mal em seu início, recupera nas últimas semanas da competição posições nos quadros classificatórios, passa aos jogos decisivos e, depois de estar perdendo os *play-offs* por três jogos a zero, faz quatro a três, vencendo também o último jogo na última entrada com um *home run* que vira a partida.

Para traduzirmos em nossa linguagem esportiva mais conhecida a segunda narrativa, pensemos como se um clube de futebol brasileiro, após passar todo o primeiro turno de campeonato em último, realizasse uma reação espetacular e fosse campeão no último segundo do último jogo com um “gol de placa”. O que importa, entretanto, menos do que os resultados e feitos, é o sentido que os dois modos como os eventos se passam se investem.

Para o primeiro caso, temos um processo histórico estruturado num sistema relativamente estável e no qual o tempo progride sob a lógica deste sistema. Por outro lado, o segundo sistema vai operando modificações no sentido do tempo e, a cada evento, esta temporalidade se encurta e se acelera, gerando novos modos de ver o fenômeno, construindo diferentes sentidos, deixando sempre aberto o horizonte de possibilidades. Sahlins tentou demonstrar com estes casos as possibilidades inscritas nos acontecimentos de modificarem sistemas estruturados, aparentemente rigidamente codificados. A cultura, como sistema prático-simbólico, ainda que reivindique sua replicação, também é abertura para o novo: suporte de novas estruturações.

Pois bem, remeter esta nova etapa do trabalho a estes efeitos espaço-temporais propostos por Sahlins, nada mais faz do que acusar nossa impres-

são de que, após tratarmos diacronicamente o JASC, o jornalismo e o jornalismo esportivo em Santa Catarina, realizar um recorte microscópico destas práticas, num trabalho sincrônico, pode aventar novas possibilidades de compreender o jornalismo esportivo em seu processo de desenvolvimento, seja para apontar suas continuidades estruturais, seja para perceber nas conjunturas o fato de que eventos específicos produzem novos caminhos.

Assim, este capítulo do estudo realizado pela equipe de pesquisadores do Observatório da Mídia Esportiva (NEPEF/CDS/UFSC) tem por objetivo refletir sobre aspectos da cultura midiático-esportiva observada através de procedimentos etnográficos quando da cobertura jornalística dos Jogos Abertos de Santa Catarina (JASC/2007).

Sem a pretensão de nos justificarmos extensivamente, mas com algum rigor, tem-se observado que os trabalhos que analisam a produção jornalística, de modo geral, têm se preocupado com a interpretação das notícias veiculadas, muito mais do que com as condições de sua produção e a ordem da práxis jornalística¹. Pois bem, tomando este segundo aspecto como problema, nesta parte do trabalho o objetivo foi o de descrever e interpretar a estrutura espacial, o sistema dos objetos e a ação dos jornalistas² em sua prática profissional durante a cobertura dos referidos jogos.

Para tanto, uma equipe de cinco pesquisadores acompanhou dois dias de trabalho (08 e 09 de novembro de 2007) dos profissionais do jornalismo realizando observação participante em diferentes frentes: a transmissão das partidas de futsal na Arena Multiuso de Jaraguá do Sul; a sala de imprensa e as performances de locutores de rádio, repórteres televisivos e do jornalismo impresso; a assessoria de imprensa; entre outros aspectos não menos relevantes. Ainda que o tempo de permanência no campo de

1 Para ver uma análise do campo jornalístico na França e as condições de produção do discurso televisivo, Bourdieu (1997a).

2 Para os termos deste trabalho, chamamos de jornalistas todos os profissionais responsáveis por comunicar, transmitir ou informar os eventos do JASC. A complexidade do campo da comunicação e particularmente do campo do jornalismo esportivo dificulta a diferenciação das personagens que se envolvem com a cobertura de eventos esportivos e sugere que o diploma de ensino superior não é o único marcador da profissão, ainda que seja o "instrumento" legal.

pesquisa tenha sido por demais reduzido para caracterizar uma etnografia em seu sentido clássico, é sob os auspícios desta premissa metodológica, conforme desenvolveu Geertz (1989), que este trabalho foi realizado. Portanto, trazemos a público um trabalho que é descritivo-interpretativo, no qual procuramos os significados incorporados às práticas, espaços, tempos e objetos do fazer jornalístico durante os jogos.

O texto está organizado em três partes. A primeira trata da ocupação espacial dos meios de comunicação – pessoas e objetos – no interior do ginásio quando da transmissão das partidas de futsal. No segundo, descrevemos a sala de imprensa, sua ordem e seu funcionamento. Por fim, teceremos alguns comentários acerca do trabalho dos jornalistas.

2 - OBSERVAÇÕES SOBRE O ESPAÇO: MODOS DE VER

A noção proposta por Bourdieu (1997b) de que todo espaço geográfico é também espaço social talvez possa ser um bom ponto de partida para se compreender o significado que a tecnologia, mas também o jornalista como agente acaba por impor ao espaço dos ginásios, pistas, piscinas e demais ambientes nos quais o esporte se desenvolve. No JASC/2007, ao acompanharmos as disputas de futsal na Arena Jaraguá, foi possível perceber o modo como tecnologia e agentes ocupam e se deslocam neste universo bastante demarcado.

A ocupação espacial da maquinaria e dos agentes (técnicos, produtores e jornalistas) determina não apenas um modo de olhar o esporte, mas é fruto também de uma concepção historicamente construída na qual o esporte é – ou tornou-se – um espetáculo midiático. Assim, este espetáculo, cuja existência como fenômeno é fugaz, tem a ampliação dos seus sentidos através dos inúmeros olhares que a imprensa em geral lança sobre o evento. Foi possível perceber 3 tipos de produção do olhar, evidentemente não excludentes entre si.

O primeiro, mais evidente, é uma espécie de olhar panóptico (divino?). As TVs e rádios posicionam seus equipamentos na parte superior dos ginásios e, de cima, constroem uma narrativa do evento. Não apenas as len-

tes das câmeras televisivas focalizam (e o foco não é pouco importante) o movimento dos atletas, como quem resume o mundo vivido à um ponto de vista exclusivo, também os narradores de rádio e TV, comentaristas e repórteres descortinam um acontecimento cujo sentido é construído nesta narrativa ancorada na visibilidade transformada em fala.

Importante neste aspecto, já que a discussão ocorre no plano do espaço, é o fato de estes agentes ocuparem um lugar elevado – acima dos atletas e dos espectadores (das arquibancadas e dos camarotes). As cabines de imprensa, na Arena Jaraguá, ocupam o ponto mais elevado da arquibancada. Sabemos o sentido que o alto tem para nossa sociedade: tratado positivamente, é o lugar do sagrado – do divino –, mas não só isso, é a convergência de uma moralidade (como denotam o sentido de altivo e altivez) com a hierarquia do superior, com aquilo que está acima. Primeira regulação nada sutil do modo de narrar o esporte, é o olhar/falar que a todos vê: onipresente e onisciente (onipotente?).

A câmera que vê, mas que não é vista³, com seu olhar ciclópico a revelar do alto frações espaciais do acontecimento, reivindicam o poder de narrar “o” acontecimento. Entretanto, as aberturas de câmera e os *zoo-ns* vasculham as zonas inimaginadas do espaço, recobrando, à cada corte promovido pelo editor de imagem, um novo contexto, transformando as temporalidades, criando convergências ou dispersões através dos truques de um olhar fragmentado mas contínuo.

Este perscrutar de ave de rapina recebe um complemento singular. O segundo modo de ver é intensamente invasivo. Ao partilhar com os próprios atletas, nos limites da quadra, o espaço restrito aos oficiais do espetáculo, dividem com estes o protagonismo da cena. Não é possível não notar a câmera e os repórteres a transitarem entre atletas, invadir o pedido de tempo, perguntar, questionar, inquirir, examinar... Mostrar o lance como quem vê de dentro, num quase minimalismo.

3 Por certo a câmera pode ser vista, mas vê-la é afastar-se do fenômeno ao qual se está verdadeiramente a assistir. É interessante notar que há uma nova modalidade deste olhar da câmera, que busca o espectador para que este o veja e torne-se, através da festa e da fantasia de estar “na câmera”, também parte do espetáculo.

Vendo do alto, pelo olhar panorâmático que revela através das narrativas construídas pela imagem e pelas palavras a ordem coletiva dos corpos e movimentos⁴, o jornalista *vouyer* vasculha a intimidade do espetáculo: uma enorme fechadura para muitos olhos. De baixo, a invasão da intimidade se dá na mescla de corpos, na sincronização dos espaços-tempos, no poder de estar onde a mais ninguém é permitido, de sufocar treinadores com microfones, cegar pela imposição luminosa da câmera. Do alto e de baixo, nada pode escapar dos que traduzem aos que não estão presentes (ou mesmo perto) ao jogo.

O terceiro modo de ocupar o espaço é mais sutil, pois que não é fruto da posição, mas do deslocamento. Transitando entre pessoas e coisas, transformando a paisagem com a presença impensada, porém intensa, este modo de circular leva ao extremo as possibilidades do olhar/escutar/narrar; pois se o primeiro é a onipresença e o segundo a invasão perceptível, o terceiro é a confirmação de um poder, a saber, o de olhar, mas, mais importante, o de deslocar o ponto de vista, reorganizar o olhar e invadir. Invasão permitida, pois que sustentada num poder que é prático-simbólico, mas também político e econômico.

Estando em todos os lugares (e em lugar algum), os meios de comunicação produzem um efeito intensificador de poder, um poder de poder. Poder de poder estar, de se deslocar, de invadir, de dizer... Efeito de poder que resulta não apenas de uma presença, mas dos sentidos que o espaço físico adquiriu historicamente como espaço social. Espaço, também, cujos sentidos correm a mudar, ainda que um cima e um interior insistam a orientar seu sentido.

Mas, é claro, os profissionais a perscrutar os outros em sua prática também são visíveis (e vistos). Entretanto, parece haver uma naturalização desta presença, por um lado, pois que o estranho é sua ausência, e uma reivindicação, por outro, pois que à sua necessidade não se convive com indiferença. É, talvez, por este movimento nada paradoxal, de necessidade

4 Como as câmeras espalhadas nos campos de futebol, que mostram o sorriso banguela do "povão torcedor" ou a sensualidade da "mulher brasileira".

e presença que as pessoas fogem do seu encontro, inibidas por um poder que pode questioná-las, ao mesmo tempo em que acorrem para os planos espaciais secundários ou paralelos, como as crianças a fazer pano de fundo nas entrevistas de seus ídolos.

Por fim, já preparando os passos a seguir, é que consideramos haver diferenças importantes entre a parte visível do jornalismo esportivo (sua imposição pelo olhar) como acima descrito e sua parte encoberta, a sala de imprensa: espaço para o qual vamos nos dirigir.

3 - SALA DE IMPRENSA: REGULAÇÕES ESPAÇO-TEMPO

Uma descrição da ordem espacial da sala de imprensa do JASC/2007 vai ajudar a compreendermos uma relação bastante importante: a do espaço-tempo da mídia. Ao contrário de implicar num paradoxo, ou mesmo numa antinomia, qual seja, a de que os processos técnicos avançados exigiriam um espaço físico organizado e estável para que se pudesse realizar as transmissões esportivas – fenômenos fugazes, cuja melhor caracterização pode ser a de fluxo – veremos a perfeita sincronicidade entre construção/destruição do espaço e fluxo.

Pois bem, improvisada sob as arquibancadas da Arena, o espaço destinado à imprensa era, numa palavra, caótico. Apesar do esforço de ordem, do disciplinamento formal do trabalho jornalístico e do trabalho regular e intermitente da assessoria de imprensa, a improvisação da estrutura denota o que numa apreciação antecipada seria impensável: o descompasso entre tecnologias midiáticas de comunicação e estrutura física.

A sala de imprensa era, então, um amplo espaço com duas linhas paralelas de mesas, formando bancadas contínuas (de aproximadamente 20m), também improvisadas, sobre carteiras escolares e outros tipos de mesa. Neste espaço, os diversos profissionais “armavam” seus equipamentos. Os objetos mais comuns, pertencentes às empresas de comunicação ou aos próprios jornalistas, eram as maletas de rádio, cuja operacionalidade e praticidade são incontestes e os laptops. Além destes, a organização

do evento colocava a disposição computadores⁵. Desta estrutura precária, uma profusão de fios partia dos diversos cantos da sala, saindo das bancadas em direção às paredes, que por fim os ocultavam. Assim, apesar de ter as “coisas” necessárias: fios, tomadas, computadores, rede de internet (via cabo e wireless), etc. o ambiente não oferecia nenhum luxo, tampouco algum conforto. Haveria algum descompasso entre o olhar onipresente e íntimo do trabalho no ginásio, no momento do evento, e o trabalho subterrâneo? Esperemos.

Ao fundo da sala de imprensa, à esquerda, uma construção em divisórias separavam duas salas do restante da sala de imprensa. Na última sala ficava a assessoria de imprensa da FESPORTE. O mesmo arranjo em bancadas improvisadas e fios em profusão comportava três computadores, cedidos pela organização, mais dois *laptops* pessoais, uma impressora, rádios comunicadores, máquina fotográfica (e, talvez, outros equipamentos que não pudemos acessar) que eram o suporte para a equipe de trabalho que centraliza as informações oficiais do(s) evento(s).

Numa “cabine anterior” uma emissora de televisão concentrava seus equipamentos: um estúdio e uma ilha de edição. Assim, computador, TV e câmera compunham um conjunto mínimo de equipamentos necessários ao trabalho por se realizar. Tal ordem, por economia ou estratégia, aponta os princípios que regem a organização dos espaços, que, a propósito das observações de Virilio (1993) estariam, contemporaneamente, subsumidos ao aspecto temporal. Retornaremos a esta questão a seguir.

Em meio a tal esquema organizativo, *banners* anunciando as diferentes empresas de comunicação – rádios, TVs e jornais impressos – escorriam do teto ou colavam-se às paredes, junto a outros cartazes e penduricalhos. O conjunto formado pelo sistema de objetos, sempre em número flutuante devido as diferenças resultantes dos horários de maior afluxo e permanência de jornalistas (que trataremos *a posteriori*) e dos momentos de “calmaria”, e a estrutura física improvisada é, para quem imagina o trabalho jornalístico como portador de um certo glamour, uma decepção.

5 Os computadores estão no caderno de encargos que o município recebe ao se responsabilizar pela organização dos jogos.

É possível especular algumas hipóteses para tal modelo (ou anti-modelo) de organização: a) a falta de recursos do município e da FESPORTE para investir em infra-estrutura adequada; b) a perda de importância do JASC/2007 como evento esportivo digno de veiculação midiática; c) a falta de recursos e organização da maioria das empresas de comunicação e; d) a fluidez da comunicação, associada ao caráter temporário dos jogos, não permitiriam – ou não exigiria – uma melhor estrutura material e logística.

Ao que pudemos perceber, as hipóteses acima parecem se complementar. Entretanto, a despeito da falta de recursos de todas as partes e a discutível perda de interesse midiático pelos jogos (pois, neste caso, sempre é preciso se saber de onde se fala: que lugar da mídia, da sociedade ou de que cidades do Estado), as partes parecem confluir para a última hipótese, a saber, a velocidade de montagem e desmontagem da estrutura de transmissão deste evento esportivo⁶ é homóloga a velocidade e fluxo que a informação atinge na contemporaneidade.

Talvez devamos levantar uma outra questão. Desde que Simmel (1977) propôs a tese de que o dinheiro é o substituto concreto de valor abstrato dos objetos – mas também das pessoas –, sendo na circularidade das economias não aquilo que circula, mas o que permanece fixo, pode-se aventar uma hipótese para este fluxo homólogo de informações jornalísticas, de jornalistas e de equipamentos, a saber, o fato de que o seu substrato não esteja em suas práticas e articulações, mas nos princípios abstratos que o dinheiro representa em cujo ponto fixo todo o processo faz circular.

Tal perspectiva exigiria uma longa digressão. Entretanto, basta retomarmos o trabalho de Bourdieu (1997a), que discute os mecanismos invisíveis de produção da notícia e do trabalho do jornalista, tais como o furo de reportagem e o índice de audiência, para encontrarmos o pano de fundo sobre o qual os objetos do discurso jornalístico são arrancados e se curvam ao princípio da velocidade, do entretenimento e do bizarro.

6 Não nos arriscamos a generalizar esta hipótese, ainda que ela seja convidativa a tal passo. Pois, ao contrário do observado no JASC, seja nas Olimpíadas, na Copa do Mundo ou na Guerra do Golfo, os centros de imprensa são eles mesmos notícia, em virtude de sua importância, capacidade tecnológica e nível de investimento.

Ora, se há um descompasso entre o trabalho jornalístico “a céu aberto” e o trabalho subterrâneo, entre aquilo que se mostra e o que apenas uma escavação pode revelar, é através do trabalho destes profissionais, assomado às premissas desenvolvidas até aqui, que aquele pode se revelar. Antes, porém, outra observação a partir de Bourdieu (2001). Tomando como princípio o fato de que o real é relacional e que um fenômeno só ganha sentido quando posto frente a um outro correspondente, talvez seja interessante notar que, se por um lado, o campo jornalístico, no sentido dado por Bourdieu (1997a), é reconhecido pelos espectadores em geral como uma esfera importante da sociedade, por outro, no campo das profissões o jornalismo está sujeito às pressões políticas e econômicas e em suas práticas sujeitos aos interesses das empresas nas quais trabalham.

Sendo assim, ainda que representem tais empresas, através de seus rostos (corpos), vozes ou textos, e assim ganhem status e distinção na hierarquia social, tal representação é o corolário do contrato de trabalho, das imposições que a ordem da economia-política e do sistema prático-simbólico fazem ao empregado. Assim, com estes apontamentos, passamos ao próximo ponto.

4 - JORNALISTAS EM AÇÃO: VOZ, IMAGEM, TEXTO...

As descrições que aqui se desenvolverão estão mais ligadas ao sistema de relações travadas entre os diferentes agentes do que propriamente aos aspectos mais específicos do trabalho jornalístico, que será tratado com maior especificidade e profundidade *a posteriori*, nos capítulos seguintes. Procuraremos, ainda que dentro de certos limites, apontar aspectos performativos de cada tipo de profissional e refletir sobre alguma ordem de relações entre as distintas modalidades de realizar a comunicação.

Pois bem, o ciclo de trabalho é composto por períodos de efervescência e profusão de vozes e informações e, ao inverso, momentos de silêncio, quando a sala de imprensa se esvazia, ou concentração, geralmente ligados ao uso do computador. Misturam-se jornalistas de jornais impressos, radiolistas, repórteres de TV, diretores, produtores, técnicos, motoristas e curio-

so em um ambiente marcado por alguma informalidade e bom humor. Os horários de efervescência se davam nos inícios e finais de período, quando era necessário conferir os boletins com os resultados dos jogos, o quadro de medalhas e preparar alguma informação para os programas por vir. O silêncio se fazia quando os profissionais se dispersavam para as diferentes praças de jogos.

O modo como os jornalistas procuravam a assessoria de imprensa era variado, denotando a diversidade de profissionais a trabalhar. Alguns queriam saber das últimas notícias de alguma modalidade, outros socorriam a assessoria por um “pequeno” erro no seu *site* oficial, outros, ainda, tinham dificuldades para entender as chaves e o funcionamento dos jogos, contestando, sem razão, o resultado informado. O fato de a notícia oficial não ser um antídoto contra o erro ficou bastante claro. A velocidade e o volume de informações, a necessidade de se escrever textos e *releases*, etc, impõem um ritmo pouco favorável à reflexão, e jornalistas, de todos os setores, acabam presos a operações aprendidas com o tempo de profissão e repetidas com alguma dinamicidade mecânica.

É possível destacar algum padrão no comportamento conjunto dos profissionais por área de atuação. Cada uma, guardando características singulares tanto no seu modo de apresentação quanto na sua performance profissional. Decorrem deste conjunto, ainda, relações pressupostas nas hierarquias variadas que o interior de um campo profissional comporta. Trataremos a seguir destes aspectos.

Antes, cabe esclarecer que as performances estão arranjadas por um conjunto de práticas e sentidos – um *habitus* (BOURDIEU, 1998; 2001) – incorporados no desenvolvimento da profissão e do lugar no campo profissional e que marca caracteristicamente cada um dos agentes no campo. Por outro lado, *habitus* ligados a classe e a região de origem – que se manifestam em modos de conduta e de fala – também organizam estas performances e classificam, separam ou mesmo hierarquizam os agentes no local de trabalho – em nosso caso, a sala de imprensa do JASC/2007.

Os jornalistas que trabalhavam para os impressos tendiam a uma forma de conduta mais comedida e afastada. Ligados ao trabalho de escrita

em seus computadores, realizavam a coleta de informações nos locais de disputa, na internet ou mesmo com a acessoria de imprensa, mas passavam um tanto discretos no ambiente. Cabe ressaltar que os profissionais dos maiores jornais são, em sua maioria, formados ou em formação nos cursos de jornalismo, saídos dos estratos médios da sociedade e ligados ao trabalho jornalístico no JASC, ao que nos pareceu e em se comparando a outros “jornalistas”, mais por obrigação profissional do que por um certo ar festivo ou motivação apaixonada ligada ao pertencimento regional.

É possível perceber, também, que quem escreve chega ao JASC/2007 sozinho, devendo enfrentar as demandas diárias a partir de sua capacidade de observar, coletar e escrever notícias – devendo, claro, seguir as pautas organizadas pela editoria. Um caso particular que observamos tratava-se de um jovem jornalista, carregado de um leve ar de intelectual e um indiscutível distanciamento das atribuições, conversas e debates travados durante os momentos de efervescência. De modo quase *blazé*, atravessava o ambiente indiferente ao burburinho dos demais profissionais.

Em um local onde pessoas de várias regiões de Santa Catarina se reúnem, inúmeros sotaques terminam por se misturar. Estas falas, como mencionado anteriormente, incorporadas como *habitus*, denunciam o falante, no mínimo, em sua origem regional, através do sotaque e de expressões particulares. Deste aspecto, porém, nada chamou tanto a atenção quanto a voz modulada, ritmada e grave dos locutores de rádio. Se o silêncio é a exigência de quem escreve ao computador, o volume e a performance de quem fala se sobressai, numa modalidade um tanto pitoresca de se comunicar. Ao “abrirem” suas maletas de transmissão, uma transformação performática fazia ecoar a locução das notícias, sempre de um modo opulento e vibrante.

Assim, a modificação na *hexis* corporal, no tom e ritmos da vocalização denotava a entrada no ar de mais um boletim informativo do JASC/2007. Ali mesmo, entre profissionais, amigos e curiosos, sem cabine de som ou estúdio, ao vivo e direto, um concerto de voz anunciava a nova medalha, a pontuação geral, os placares do dia. Por outro lado, diferentemente dos jornalistas egressos das universidades, os radialistas, oriundos das rádios de várias regiões do Estado, têm sua formação realizada diretamente na práti-

ca profissional, fato que destaca uma hierarquia acadêmica e uma cisão nas relações sociais travadas na sala de imprensa.

Como pontos marcantes de caracterização dos “jornalistas”⁷ radialistas, dois aspectos exigem destaque, pois ajudam a caracterizar seu caráter *suis generis* e uma certa posição inferior na hierarquia profissional: 1) a formulação de um discurso que demonstra estreita ligação entre o narrador e sua comunidade de afeto. Com forte carga subjetiva e emocional, os locutores de rádio, ao contrário dos jornalistas dos impressos e das TVs, não estão nos Jogos para apresentar “os fatos” com a isenção e a neutralidade dos manuais acadêmicos. Num misto de locutor e torcedor, os radialistas evocam a conexão entre os atletas e seus pertencimentos regionais, incluindo-se no elo emocional marcado pela identidade territorial – no caso os municípios. 2) Bastante falantes e comunicativos, traçam com cordialidade e simplicidade os laços entre os colegas de trabalho, sendo portadores de um modo divertido e jocoso de relacionar-se. Tal fato é bastante diferente do modo silencioso e distante dos jovens jornalistas dos impressos e das TVs, conduta que condiz com as exigências de uma profissão que se quer objetiva e neutra e não interpretativa.

Os profissionais das TVs, por sua vez, alçados ao estrelato pelo poder incontestante da imagem, parecem comportar-se como a elite do jornalismo. Por limitações de tempo, nossa observação teve chance de registrar com mais rigor o trabalho de uma mulher jornalista. Pois bem, é fato sem dúvida singular, mas também bastante conhecido, que a cobertura jornalística de esportes foi feita, historicamente, em sua grande maioria, por homens. No JASC/2007, enquanto estivemos em campo, afora a assessora de imprensa, apenas a repórter de TV era mulher. Isto gera, sem dúvida, um modo particular de interação que acaba por excluir a profissional mulher de grande parte das relações entre os profissionais.

7 Apesar da formação universitária em Jornalismo e da criação de inúmeros cursos de comunicação, o “jornalismo” de rádio sempre foi caracterizado pela formação em trabalho e, ainda que enquadrar o radialista na profissão de jornalista hoje seja um tanto temerário, é assim que os radialistas e as comunidades com as quais trabalham se/os vêem. Pois, como todos os demais, estão presentes nos eventos para transmiti-los, noticiá-los e informar a comunidade sobre.

A despeito deste fato, assim como o radialista imposta a voz, a “jornalista” de TV cuida da imagem pessoal: de sua maquiagem e figurino, de sua postura e sorriso; em suma, dos modos de aparecer em frente às câmeras. Com a reserva de sua formação e os cuidados que a profissão exige, procuram uma composição discursiva que seja objetiva, clara, rápida e eficiente, reduzindo a um mínimo possível os contatos e efeitos das relações. Ligada ao “repórter cinematográfico” por luzes e ângulos, ambos circulam, cada um com seu equipamento, a saber, o microfone a câmera, sem que ninguém os renuncie, os empeça ou dissuada. Nos ombros do cinegrafista e nas mãos da repórter estão o índice que remete diretamente ao poder de dizer e, mais, de fazer ver e fazer crer (BOURDIEU 1997a).

Encerrando o circuito televisivo, editores, produtores e técnicos fecham-se em sua sala, “copiando, recortando e colando” sons e imagens, construindo as mensagens resultantes da produção anterior realizada por repórteres e cinegrafistas. Em sua pequena “ilha”, na clausura do circuito de seus pensamentos, impressões e incertezas, ordenam a verdade sobre o JASC/2007 em pequenos contos de trinta segundos. Do alto do poder que a visão ciclópica e invasiva alcança, portam-se os jornalistas televisivos como a nata do seu campo profissional.

Por fim, entre os jornalistas, técnicos, motoristas e colaboradores de toda a ordem desfilam bom humor, paciência, companheirismo e boa vontade, assim como destilam tédios e inconformidades, como é próprio de nossa humanidade a relacionar-se com as pessoas e as coisas, seja no trabalho, seja em quaisquer outras situações.

5 - FINALIZANDO

Os dias que passamos a acompanhar o trabalho profissional de jornalistas e técnicos durante os jogos foram bastante agradáveis e muito frutíferos. Poder estar presente – e em alguma medida participar – da transformação de um evento em notícia ou espetáculo foi uma possibilidade importante para a compreensão do campo jornalístico e seus modos de produção.

Qualquer campo profissional é um espaço social no qual uma disputa pela imposição do que é legítimo ao campo se dá numa estrutura que ordena e configura interesses e disposições. A heterogeneidade do corpo de jornalistas a cobrir o JASC/2007, fruto da própria diversidade do campo, dos modelos de formação profissional, das origens regionais e de classe, colabora para o entendimento dos diferentes modos de interação nas relações sociais e das disposições que acabam por sistematizar tal modelo hierárquico e estruturado de posições.

Ainda assim, há que se perceber os nuances que as relações sociais possibilitam, mesmo obrigado a reconhecer que um sistema estruturado designe formas de conduta e ordene disputas cujos interesses nascem menos dos desejos dos agentes do que das imposições do próprio campo. Assim, a tipologia que nossa interpretação produziu dos jornalistas e seus modos de conduta e inter-relações deve ser sempre pensada a luz das possibilidades que a vida, os modos de conduta e personalidade individuais e os eventos suscitam, sob pena de transformarmos agentes em mera estereotipia. Isto, entretanto, não invalida nossos esforços de compreender o campo, se não apenas coloca as limitações que um trabalho mais extenso – e intenso – acabaria por solucionar.

Pois bem, se não pudemos esgotar as possibilidades descritivas e interpretativas que a pesquisa participante possibilita, em nosso caso, investigar até o limite as configurações espaço-temporais, os sistemas dos objetos e a ação profissional dos jornalistas em seus aspectos prático-simbólicos, traçamos, ao menos, os primeiros passos rumo ao diálogo com nossos sujeitos-objetos de pesquisa, abrindo à outras investidas metodológicas a continuidade deste perscrutar. Aberta a pesquisa com as práticas, após uma breve história do jornalismo e do esporte, é hora de passarmos aos dados gerais da produção das notícias em sua forma acabada, a saber, os jornais escritos e telejornais exibidos durante o JASC/2007.

Por fim, na confluência diacronia-sincronia, talvez tenhamos encontrado modelos estáveis na ordem jornalística e na configuração de seu campo, estrutura que revela hierarquias e disputas, porém, por outro lado, como a profissão se realiza não apenas como *habitus*, mas também na abertura

do mundo vivido, outros horizontes decorram de eventos, micro-eventos, a renovar, transformar ou reordenar a estrutura do campo jornalístico e suas modalidades prático-simbólicas.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997a.
- _____. *Razões Práticas: Sobre a teoria da ação*. Campinas/SP: Papyrus, 1997b.
- _____. *A Economia das Trocas Lingüísticas*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- _____. *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.
- _____. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. *História e Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- SIMMEL, Georg. *Philosophie de L'argent*. Paris : Presses Universitaires, 1977.
- _____. *La Tragédie de la Culture*. Paris: Rivages, 1988.
- _____. *Questões Fundamentais da Sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- VIRILIO, Paul. *Espaço Crítico e as Perspectivas do Tempo Real*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

O PRODUTO E OS PRODUTORES:
ANÁLISE DA COBERTURA DO JASC/2007 E
DE ENTREVISTAS COM JORNALISTAS

*Paula Bianchi; Iracema Munarim;
Bianca Natália Poffo;
Daiane Raquel Viero Ricken;
Filipi Flor Teixeira;
Tiago Soares Gaspar;
Giovani De Lorenzi Pires*

O presente capítulo, o mais longo desta publicação, corresponde àquilo que, nos relatórios de pesquisa, costuma-se chamar de apresentação e discussão dos resultados. A organização do capítulo segue a mesma estrutura de um relatório, no sentido de revelar as condições em que os dados foram coletados, a sua organização e sistematização e as reflexões

preliminares.

Vale destacar que foram feitas duas análises principais em relação ao que foi observado no campo: a) as modalidades mais referidas e/ou veiculadas nos quatro veículos acompanhados; b) a classificação das matérias em categorias de análise. A esta etapa do estudo, denominamos *O Produto: análise da cobertura jornalística do JASC/2007 – mídia impressa e televisiva* (item 4.1, a seguir).

Na seqüência do capítulo, apresentamos um texto que foi produzido a partir das entrevistas feitas com jornalistas diretamente envolvidos com a produção da cobertura jornalística dos Jogos, o que denominamos *Os produtores da cobertura do JASC/2007 – com a palavra, os jornalistas* (item 4.2.).

4.1 - O PRODUTO. ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA DO JASC/2007: MÍDIA IMPRESSA E TELEVISIVA

a) INTRODUÇÃO

Investigar e compreender as relações existentes no discurso midiático sobre as diferentes manifestações da cultura esportiva não é tarefa fácil. Requer dos pesquisadores da mídia um estranhamento aos meios e poder de interpretação e análise crítica, características essas, às vezes, difícil de serem alcançadas, devido a estarmos todos, pesquisadores ou não, imersos (em diferentes níveis de imersão, porém imersos) na sociedade midiática, na qual os meios de comunicação de massa detêm certa centralidade e tendência à homogeneização da informação. No entanto, algumas medidas precisam ser promovidas a fim de que possamos assumir uma postura compreensiva e crítica diante do discurso produzido pelas mídias.

É preciso reconhecer, nesta discussão, que a mídia tem relevante papel na vida das pessoas, seja para entreter ou para informar, como formadora de opinião e construtora de saberes/fazeres sociais, inclusive sobre o esporte, pois integra a paisagem social moderna e penetra em todas as esferas da vida, no meio urbano ou rural; não se restringindo em penetrar nossos meios de expressão e de comunicação, ela modifica nossa visão de

mundo à medida que nos impõe novos modos de representação e de ação sobre o real. Entendemos necessário analisar e discutir qualitativamente o discurso midiático, considerando, também pertinente trazer à tona a discussão das relações interdisciplinares entre o esporte e mídia, verificando as repercussões dessa relação no comportamento da sociedade e na atribuição de valores e significados sobre o esporte, inclusive no âmbito escolar, especialmente na Educação Física.

A partir deste contexto de inter-relações entre esporte e meios de comunicação, principalmente televisão e jornal, surgiu o interesse em realizar esta pesquisa. Apresentamos, neste capítulo, os resultados da pesquisa desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Observatório da Mídia Esportiva/NEPEF/UFSC. Foram nossos objetivos organizar e socializar observações quantitativas e qualitativas sobre a cobertura jornalística de eventos esportivos na mídia catarinense; neste sentido, o estudo buscou identificar características, tendências, limites e lacunas da relação que envolveu a análise da produção e veiculação de notícias esportivas nos veículos de comunicação de massa no Estado de Santa Catarina, visando proporcionar possíveis reorientações de enfoque às políticas públicas deste campo social.

Portanto, nosso principal foco de observação foi à cobertura jornalística da etapa final da 47ª edição dos Jogos Abertos de Santa Catarina, realizada de 01 a 12 de novembro de 2007, em Jaraguá do Sul/SC. Nossa perspectiva aqui é apresentar e discutir a produção de notícias esportivas, bem como as matérias jornalísticas veiculadas em quatro órgãos de comunicação de massa - dois jornais impressos: A Notícia (AN) e Diário Catarinense (DC) e duas emissoras de televisão: RBS TV e Rede TV Sul¹, a seguir descritos.

Metodologicamente, para a construção desta pesquisa consideramos como instrumentos de estudo, a descrição e análise de programas televisivos e de reportagens da mídia impressa, a observação *in loco* do trabalho jornalístico durante as finais do JASC/2007 e en-

1 É importante esclarecer que, logo após a cobertura do JASC/2007, a então Rede TV Sul passou a integrar o grupo de comunicação SBT. Todavia, nesta pesquisa, optamos continuar a nos referir à Rede TV Sul.

trevistas com jornalistas envolvidos no evento. Ao final da pesquisa, realizamos um cruzamento entre os resultados obtidos, envolvendo a mídia impressa e televisiva. Essa interpretação foi baseada numa abordagem sociocultural, que apresentou como referência o papel sócio-educativo que pode ser extraído da cobertura jornalística, consubstanciada no discurso midiático-esportivo, buscando ainda apontar possíveis repercussões para a área da Educação Física. Durante a descrição e discussão dos dados foram identificados os enfoques mais presentes distribuídos em categorias empíricas e as modalidades mais referidas, o que viabilizou a configuração de um perfil da cobertura jornalística televisiva e impressa regional.

O quadro abaixo apresenta os veículos de comunicação selecionados, o número de edições (jornais) e/ou reportagens analisadas (no caso da televisão) e o período de observação de cada um deles:

<i>Veículo de comunicação</i>	<i>Número de edições de jornais e/ou reportagens em telejornais analisadas</i>	<i>Período</i>
Jornal Diário Catarinense	12	01 a 12/11/2007
Jornal A Notícia	12	01 a 12/11/2007
RBS TV	15	01 a 12/11/2007
Rede TV Sul	29	01 a 12/11/2007

Então, a fim de sistematizar a realização desse estudo, além de tecer algumas considerações acerca das condições de produção e veiculação da informação jornalística, foram estabelecidos alguns procedimentos metodológicos, como:

- a) clipagem das matérias televisivas e das reportagens impressas que faziam referências ao JASC/2007;
- b) leitura e assistência do material para classificação das matérias, segundo as categorias estabelecidas;
- c) relatos registrados nos diários de campo dos pesquisadores do Grupo que acompanharam *in loco* parte das Finais do JASC/2007, inclusive acom-

- panhando o trabalho jornalístico diário (que compõe o capítulo III);
- d) entrevistas semi-estruturadas realizadas com jornalistas, todos *produtores* de informação, que estiveram diretamente envolvidos com a cobertura das finais do JASC/2007, descritas e analisadas no final deste capítulo;
- e) cruzamento e análise dos resultados obtidos, apontando as suas repercussões no campo das políticas públicas de esporte e na área da Educação Física.

Para a análise das reportagens veiculadas nos jornais e na televisão, foi considerada toda forma de discurso utilizada por esses meios como imagens, fotos, textos e sons, quando havia, procurando classificá-las em sete categorias de análise, estabelecidas a partir da primeira sistematização do material empírico. As categorias são apresentadas e discutidas no item 2 do presente capítulo.

b) CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTUDO: UM OLHAR SOBRE OS MEIOS

Para que os nossos leitores possam melhor compreender o contexto esportivo e midiático em Santa Catarina, é fundamental reforçarmos algumas informações sobre essas duas dimensões da vida social no Estado, o que já foi procedido em capítulos anteriores. Como se viu, os Jogos Abertos de Santa Catarina (JASC) constituem-se no evento mais importante do esporte comunitário (inter-cidades) de Santa Catarina, seja pelo número de atletas e cidades envolvidas nas suas diferentes fases classificatórias, seja pela tradição alcançada em 47 edições realizadas de forma ininterrupta, completadas em 2007. Destaque também para o grande número de veículos midiáticos que acorrem à cidade-sede das finais, visando à cobertura jornalística do evento.

Na atualidade, não se concebe um evento esportivo sem a presença dos meios de comunicação, em função da sua importância na divulgação e

2 Trata de anunciar, antecipada e repetidas vezes, um evento esportivo ao público, criando uma espécie de registro do mesmo na agenda social. O telespectador, o ouvinte ou o leitor recebe certa antecipação de um acontecimento que irá ocorrer do qual é convidado a participar, convencido da importância do evento anunciado.

agendamento dos eventos esportivos²; da mesma forma, não se pode pensar numa programação televisiva e/ou jornalística sem o espaço para notícias esportivas nos eventos esportivos. Segundo Santin (2007, p. 173):

Parece que o esporte exerce um certo domínio sobre a imprensa devido a seu grande apelo populacional. A mídia encontra consumidores de seus programas por veicularem eventos ou espetáculos esportivos. Nesse sentido os meios de comunicação dependem do esporte.

O que se pretende fazer aqui é apresentar, de maneira mais sistematizada, um pouco dos veículos midiáticos tomados na pesquisa como produtores da cobertura jornalística do JASC/2007.

Além das duas emissoras de televisão e dos dois jornais detalhados a seguir, outros veículos dos segmentos mídia televisiva e mídia impressa também fizeram a cobertura dos jogos. A opção pela RBS TV e pela Rede TV Sul se deu, respectivamente, pela hegemonia de audiência da primeira em todo o Estado, e pela tradição da segunda em realizar grandes coberturas de eventos regionais, especialmente os jogos abertos. Quanto aos jornais, os critérios foram: igualmente pela maior tiragem e distribuição estadual do Diário Catarinense e pelo aspecto da regionalidade do A Notícia, editado em Joinville, principal cidade da macro-região econômica e geográfica em que se encontra a cidade sede dos jogos, Jaraguá do Sul.

Também é importante destacar que um grande número de emissoras de rádio fez a cobertura da competição. Infelizmente, não tivemos a possibilidade de realizar a clípagem dos programas de radiojornalismo esportivo, por questões técnicas e operacionais, o que fez com que tivéssemos que deixar de fora da nossa análise esse importante veículo de comunicação, especialmente no que se refere ao critério de regionalidade da informação.

O jornal Diário Catarinense é produzido e editado na cidade de Florianópolis (SC), sendo propriedade do Grupo gaúcho RBS (Rede Brasil Sul de Comunicações). Tem distribuição em toda a região sul, parte da região sudeste e centro-oeste do Brasil, não se limitando, portanto, apenas ao Estado de Santa Catarina.

O jornal A Notícia é produzido e editado em Joinville, região norte de Santa Catarina e tem sua distribuição limitada ao Estado, sendo reconhecido como um jornal “mais local”, dando ênfase às notícias da sua região³.

Os dois jornais são veiculados diariamente, contendo sempre fatos atuais, são mais informativos do que opinativos, compostos por diferentes editorias (cultura, esporte, ciência e tecnologia, moda e comportamento, etc.), cadernos e colunistas. No entanto, a lógica da produção da notícia e a velocidade de editoração, obviamente, os diferencia de outros tipos de veículos de informação, como a televisão, o rádio ou a internet. É diferente também, em virtude do tempo-velocidade, a editoração de um jornal com circulação diária e de uma revista com circulação semanal. O uso de novas tecnologias nos modos de produção de notícias e do trabalho jornalístico propicia esse ritmo acelerado na construção de um jornal. É comum a utilização de frases curtas, imagens impactantes, sobreposição de cores e temas pela utilização de infográficos e montagens de fotos com os recursos da computação gráfica que compõe a aparência do jornal. Deve-se observar que essa lógica de tempo cronometrado interfere na produção da informação, mostrando-se cada vez mais, fragmentada, tendenciosa, superficial (um dado solto), sem preocupação com o processo formativo do leitor.

Um dos aspectos que contribui para a boa receptividade do jornal deve-se ao fato de ser impresso, o que torna mais fácil a sua manipulação pelo leitor, que não depende de outros recursos tecnológicos para se ter acesso ao jornal; ele chega pronto para o leitor, que tem apenas a tarefa de lê-lo. Além disso, em tempos de segmentação do mercado consumidor das diferentes mídias, o jornal tende a tornar-se a opção preferencial dos chamados “formadores de opinião” da sociedade.

Acompanhamos também, como já descrito, a cobertura do JASC/2007 pela Rede TV Sul e pela RBS TV.

³ Após o período da pesquisa de campo, o jornal A Notícia foi adquirido pelo mesmo Grupo RBS, sofrendo uma ampla reforma administrativa e editorial. Em que pese continuar sendo um diário regional, sua distribuição agora começa a se tornar mais ampla, em várias regiões do Estado, especialmente em Florianópolis.

A Rede TV Sul, afiliada da Rede TV, era transmitida para todo o Estado de Santa Catarina além da região da grande Curitiba (Paraná). A emissora, que mantinha contrato de retransmissão do sinal com a TV Lages, do Grupo SCC (Sistema Catarinense de Comunicação), perdeu seu lugar para o grupo SBT em fevereiro de 2008, que retomou uma antiga parceria com o SCC iniciada na década de 90. De acordo com o jornal Folha de São Paulo, a TV Lages cobre mais de 90% dos domicílios do Estado, o que justificaria o interesse desta parceria, já que o SBT havia perdido a retransmissão em Santa Catarina pela RIC, agora afiliada da TV Record (FOLHA DE SÃO PAULO, 2007).

Com 66 anos de atividade, sendo 25 destes atuando com televisão (o grupo também possui em rádio, internet, jornal impresso e TV por assinatura), o Grupo SCC, do qual faz parte a TV Lages, possui centrais de produção na sua cidade-sede (Lages) e na capital do Estado. De acordo com os dados obtidos durante a pesquisa *in loco*, a Rede TV Sul possuía também estrutura de apoio jornalístico nas regiões de Joinville, Florianópolis, Oeste e Planalto Catarinense. A cobertura jornalística do JASC/2007 foi feita por profissionais ligados à cidade de Joinville, embora toda a base da programação – programas, chamadas ao vivo, algumas edições - estivesse ligada à central, situada em Lages.

A outra emissora cuja transmissão da cobertura do JASC/2007 foi acompanhada para nossa pesquisa, é uma afiliada da Rede Globo para os Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O grupo RBS foi fundado em 1957 em Porto Alegre, sendo a mais antiga afiliada da Rede Globo no Brasil, desde 1967, possuindo hoje 18 emissoras de TV aberta (12 no Estado do RS e 6 em SC) e 2 emissoras de TV comunitária, além de rádios, portal de internet, jornais impressos, editora e gravadora atuantes nos dois Estados.

A RBS chegou a Santa Catarina, em 1979, e hoje também incorpora os jornais impressos de maior circulação do Estado (Diário Catarinense, A Notícia, Jornal de Santa Catarina). A empresa também divulga em sua programação e em seu *site* institucional sua liderança em audiência, com detalhamento dos pontos divulgados por pesquisas do IBOPE, além do perfil da sua audiência –em grande parte justificado pela programação da Rede Globo, a qual é afiliada, cuja liderança em audiência se mantém há muitos anos em determinadas faixas de horário.

Por ser a maior empresa de telecomunicações do Estado de Santa Catarina, o grupo RBS possui estrutura para transmissão superior às outras emissoras, tanto no quesito qualidade (formação dos profissionais, maior quantidade e diversidade de equipamentos de mídia) como quantidade (número de emissoras – cobertura e abrangência no Estado). Embora isto seja um fato, a cobertura do JASC/2007 foi de pequena importância se comparada aos outros programas de sua grade ou à cobertura feita pela Rede TV Sul. Talvez pela emissora possuir este caráter mais nacional, ao evento local foi destinado um espaço menor de divulgação.

É, portanto, nesse contexto de relações entre esporte e mídia, além de repercussões sociais, políticas e educacionais da mídia e esporte na vida cotidiana, que se realizou o estudo.

c) APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO PRELIMINAR DOS RESULTADOS

De acordo com o material selecionado e conforme os procedimentos metodológicos já referidos foi possível identificar aspectos referentes à relação entre esporte e mídia, bem como as repercussões do evento esportivo nos dois jornais impressos - A Notícia e Diário Catarinense - e nas duas emissoras de televisão - RBS TV e Rede TV Sul.

Do ponto de vista descritivo-quantitativo quanto à **mídia impressa**, num universo de **24** edições analisadas, identificamos **78** matérias jornalísticas publicadas no AN e **61** matérias jornalísticas publicadas no DC, totalizando **139** reportagens nos dois jornais envolvendo o JASC/2007.

Por sua vez, na **mídia televisiva**, foi possível identificar **44** reportagens televisivas envolvendo o JASC/2007, divididas em **15** matérias exibidas, na RBS TV, totalizando **24 min.** de veiculação e **29** matérias veiculadas na programação da Rede TV SUL, totalizando **2h17min** de transmissão sobre os jogos. As reportagens foram apresentadas na RBS TV nos seguintes programas: RBS Notícias, Estúdio Santa Catarina e RBS Esporte. Na Rede TV SUL, as matérias foram veiculadas nos programas: Boletim JASC Meio-Dia, Boletim da Tarde e TV em Rede, sendo que neste último, houve a transmissão do Boletim do JASC, criado especialmente para a cobertura dos Jogos Abertos.

Para ilustrar os dados acima citados, apresentamos o quadro abaixo, com o resultado das matérias identificadas em cada veículo de comunicação, em cada segmento de mídia e ainda a soma total desses dados:

Veículo de Comunicação	Número
Diário Catarinense	61
A Notícia	78
Total parcial - Jornal	139
RBS TV	15
Rede TV Sul	29
Total parcial - Televisão	44
<i>Total de matérias identificadas</i>	<i>183</i>

A seguir, passamos a descrever e analisar este material, a partir de dois recortes específicos, como já afirmamos: inicialmente, são considerados os registros e o conteúdo das referências feitas a modalidades esportivas, seguindo a mesma ordem acima, isto é, primeiro nos jornais e depois nas emissoras de televisão. Na seqüência, as reportagens dos jornais e as matérias televisivas são descritas, classificadas e analisadas conforme as categorias já referidas anteriormente.

1 - As Modalidades Esportivas nos Jornais e na Programação Televisiva

Nas 139 reportagens identificadas na mídia impressa, nos dois jornais, conforme descrito acima, foram referidas, no total, **21** modalidades esportivas⁴, algumas identificadas em um só jornal, a maioria em ambos. De forma geral, as matérias jornalísticas da mídia impressa priorizavam divulgar os resultados das equipes e *performances* individuais na competição, bem como informações sobre a programação do evento (o que tinha acontecido, o que estava acontecendo e o que iria acontecer na competição),

⁴ Na etapa final do JASC/2007, foram disputadas 25 diferentes modalidades, quase todas no masculino e feminino.

dando ênfase ao aspecto regional e as personalidades políticas e esportivas envolvidas.

Foram feitas referências a **19** modalidades esportivas na programação das duas emissoras de TV. Algumas como karatê e bocha, foram veiculadas em apenas uma das emissoras; outras, mais tradicionais como o futsal e voleibol, apareceram em ambas as emissoras. Na sua maioria, as matérias priorizavam veicular notícias sobre o desempenho coletivo e individual dos atletas, *ranking* de medalhas, entrevistas “ao vivo” e/ou gravadas com personalidades políticas e esportivas presentes no evento, informações sobre a programação do JASC/2007, além de matérias com assuntos envolvendo turismo e lazer, dando ênfase ao aspecto regional.

As maneiras de exibição das reportagens consistiram em três formas: a) programas gravados; b) programas “ao vivo”; e c) abertura do programa (“cabeça”) “ao vivo”, direto do estúdio de gravação, centrado na figura do apresentador do programa, seguida da exibição de matérias gravadas. Destacamos que poucas reportagens “ao vivo” foram veiculadas. Quando isso ocorria, se tratava de entrevistas com organizadores do evento ou personalidades presentes no JASC/2007 e da transmissão de jogos, especialmente de futsal, o que será analisado no decorrer do capítulo.

É necessário esclarecer que para a quantificação dos dados, quanto ao meio “televisão”, consideramos o número de vezes em que as modalidades e categorias foram citadas nas matérias, não sendo tomado o tempo de veiculação das mesmas como fonte para a análise quantitativa.

A seguir, de modo a ilustrar os resultados, apresentamos alguns aspectos quantitativos das modalidades esportivas presentes nos jornais pesquisados AN e DC (Quadro 01) e nas emissoras de televisão RBSTV e Rede TV Sul (Quadro 02), bem como os gráficos com o valor total das modalidades apresentadas entre os dois jornais (Gráfico 01) e entre as duas emissoras televisivas (Gráfico 02). Vale observar que nem todas as matérias identificadas nos veículos de mídia impressa faziam referência a modalidades esportivas. Em números absolutos, considerando os dois jornais, 18 das 139 matérias relacionadas não trataram de modalidades esportivas. Portanto, o Quadro 1 e o Gráfico 1 trabalham com um universo de 121 matérias.

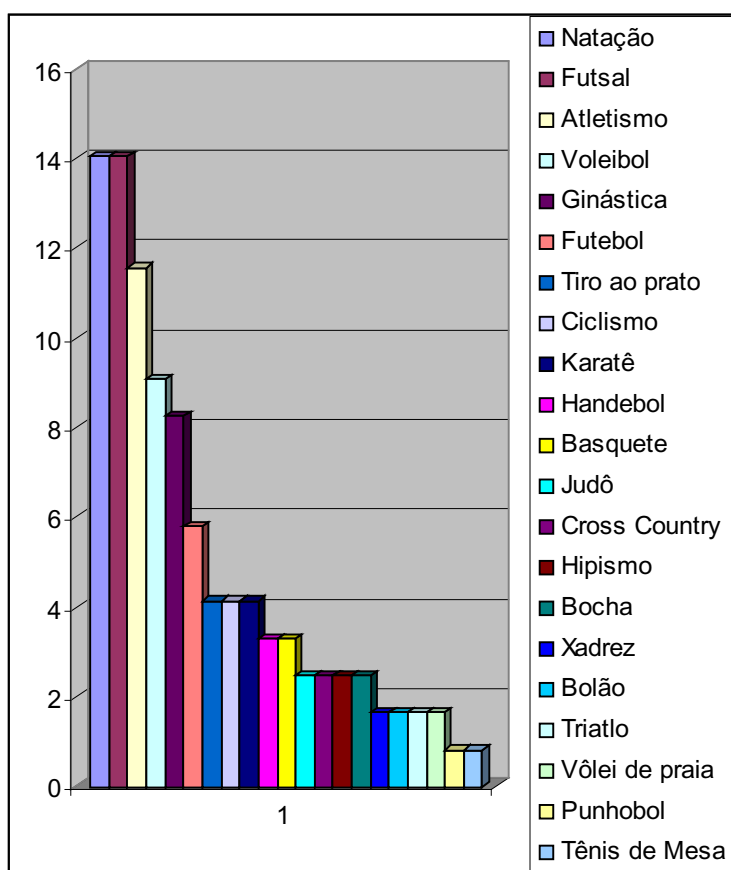
Quadro 1: distribuição das modalidades esportivas nas matérias jornalísticas em números absolutos (N) e percentuais (%) nos jornais Diário Catarinense e A Notícia

Modalidades esportivas	Diário		A Notícia		Total	
	N	%	N	%	N	%
1. <i>Natação</i>	08	13,78	09	13,63	17	14,04
2. <i>Futsal</i>	07	12,06	10	15,15	17	14,04
3. <i>Atletismo</i>	07	12,06	07	10,60	14	11,57
4. <i>Voleibol</i>	05	8,60	06	9,09	11	9,09
5. <i>Ginástica</i>	06	10,34	04	6,06	10	8,26
6. <i>Futebol</i>	01	1,72	06	9,09	07	5,80
7. <i>Tiro ao prato</i>	02	3,44	03	4,54	05	4,13
8. <i>Ciclismo</i>	03	5,17	05	7,57	05	4,13
9. <i>Karatê</i>	05	8,60	-	-	05	4,13
10. <i>Handebol</i>	01	1,72	03	4,54	04	3,30
11. <i>Basquete</i>	01	1,72	03	4,54	04	3,30
12. <i>Judô</i>	02	3,44	01	1,51	03	2,48
13. <i>Cross Country</i>	02	3,44	01	1,51	03	2,48
14. <i>Hipismo</i>	01	1,72	02	3,03	03	2,48
15. <i>Bocha</i>	02	3,44	01	1,51	03	2,48
16. <i>Xadrez</i>	01	1,72	01	1,51	02	1,65
17. <i>Bolão</i>	-	-	02	3,03	02	1,65
18. <i>Triatlo</i>	01	1,72	01	1,51	02	1,65
19. <i>Vôlei de praia</i>	01	1,72	01	1,51	02	1,65
20. <i>Punhobol</i>	01	1,72	-	-	01	0,82
21. <i>Tênis de Mesa</i>	01	1,72	-	-	01	0,82
Total	58	100	66	100	121	100

No jornal Diário Catarinense, encontramos referência a 20 diferentes modalidades esportivas, sendo que as mais enfatizadas neste jornal foram: em 1° lugar, a natação, com 13,78%; em 2° lugar, o atletismo e o futsal, com 12,06% cada modalidade; em 3° lugar, ficou a ginástica, com 10,34%. O jornal A Notícia referiu-se a 18 modalidades esportivas, sendo que as mais enfatizadas foram: em 1° lugar, o futsal, com 15,15%; em 2° lugar, a natação, com 13,63%; e no 3° lugar, o atletismo, com 10,60%. Como se pode perceber, entre os dois jornais, quase não há diferença entre as modalidades mais referidas, sendo pequena a diferença pró-A Notícia no número total de referências a modalidades.

O gráfico a seguir (Gráfico 1) apresenta, para melhor visualização, os resultados totais das referências a modalidades esportivas nos dois jornais, em valores relativos.

Gráfico 1: distribuição dos registros de modalidades referidas nos dois jornais em valores relativos



Nas 24 edições analisadas, através do resultado total da distribuição das modalidades esportivas nas matérias apresentadas, percebemos que o futsal e a natação representam os esportes mais evidenciados pelos dois jornais, seguidos pelo atletismo e voleibol. Nota-se com isso que há um

amplo predomínio das chamadas modalidades olímpicas, especialmente as mais conhecidas do grande público. Esportes como punhobol, bocha e bolão, que têm identidade cultural com as nacionalidades que emigraram para a colonização do Estado, ocupam um espaço reduzido nas reportagens e, quando veiculados, estão sempre ligados ao interesse regional e ao fato de serem caracterizados pela mídia como algo excêntrico e “diferente” daquilo que é comumente noticiado na mídia esportiva. Tal constatação nos possibilita inferir que os jornais priorizam veicular modalidades mais conhecidas e “globalizadas”, sem descuidar totalmente, no entanto, de elementos específicos da sua região, buscando atrair a atenção de seus leitores de acordo com o contexto cultural específico – idéia esta que remete às mediações culturais (MARTÍN-BARBERO, 2003). Vale a pena destacar, embora decorrente da análise mais qualitativa dos dados, que a referência a aspectos regionais mostrou-se também enfatizado nas matérias, seja através de entrevistas com atletas locais, de imagens da cidade, de divulgação de festas típicas ou pela veiculação de modalidades esportivas, como o bolão (modalidade mais praticada em regiões de colonização européia, como a alemã). Por exemplo, um dos destaques da RBS TV foi à cobertura da festa de abertura do JASC/2007, que representou a cultura alemã, com suas danças e músicas típicas.

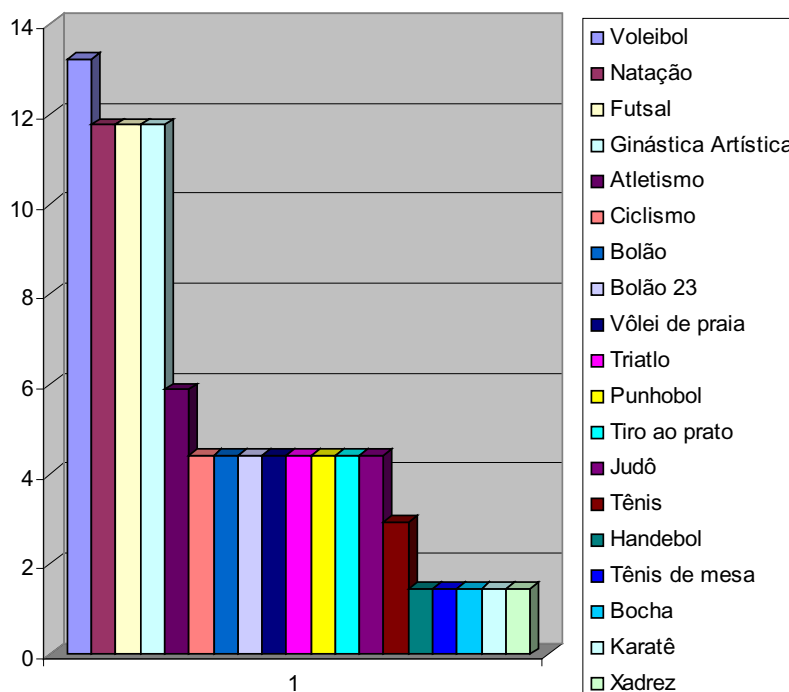
Essa estrutura de referência a modalidades esportivas que foi observada nos jornais tende a se repetir, como pequenas alterações, quando da análise das matérias veiculadas nos telejornais observados. Isso pode ser constatado no Quadro 2 e no Gráfico 2. O que chama a atenção aqui é que, ao inverso do que ocorreu na análise dos jornais, quando nem todas as matérias faziam referência a modalidades esportivas, na mídia televisiva todas as matérias abordavam alguma modalidade, sendo que em várias delas havia referência a mais de uma modalidade. Isso fez com que, em 44 reportagens encontradas na cobertura das emissoras de televisão, fossem identificadas 68 citações de modalidades esportivas.

Quadro 2: distribuição das modalidades referidas nas matérias das emissoras de televisão (RBS TV e Rede TV Sul), em números absolutos (N) e relativos (%)

Modalidades esportivas	RBS TV		Rede TV Sul		Total	
	N	%	N	%	N	%
1. Voleibol	02	11,76	07	13,72	09	13,23
2. Natação	03	17,64	05	9,80	08	11,76
3. Futsal	02	11,76	06	11,76	08	11,76
4. Ginástica Artística	-	-	08	15,68	08	11,76
5. Atletismo	02	11,76	02	3,92	04	5,88
6. Ciclismo	03	17,64	-	-	03	4,41
7. Bolão	01	5,88	02	3,92	03	4,41
8. Bolão 23	-	-	03	5,88	03	4,41
9. Vôlei de praia	01	5,88	02	3,92	03	4,41
10. Triatlo	-	-	03	5,88	03	4,41
11. Punhobol	-	-	03	5,88	03	4,41
12. Tiro ao prato	02	11,76	01	1,96	03	4,41
13. Judô	01	5,88	02	3,92	03	4,41
14. Tênis	-	-	02	3,92	02	2,94
15. Handebol	-	-	01	1,96	01	1,47
16. Tênis de mesa	-	-	01	1,96	01	1,47
17. Bocha	-	-	01	1,96	01	1,47
18. Karatê	-	-	01	1,96	01	1,47
19. Xadrez	-	-	01	1,96	01	1,47
Total	17	100	51	100	68	100

Visando ilustrar melhor o que é expresso no quadro anterior, apresentamos no Gráfico 2, abaixo, o somatório dos registros de cada uma das modalidades referidas, consideradas no conjunto das duas emissoras de televisão, representadas pela sua frequência relativa.

Gráfico 2: distribuição dos registros de modalidades esportivas referidas nas duas emissoras de televisão, em valores relativos



A evidência que os dados do Quadro 2 nos mostram é que a RBS TV teve um número absoluto bem menor e bem mais concentrado, em apenas 9 esportes, de referências a modalidades esportivas em suas matérias do que expressam os dados relativos à Rede TV Sul. Todavia, se observados estes números em relação ao número de matérias veiculadas e tempo de veiculação de cada uma das emissoras, bem maior na Rede TV Sul como vimos, essa diferença tem que ser relativizada.

Tal como se observou na análise dos jornais, também na televisão foram mais destacadas as modalidades freqüentemente divulgadas pela emissora em sua programação normal, pela ordem, voleibol, natação, futsal e ginástica artística (Gráfico 2). Juntas, estas 4 modalidades atingem quase a metade das referências a esportes (48,51%). Mas, também foram incluídas

algumas modalidades menos difundidas ou de identidade cultural, como vôlei de praia e tiro ao prato, embora o conjunto delas, em número de 15, perfaça pouco mais da metade do total de referências (51,49%).

Apesar de menor e mais concentrada em poucos esportes, a veiculação das modalidades esportivas se apresentou proporcionalmente mais bem distribuída entre os esportes referidos na programação da RBS TV, não evidenciando destaque muito maior a algum esporte em detrimento dos demais referidos pela emissora. As modalidades que mais se destacaram foram o ciclismo e a natação, ambas com 17,64% dos registros, seguidas de atletismo, futsal, tiro ao prato e voleibol, todas com 11,76% cada uma.

Acreditamos que uma possível justificativa para que a natação tivesse um espaço maior de veiculação seja em função da descoberta de casos de irregularidades nas inscrições da cidade de Joinville, o que foi tratado pela televisão como um fato extraordinário/inusitado. Quanto à maior repercussão dada ao ciclismo, essa pode dever-se ao fato de que um atleta regional, conhecido nacionalmente (Márcio May), estivesse se despedindo da carreira de atleta profissional neste evento. Pode-se observar nas matérias sobre o ciclista a ênfase aos aspectos ligados ao que podemos chamar de “drama humano”, ou seja, a arte de comover o telespectador através da veiculação de histórias emocionantes.

Vale a pena destacar que na cobertura da Rede TV Sul, as referências a modalidades esportivas estão dispersas em mais modalidades, num total de 18. E, de forma também diversa do que se observou na RBS TV, há maior concentração em algumas modalidades, em detrimento das demais. O interessante a observar é que as 4 modalidades mais citadas nas reportagens da Rede TV Sul são as mesmas, ainda que em outra ordem, de quando é observado o conjunto das duas emissoras, como referido anteriormente (ginástica artística, voleibol, futsal e natação). E o índice de concentração nas 4 modalidades, no caso desta emissora, é ainda maior do que no quadro geral, com um percentual de 50,96%, isto é, mais da metade das referências a modalidades são feitas a estes 4 esportes na cobertura da Rede TV Sul.

Uma menção especial precisa ser feita à cobertura da modalidade futsal. De forma geral, as modalidades em que disputam atletas ou equipes

de renome nacional são mais destacadas, como, inclusive, é admitido pelos jornalistas entrevistados. Isso vale, por exemplo, para o voleibol masculino, em que Florianópolis/CIMED e Joinville/UNISUL fizeram no JASC/2007 a antecipação do que seria uma das semifinais da Superliga Nacional, poucos meses depois. No entanto, no que se refere ao futsal, o fator local terminou influenciando ainda mais, já que a cidade-sede dos jogos, Jaraguá do Sul, estava representada pela equipe da Malwee, campeã da Liga Nacional da modalidade. Como a equipe (e mesmo a empresa patrocinadora) tem uma identidade muito grande com a cidade, havia até mesmo certa ambigüidade na forma como torcedores e jornalistas referiam-se a ela, sem distinguir claramente entre a cidade (representação nos jogos abertos) e a empresa, patrocinadora da equipe. Neste sentido, vale destacar a grande cobertura e destaque atribuídos, na mídia em geral, aos jogadores da equipe, especialmente ao ala Falcão, considerado o melhor jogador do mundo de futsal e integrante da seleção brasileira, assim como vários outros atletas de Jaraguá do Sul.

Outro aspecto observado foi a questão do tempo (minutagem) como um fator determinante no jornalismo televisivo. As matérias exibidas na RBS TV, na sua maioria, são breves, com conteúdos informativos e despertam a curiosidade⁵ do telespectador - exemplo disto são matérias que contemplam aspectos como superação humana e dedicação ao esporte. Destacamos a reportagem que conta a história da atleta de vôlei de praia que disputou os Jogos Abertos na década de 80 e, em 2007, continua competindo, "*esbanjando técnica e vitalidade no esporte*" (expressões usadas na reportagem sobre a atleta).

De modo geral, é característica da televisão veicular matérias bastante dinâmicas, com muitos quadros, cortes, repletas de imagens, sons e fatos repetitivos como se estes fossem inéditos a cada reapresentação. De acordo com Barbosa e Ribeiro (2005, p. 221), "com seu ritmo sincopado e cada vez mais acelerado, a televisão materializa uma instantaneidade sin-

5 Conforme Correia (1998) as notícias são construídas a partir dos valores notícia, que podem pode perspectivar segundo os pontos de vista da *importância* (de interesse público) ou do *interessante* (de interesse do público).

gular que inibe, a princípio, o retorno do pensamento e a pausa necessária à reflexão". Isto nos leva a pensar na impossibilidade do desenvolvimento de uma consciência crítica do receptor, pois a grande velocidade na qual se dá a passagem de uma informação para outra na televisão não permite a reflexão (que necessita de uma pausa) acerca das notícias veiculadas. Ainda, para as autoras, "a forma como constrói sua narrativa – em mensagens que se sucedem num turbilhão -, ignorando o que precede e o que sucede, [a televisão] leva a inscrição imaginária daquele momento como unívoco, sem qualquer relação com o passado e o futuro" (Ibidem).

No entanto, acreditamos que essa característica efêmera das informações não passa totalmente despercebida pelo telespectador e que fatores importantes devem ser levados em conta quando refletimos sobre a recepção de determinados produtos televisivos como, no caso, o telejornalismo. Instituições mediadoras que atuam no contexto social em que o telespectador se encontra (como a família, a escola, o trabalho, a igreja, etc.) devem ser consideradas quando nos questionamos se o público reflete ou não sobre determinada notícia, conforme indica a *Teoria das Mediações*, desenvolvida por Jesus Martín-Barbero (2003), e complementada pela *Dialética das Múltiplas Mediações*, sugerida por Guillermo Orozco (1993).

As matérias veiculadas na Rede TV Sul eram mais longas e ainda foram rerepresentadas muitas vezes. A maior parte das reportagens "ao vivo" envolveu entrevistas com personalidades políticas, como o prefeito de Jaraguá do Sul, representantes da FESPORTE e atletas locais, além da transmissão de jogos. Algumas modalidades esportivas obtiveram um espaço maior dentro da programação da emissora, em função da reprise de reportagens envolvendo tais modalidades. Este é o caso da ginástica artística, que aparece em primeiro lugar, devido ao número de matérias veiculadas, sendo muitas delas, reprisadas. Se considerássemos apenas pelo ineditismo do conteúdo de cada matéria, essa modalidade provavelmente passaria para o 4º ou 5º lugar. Percebeu-se, dessa forma, que há certa banalização das imagens e a cobertura extensiva de alguns esportes, aparentemente sem um planejamento prévio a respeito da sua distribuição, mas com inserções cujo objetivo parece ser apenas o de ilustrar algumas reportagens ou de "fechar" a programação.

O futsal foi o esporte com mais transmissão “ao vivo”, evidenciando que essa modalidade teve espaço garantido na programação da Rede TV Sul, reforçando com isso seu caráter hegemônico na cultura esportiva regional. Na transmissão dos jogos de futsal, além de várias intervenções de jornalistas convidados, foram veiculadas reportagens durante o período que antecedia o início dos jogos. Ao considerarmos o tempo de veiculação das matérias nos programas desta emissora, o futsal é a modalidade mais enfatizada, com aproximadamente 50 minutos de veiculação. Além da freqüente (e já referida) sobreposição da marca do patrocinador da equipe (Malwee) ao nome da cidade, pudemos identificar, em vários momentos, o destaque ao individual – especialmente o jogador Falcão, grande personagem midiática, sempre pronto a atender os jornalistas - em detrimento do coletivo, isto é, da equipe de futsal que representava a cidade de Jaraguá do Sul.

Essa personificação também é tida para a mídia como requisito necessário para se fazer uma reportagem, isto pode ser evidenciado no relato dos jornalistas entrevistados. Para ilustrar essa situação, tomamos como exemplo, o trecho da entrevista com a repórter Amanda Santos da Rede TV Sul, no qual ela diz: *de modo geral, quando se trata de modalidade esportiva, o jornalismo pensa logo em um atleta/ídolo específico* (Registro de entrevista, 09/11/2008). A mesma observação é corroborada pela sua chefia direta, a coordenadora de jornalismo da mesma Rede, Karla Silveira, em entrevista concedida aos pesquisadores: *“toda matéria precisa ter um personagem, senão não tem graça (...). Falar do Falcão é importante porque é falar de um ídolo e em cada modalidade procura-se enfatizar um ídolo.”* (Registro de entrevista, 05/06/2008).

Também percebemos que a Rede TV Sul ocupava lugar de destaque na Arena Jaraguá, com uma ampla cabine onde foi montada uma ilha de edição para produzir e gerar as matérias sobre o JASC/2007, além de filmar as partidas “ao vivo” de futsal. Num espaço ao fundo da quadra de esportes, havia estruturado um mini-estúdio para as entrevistas, com o fundo constituído por um banner gigantesco da emissora, contendo a sua logo e também de vários patrocinadores da cobertura jornalística da emissora. Os repórteres da Rede TV Sul transitavam por todos os espaços, com desenvoltura e grande acolhida por parte do pessoal técnico, da organização, atletas e mesmo torcedores.

Como exemplo da presença da televisão na Arena Jaraguá, relatamos o fato ocorrido durante a transmissão de uma partida de futsal, na qual a repórter interagia com o público que assistia (e vibrava) o jogo.

Na Arena Jaraguá, foram realizados somente os jogos de futsal, os quais tiveram ampla e quase exclusiva cobertura dos meios de comunicação presentes no evento. Mas a movimentação de jornalistas ali era muito grande porque as dependências do local acolhiam também a sala da comissão técnica dos Jogos, a sala da assessoria de imprensa da FESPORTE e, principalmente, o amplo ambiente do comitê de imprensa, conforme já destacado em capítulo anterior.

2 - A Classificação das Matérias Jornalísticas conforme as Categorias de Análise:

Nesta segunda forma de reflexão sobre os dados recolhidos do campo, o procedimento analítico foi implementado a partir do estabelecimento de categorias gerais, extraídas do próprio material empírico. Essa organização permitiu que as matérias jornalísticas da mídia impressa e televisiva fossem sistematizadas e classificadas em agrupamentos categoriais, permitindo assim uma análise de conteúdo dos dados.

Inicialmente, apresentamos as categorias identificadas, acompanhadas de uma breve ementa explicativa, e, a seguir, a distribuição do material nas respectivas categorias. Da mesma forma que foi procedido em relação à primeira etapa de reflexão (modalidades esportivas citadas), aqui também é imperioso destacar que o número de referências que as matérias observadas fazem a aspectos contidos na estrutura de classificação elaborada determinou que uma mesma matéria fosse distribuída em mais de uma categoria, fazendo com isso que este número superasse o número total de reportagens identificadas.

As categorias de análise são:

1) *Personalidade envolvida no evento:* destaque às pessoas públicas que participaram e/ou visitaram o JASC/2007, como figuras políticas e artísticas;

2) Turística: envolve aspectos ligados ao turismo, pontos para visita-ção nas cidades participantes do evento, referências a cultura popular (danças, comidas e festas típicas);

3) Economia: refere-se às repercussões econômicas do JASC/2007 na cidade de Jaraguá do Sul; reflexos dos jogos sobre a economia e comércio local;

4) Infra-estrutura e Organização: engloba aspectos ligados a reali-zação e organização dos jogos; destaque para as condições espaciais (estrutura física dos espaços, meio-ambiente) dos locais de prova e também da própria cidade para sediar a competição e oferecer con-dições propícias para acolher atletas e visitantes;

5) Técnica: refere-se desde a preparação dos atletas, treinamento, avaliação da carreira até os resultados dos atletas e das equipes. Di-vulga boletins informativos sobre os principais resultados dos jogos; destaca quem está ganhando, quem está liderando o ranking de me-dalhas, quem está perdendo, quem foi penalizado ou desclassificado, irregularidades envolvendo os jogos, etc.;

6) Regional: dá ênfase às modalidades regionais, as pessoas da co-munidade local, atletas que possuem alguma relação particular com a região. Destaca os aspectos da proximidade com o local do evento;

7) Expectativa: faz menção ao conjunto de registros que ora cria ex-pectativas positivas acerca do desempenho dos atletas, ora gera sus-pense e expectativa negativa.

No decorrer da pesquisa, identificou-se ainda mais uma catego-ria, esta restrita às matérias televisivas (portanto, considerada apenas na análise das reportagens veiculadas pela televisão), que pode ser assim descrita:

8) Avaliação: enfatiza depoimentos, fatos e a opinião do público pre-sente nos jogos que avaliam a realização do JASC/2007, além do de-sempenho dos atletas na competição.

Nomeadas e descritas as categorias de análise, passamos a apresentar e discutir preliminarmente a classificação das matérias em categorias, seguindo a mesma seqüência que foi utilizada nas referências a modalidades esportivas: primeiro, a classificação do material presente nos jornais pesquisados; e a seguir, o das emissoras de televisão.

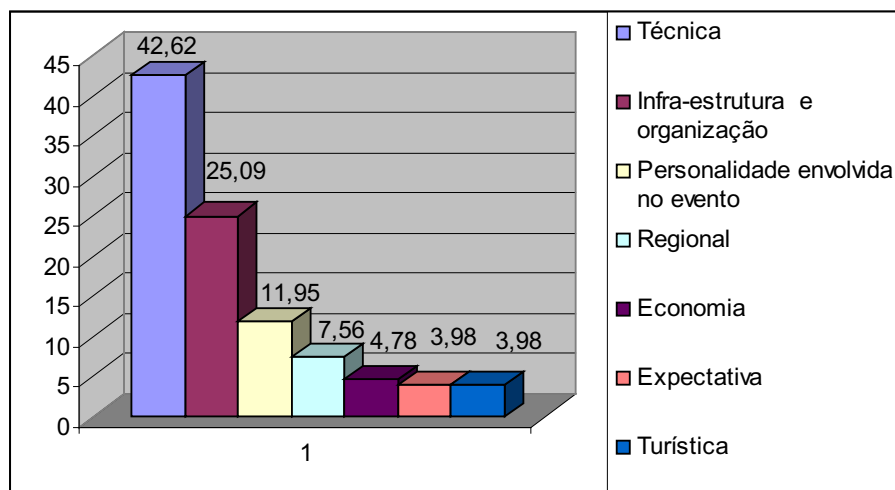
Em relação aos veículos de *mídia impressa*, o conjunto das **139** reportagens identificadas gerou **251** registros categoriais, sendo **107** no Diário Catarinense e **144** em A Notícia, conforme se observa no Quadro 3.

Quadro 3: distribuição dos registros das matérias de Diário Catarinense e A Notícia em categorias

Categorias	Diário Catarinense		A Notícia		Totais	
	N	%	N	%	N	%
<i>Técnica</i>	50	46,72	57	39,58	107	42,62
<i>Infra-estrutura e organização</i>	26	24,29	37	25,69	63	25,09
<i>Personalidade envolvida no evento</i>	08	7,47	22	15,27	30	11,95
<i>Regional</i>	10	9,34	09	6,25	19	7,56
<i>Economia</i>	04	3,73	08	5,55	12	4,78
<i>Expectativa</i>	03	2,80	07	4,86	10	3,98
<i>Turística</i>	06	5,60	04	2,77	10	3,98
Total	107	100	144	100	251	100

Para ilustrar, o gráfico a seguir (Gráfico 3) apresenta os registros das matérias em categorias, referente ao somatório dos dois jornais, em números relativos.

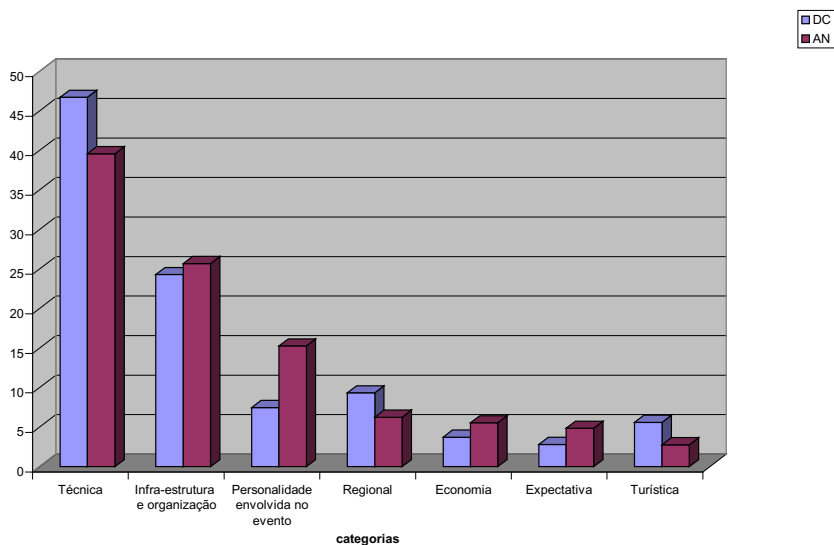
Gráfico 3: distribuição dos registros em categorias nos dois jornais, em valores relativos



O Gráfico 3 evidencia o quanto as informações veiculadas nos jornais se referem aos aspectos técnicos da realização dos Jogos. Associados os dois diários, o percentual de matérias jornalísticas que abordam assuntos de natureza técnica, envolvendo programação, resultados, ranking, quadro de medalhas, etc., chega próximo da metade das matérias, alcançando 42,62%. Isto representa mais de 15 pontos percentuais a mais do que o tema que foi o segundo colocado, relativo a questões de infra-estrutura e organização dos jogos e da cidade-sede. Se considerarmos essas duas categorias juntas, pode-se afirmar que elas respondem por dois terços (2/3) do total de registros identificados no material coletado dos jornais.

Ainda com o objetivo de ilustrar melhor os dados expressos no Quadro 3, apresentamos na seqüência gráfico (Gráfico 4) que possibilita uma visão comparativa das ênfases das matérias conforme os registros em categorias entre os dois jornais em análise, ainda em números relativos.

Gráfico 04: quadro comparativo entre A Notícia e Diário Catarinense, cf. categorias selecionadas:



Nas reportagens que tratavam do JASC/2007 nas 22 edições analisadas dos jornais analisados, a categoria “Técnica”, como não poderia deixar de ser, foi a mais enfatizada em ambos, de forma um pouco mais evidente no Diário Catarinense (46,72%) do que no A Notícia (39,58%). Essas reportagens priorizavam divulgar a programação do dia, os principais resultados, boletins com *ranking* de medalhas, bem como a classificação das equipes e/ou de atletas na competição.

As matérias classificadas nesta categoria têm como característica o fato de serem factuais e datadas, isto é, estarem relacionadas temporalmente ao desenrolar do evento ao longo da sua realização. Com esse tipo de cobertura, os jornais constroem, assim, uma narrativa espaço-temporal que atualiza os leitores no cotidiano dos jogos, agendando o que está por ocorrer e relatando o recém-acontecido. Para fazer este “enlace” do leitor, dia-após-dia, a mídia impressa precisa pautar sua cobertura por um tipo de notícia que seja objetiva, apresente informações novas para quem acompanha o noticiário e também garanta alguma compreensão dos fatos àqueles que têm acesso mais esporádico ao meio impresso.

Com pouco mais da metade do número de registros de ordem técnica, visto acima, vem em seguida, como a segunda mais evidenciada em ambos os jornais, a categoria "*Infra-estrutura e organização*", com respectivamente 24,29% no Diário e 25,69% no A Notícia. Neste sentido, podemos observar matérias relacionadas aos investimentos feitos pela Prefeitura em obras para garantir boas condições para a prática esportiva, como é o caso do complexo esportivo "Arena Jaraguá". Também são referidas com destaque na imprensa as condições estruturais da cidade para sediar um evento esportivo, como rede hoteleira, bom fluxo de trânsito, etc., além das inúmeras referências diretamente relacionadas à organização do evento, envolvendo seus funcionários, ambientes e serviços disponibilizados.

Este tipo de cobertura preferida pela mídia, igualmente factual e objetiva, parece oportunizar um quadro de contexto para o entendimento do leitor a respeito das condições concretas em que se realizam os jogos, constituindo-se em mais um elemento importante na narrativa espaço-temporal implementada pelos jornais, antes referida.

Numa breve análise qualitativa sobre estas matérias, pode-se observar que a imensa maioria delas refere-se a aspectos positivos, enaltecendo resultados obtidos, esforços realizados, investimentos feitos, etc. Mas, há também, ainda que em pequena mostra, algum destaque para informações de natureza crítica, especialmente relativas a aspectos como a ausência de público em várias das competições e a falta de qualidade nos serviços prestados ao público em algumas das instalações esportivas.

Se em relação às duas categorias mais referidas há grande semelhança no noticiário dos dois jornais, o mesmo não ocorre quando se observa a categoria que ocupa o terceiro lugar em ambos. No Diário Catarinense, aparece a categoria "*Regional*", com 9,34%, enquanto que em A Notícia é a categoria "*Personalidade envolvida no evento*", com 15,27%, que se destaca.

Parece que na terceira categoria mais referida destacam-se especificidades e estratégias do projeto editorial de cada jornal. Conforme revelam nossas observações documentais preliminares sobre o contexto do campo, podemos considerar que a preferência do DC por aspectos regionais pode ser um contra-ponto ao fato deste ser um jornal com abrangência e distribuição mais ampla (estadual e interestadual). Tendo em vista a necessidade de "falar" de forma segmentada a públicos mais específicos sobre um evento

estadual, o DC atribuiria, em vista disso, um caráter mais regionalista à sua cobertura. Essa aparente contradição constitui a dialética global-local na mídia, que é abordada em estudo de Bitencourt *et al.* (2005). No AN, a característica regional é bem demarcada e não há necessidade de ser reforçada; ao contrário disso, o jornal precisa veicular fatos e notícias que o tornem mais abrangente, “o jornal de todos”, superando marcas e regionalismos. A opção do AN dá-se, então, pelo acompanhamento de personalidades públicas, mesmo que muitas delas não sejam ligadas ao esporte, como políticos de expressão nacional (senadores e deputados); com isso, parece pretender desregionalizar ou estadualizar o jornal, ou seja, o inverso de como procede o DC.

Isso não impede que o AN priorize, mesmo em matérias de ordem técnica, a cobertura de equipes e atletas da região norte do estado, justamente aquela cuja abrangência deste jornal é mais consolidada, por sua localização em Joinville. Mas, mesmo dando este destaque de enfoque regional, quem tem seus resultados divulgados são atletas de reconhecimento no mínimo estadual (quando não, nacional) e, por conseguinte, praticantes de esportes que costumemente têm destaque na mídia, as chamadas modalidades olímpicas, em que se destacam a natação, o atletismo, o voleibol e o futsal, como já registramos.

Neste sentido, é interessante observar como, algumas vezes, o noticiário sobre o mesmo fato, equipe ou esportista pode assumir características mais regionais ou, por outra, com maior ênfase na dimensão de personalidade nacional. As matérias que falavam do jogador Falcão parecem ser um bom exemplo: elas ora assumiam um caráter regional, quando a mídia se reportava a ele nas seguintes formas - “o jogador da equipe de futsal de Jaraguá do Sul” ou “o craque que mora em Jaraguá” (grifos nossos); ora, de personalidade envolvida no evento, quando se referia ao atleta como “o craque da seleção brasileira de futsal”, “ídolo nacional”, “atleta Pan-Americano” (grifos nossos).

Aspectos referentes à economia e turismo foram pouco explorados em ambos os jornais, evidenciando a preferência da mídia por focar o JASC/2007 como um evento, sobretudo de natureza técnica. Resta-nos perguntar se um evento esportivo com essa tradição e com tal magnitude de envolvimento de comunidades no Estado não representaria uma oportunidade de movimentar a economia local e regional, e abrir novas rotas para o turismo interno e externo? Aparentemente, não é o que pensam os jornalistas envolvidos na cobertura dos Jogos.

Passamos agora a apresentar os dados relativos à distribuição dos registros em categorias do material veiculado pelas emissoras de televisão aqui consideradas. Para relembrar o que informamos anteriormente, foram identificadas 44 matérias jornalísticas referentes à cobertura do JASC/2007 nas duas TVs, sendo 15 reportagens na RBS TV e 29 na Rede TV Sul. Também vale ressaltar que a classificação de cada matéria em mais de uma categoria fez com que, a exemplo do observado nos jornais, também aqui o número de registros na distribuição por categorias, que é 155 (universo de classificação com o que trabalhamos), ultrapassasse o número de reportagens acima citado. São 40 registros na RBS TV e 115 na Rede TV Sul, perfazendo um total de 155 registros em ambas as emissoras.

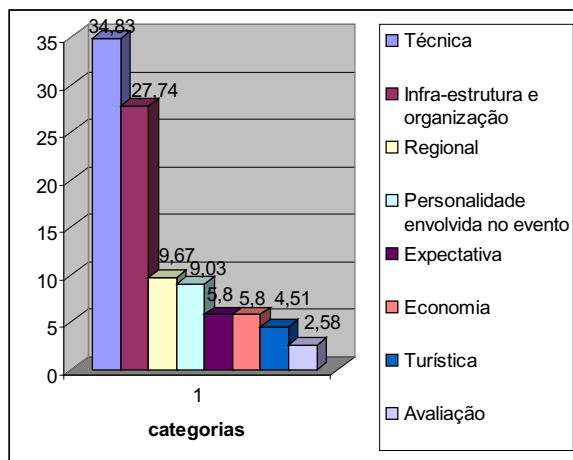
Iniciamos essa apresentação com um quadro geral dos registros por categoria, no material colhido em cada emissora e no conjunto, expressos em números absolutos e relativos (Quadro 4).

Quadro 4: distribuição dos registros de categorias das matérias das emissoras de televisão consideradas

Categorias	RBS TV		Rede TV Sul		Totais	
	N	%	N	%	N	%
<i>Técnica</i>	13	32,5	41	35,65	54	34,83
<i>Infra-estrutura e organização</i>	08	20,0	35	30,43	43	27,74
<i>Regional</i>	05	12,5	10	8,69	15	9,67
<i>Personalidade envolvida no evento</i>	08	20,0	06	5,21	14	9,03
<i>Expectativa</i>	02	5,0	07	6,08	09	5,80
<i>Economia</i>	01	2,5	08	6,95	09	5,80
<i>Turística</i>	02	5,0	05	4,34	07	4,51
<i>Avaliação</i>	01	2,5	03	2,60	04	2,58
Total	40	100	115	100	155	100

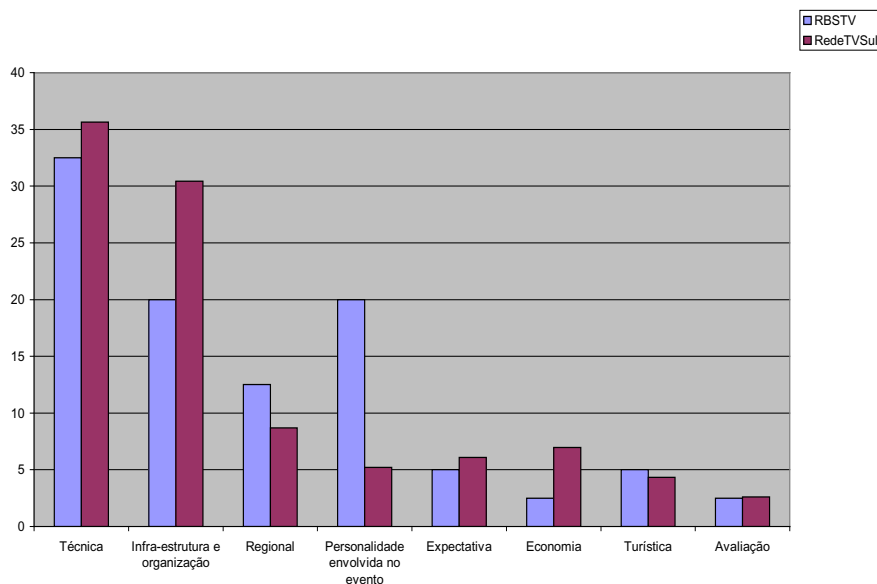
O gráfico a seguir (Gráfico 5) permite melhor visualização dos dados totais (na soma das duas emissoras), em valores percentuais.

Gráfico 5: distribuição dos registros em categorias nas duas emissoras de TV, em valores relativos



No mesmo sentido, o Gráfico 6 viabiliza observarmos, de forma comparativa, os enfoques dados às matérias conforme os seus respectivos registros nas categorias de análise, nas duas emissoras, em números relativos.

Gráfico 06: quadro comparativo entre RBS TV e Rede TV Sul, cf. categorias de análise.



Como se observa no quadro e gráficos acima, a exemplo do que vimos na análise dos jornais, também entre as emissoras de televisão acompanhadas, a categoria “*técnica*” foi a mais referida. No cômputo geral, ela esteve presente em 34,83% dos registros decorrentes de matérias que tratavam do JASC/2007, sendo este percentual um pouco maior na Rede TV Sul do que na RBS TV. Nesta emissora, a categoria “*técnica*” obteve 32,50%, enquanto que na Rede TV Sul chegou a 35,56% dos registros. Consideradas as referências das duas emissoras, os assuntos técnicos, se associados à categoria “*infra-estrutura/organização*” (27,72%), somam pouco mais de 62%, perfazendo quase dois terços (2/3) do conjunto das reportagens veiculadas na televisão, índice muito próximo do que se observou na análise dos jornais.

A categoria “*infra-estrutura/organização*” foi a segunda mais referida nas duas emissoras, com 30,43% na Rede TV Sul e exatos 20% na RBS TV, sendo que nesta emissora as informações veiculadas colocam os assuntos sobre a infra-estrutura e organização do evento em segundo lugar entre os registros de matérias junto com a categoria “*personalidade envolvida no evento*”. Interessante observar que na Rede TV Sul essa categoria ficou na sexta colocação, com apenas 5,21%, abaixo de outras como “*regional*”, “*economia*” e “*expectativa*”.

Assuntos como a preparação de atletas e equipes para a competição, *performance* e resultados individuais e coletivos nos esportes, que compõem a categoria referente às questões técnicas, são os mais presentes nas matérias jornalísticas da RBS TV. Observamos também que, em torno dessas notícias, cria-se certo suspense e especulações quanto ao desempenho dos atletas e das equipes nos Jogos, relacionando este tema também à categoria “*expectativa*”.

Quanto à categoria “*personalidades envolvidas no evento*”, pudemos perceber que, além da diferença na quantificação das referências a ela entre as duas emissoras de TV, há também diferenças de quem são essas personalidades que ocupam espaço nos boletins e reportagens televisivas. Nas matérias da RBS TV classificadas nesta categoria, havia a presença mais significativa de atletas consagrados e reconhecidos nacionalmente como Falcão e Rogério (do futsal) e Márcio May (do ciclismo), buscando, desta forma, atrair a atenção do público. Assim, pode-se afirmar que a cobertura

da RBS TV, ao escolher os personagens que vão “dar vida” às suas matérias, opta por apresentar, preferencialmente, atletas e, sempre que possível, aqueles sobre os quais já há um grande reconhecimento popular.

Embora não possamos afirmar, por não termos tido essa observação direta, é possível que seja mais fácil à RBS TV, que ostenta sua associação à Globo e o prestígio assim conquistado no Estado, pautar entrevistas com esses atletas mais famosos, que dificilmente recusariam uma entrevista a esta emissora. Do mesmo grupo RBS, mas atuante no jornal Diário Catarinense, o jornalista Olavo Moraes, em sua entrevista à pesquisa, confirma essa intenção: *“nós vamos onde tem medalhas, onde estão definidas as semi-finais, onde está encaminhando títulos, onde estão os choques [...], enfim, quando tem ídolo”* (transcrição de entrevista, concedida no dia 30/04/2008).

Por outro lado, na Rede TV Sul, a presença de personalidades com repercussão nacional está mais ligada a figuras que militam no meio político, como prefeitos, deputados e senadores que estiveram presentes, em algum momento, no JASC/2007. Tivemos, inclusive, a oportunidade de registrar em nossas notas de campo a aflição do produtor da emissora presente na Arena por causa de um determinado congressista do Estado, que havia confirmado presença para uma entrevista num boletim “ao vivo”, e cujo atraso estava deixando uma lacuna na programação da emissora.

Nesta categoria (“personalidades...”), fatos e curiosidades sobre a carreira de atletas e ex-atletas também foram enfatizados, transformando-os em personagens cuja história no esporte se confunde com a própria história do evento mais importante do Estado. Exemplo disto é a reportagem com o técnico da equipe de voleibol de Jaraguá do Sul. Ex-atleta dessa modalidade, ele fez uma retrospectiva da participação da equipe de Jaraguá do Sul em edições anteriores do JASC, além de destacar a sua própria participação, como atleta, em várias edições da competição.

A emissora enfatizou muito a participação no evento de atletas que haviam disputado recentemente os Jogos Pan-Americanos Rio/2007, os quais se destacaram nas modalidades de judô, futsal, natação e tiro ao prato.

Outros aspectos referentes ao JASC/2007, ligados a questões de infra-estrutura e organização do evento, como os alojamentos destinados às

delegações, as condições dos locais de provas e a mobilização da comunidade local para sediar e prestigiar a competição, tiveram espaço privilegiado nas reportagens das duas emissoras de televisão. A RBS TV, por exemplo, acompanhou a rotina dos atletas de algumas delegações, especialmente aquelas menos famosas, com matérias questionáveis quanto a sua intenção de informar, como a queixa de um grupo de atletas que reclamavam não haver lugar seguro, nos seus alojamentos, para colocarem a toalha para secar! Matérias como essa buscavam implementar um caráter mais pitoresco e divertido à cobertura, além de dar dinamismo às reportagens, com muitas imagens e relatos.

Também observamos uma pequena inserção do público nas matérias analisadas de ambas as emissoras, comentando aspectos referentes ao evento e ressaltando a sua importância para cidade de Jaraguá. É interessante observar que foram justamente esses populares presentes nas entrevistas os maiores responsáveis pelos registros que se relacionam à categoria "avaliação", específica das televisões. Os temas avaliados que obtiveram maior repercussão neste tema foram a respeito das repercussões do JASC/2007 sobre o desenvolvimento da economia local.

Na Rede TV Sul, pelo fato desta emissora estar presente de forma mais orgânica na cidade-sede, inclusive com uma estação geradora, os espaços, bem como o tempo de veiculação de notícias relacionadas à região foram priorizados nos programas da emissora. Também se observou que as matérias apresentadas por essa emissora diferenciavam-se do modelo televisivo tradicional de informar, que consiste na velocidade, instantaneidade e dinamicidade. Algumas reportagens mostraram-se mais longas e muitas vezes repetidas, podendo até mesmo ser consideradas como cansativas e monótonas em alguns momentos.

4.2 - OS PRODUTORES DA COBERTURA DO JASC/2007 - COM A PALAVRA, OS JORNALISTAS

Reconhecendo que são os jornalistas, de produtores a repórteres, quem modula as características mais gerais da narrativa jornalística dos

eventos que cobrem para seus veículos midiáticos, procuramos neste estudo observar também o trabalho destes profissionais e, além disso, tentar entender como eles compreendem e atribuem significados às ações que implementam. Assim, acompanhamos jornalistas em ação durante a realização dos Jogos, conforme foi descrito anteriormente, e também realizamos entrevistas com jornalistas que estiveram envolvidos em diferentes funções, em seus veículos, da cobertura do JASC/2007. É o material recolhido nestas entrevistas que constitui a base desse tópico do capítulo.

Foram realizadas quatro entrevistas, todas elas semi-estruturadas, a partir de um roteiro previamente apresentado aos entrevistados. A escolha de quais seriam os jornalistas entrevistados buscou atender a especificidades do trabalho, envolvendo assim profissionais de jornal e de televisão, repórteres e produtores/editores e assessoria de imprensa. Na seqüência, apresentamos estes jornalistas, identificando suas funções profissionais mais específicas e as instituições em que exercem suas atividades.

Representando o setor mais “de frente”, da reportagem, da produção e apresentação de matérias televisivas, entrevistamos Amanda Rodrigues Santos (25 anos), estudante de jornalismo, assistente de produção e exercendo a função de repórter e apresentadora da Rede TV Sul durante a cobertura do JASC/2007 - Amanda foi a única entrevistada que conversou conosco durante a realização dos Jogos, em Jaraguá do Sul (novembro de 2007), numa brecha da sua apertada agenda de trabalho. Os demais jornalistas concederam suas entrevistas em datas agendadas, e foram realizadas em seus locais de trabalho, no período entre abril e junho de 2008.

Da mesma empresa jornalística (então Rede TV Sul), entrevistamos Karla Silveira, jornalista que exerce a função de coordenadora de jornalismo, com base em Florianópolis. José Olavo de Moraes, jornalista com vasta experiência no meio esportivo, formado há 21 anos, é assistente da editoria de esportes do jornal Diário Catarinense. Ambos atuam, em cada tipo de veículo midiático, na retaguarda da cobertura jornalística e respondem pelo que se pode classificar como a “cozinha técnica”.

Finalizando, ouvimos a jornalista Cláudia Sanz, que trabalhou durante vinte anos em editorias de esporte de jornais de Santa Catarina e, no

momento, é a responsável pela assessoria de imprensa da FESPORTE. Na entrevista concedida à pesquisa, ela esteve acompanhada do seu assistente, o jornalista Prado, cuja participação foi apenas pontual, para esclarecer dúvidas ou especificar informações.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo, com autorização dos jornalistas. A seguir, foram transcritas e submetidas a consideração dos entrevistados que puderam fazer correções e/ou alterações no material transcrito, autorizando assim a sua utilização na pesquisa, inclusive com a identificação dos respectivos nomes e empresas em que trabalham.

Para a produção do presente texto, optamos por não descrever as entrevistas e tampouco analisá-las uma a uma, mas construir uma narrativa que dialogasse com temáticas que, de forma recorrente, perpassaram todas as entrevistas. Basicamente, o texto trata de questões como: a formação e a preparação para a atuação profissional no jornalismo esportivo; o estabelecimento de pautas para a cobertura de eventos esportivos e as relações entre mídia, promotores e patrocinadores do espetáculo esportivo. Alguns assuntos, mais singulares em suas abordagens, decorrentes da especificidade da atuação profissional na assessoria de imprensa, são tratados à parte.

4.2.1 - Formação e atuação do jornalista de esporte

Uma das questões que despertavam nosso interesse ao dialogar com os jornalistas entrevistados era relacionada à formação e atuação profissional na mídia esportiva. Sabemos por outros estudos que, embora o esporte tenha se tornado, na mídia em geral e na televisão de modo especial, num dos principais arrecadadores de patrocínio, a cobertura esportiva é vista ainda como um jornalismo de menor importância na hierarquia do campo profissional, diante de editorias mais valorizadas como política, economia e outras.

Neste sentido, pudemos perceber muitos consensos nos depoimentos. Em comum, está o fato de que nossos entrevistados concordam que o esporte vem se tornando uma editoria mais importante no contexto jornalístico, graças à visibilidade que o assunto proporciona aos profissionais envolvidos, pela fixação do esporte como um tema presente no cotidiano,

por razões que vão da personificação assumida pelos ídolos esportivos na sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997) aos valores fantásticos que perpassam as transações, os patrocínios e a negociação de direitos de imagem no campo esportivo. Também foi possível constatar nas entrevistas, corroborando igualmente com estudos já empreendidos, que a formação do jornalista para atuar na mídia esportiva não é uma prioridade nos cursos de graduação da área, sendo ainda inexistente como disciplina na maioria das faculdades. Aliado a isso, reclamam os profissionais entrevistados do pouco tempo de que normalmente dispõem para preparar (e se preparar para) a produção destas coberturas, em virtude do grande volume de matérias que precisam produzir diariamente e do pequeno número de profissionais atuando nas editorias de esporte e/ou de jornalismo.

Essa contradição - editoria valorizada, patrocínio em alta x formação profissional frágil ou inexistente - tem levado os veículos e os próprios jornalistas a buscarem formas alternativas de capacitação no próprio exercício profissional. Pelo que constatamos, algumas destas estratégias são: consultas prévias em sites na internet, experiência pessoal com o assunto, aproximação com fontes pessoais de informação, pedidos de apoio das assessorias dos eventos e uso, cada vez maior, de *releases* das próprias assessorias ou de agências contratadas. Embora não haja grandes novidades nestes recursos, vale comentá-los rapidamente.

Primeiramente, pode-se observar que a estratégia de recorrer à internet, especialmente em buscadores automáticos como o Google, oferece ao jornalista o acesso imediato a um grande número de informações que, se bem triadas, possibilitam-lhe construir um conhecimento razoável sobre o objeto da cobertura. A preocupação maior é quando percebemos que: a) boa parte das matérias que são disponibilizadas por estes mecanismos tecnológicos provem de fontes pouco confiáveis, sem qualquer tipo de filtragem de conteúdo; b) muitas vezes, por limitações da sua formação profissional, falta ao jornalista uma base de conhecimentos prévios que lhe capacite melhor a realizar a necessária triagem e seleção do material. Disso pode resultar a produção de abordagens superficiais ou enviesadas nas matérias, focando aspectos meramente factuais ou curiosidades em torno do assunto, com pouca qualidade formativa e informativa no material produzido.

O apoio das assessorias de imprensa dos órgãos promotores dos eventos, com o uso freqüente de *releases* delas originados ou ainda de agências de notícias, favorece a busca pela objetividade no enfoque das matérias, na medida que tal recurso oferece ao jornalista as informações confiáveis e relevantes, em forma de síntese. No entanto, a medida tende a reduzir os esforços de investigação e de opinião que devem compor a práxis jornalística, transformando os profissionais em *gatekeepers*, na expressão usada por WOLF (2001) para referir-se aos editores que, ao se pautarem por esses meios, tornam-se “porteiros” (numa tradução livre) das informações, limitando-se a escolher o que entra ou não na cobertura, isto é, o que vai ou não ser publicado, a partir de critérios nem sempre muito claros, lógicos, transparentes e democráticos. Sem esquecer que o conteúdo assim sistematizado, especialmente pelas assessorias de imprensa, carrega consigo, subliminarmente, uma determinada percepção do que é importante informar e como isso deve ser feito, com certeza ditada prioritariamente pelos interesses dos promotores e/ou patrocinadores do evento. Ao reproduzi-las e fazer veicular esse material, o jornalista pode contribuir, involuntariamente, para dar maior visibilidade à determinada versão dos fatos informados, não necessariamente a única nem a mais adequada, por próxima da realidade.

Ainda no que diz respeito às estratégias de preparação dos jornalistas para efetuarem o seu trabalho, cabe destacar o recurso às fontes pessoais, relatadas por eles e identificadas como “quentes” no jargão jornalístico. Na maioria das vezes, essas fontes são conhecedoras do evento, com experiência acumulada e confiabilidade na informação que fornecem. São dirigentes esportivos, técnicos, atletas, enfim, pessoas cuja vinculação com os fatos que relatam e sobre os quais opinam costuma ser pautada por envolvimento de certo modo afetivo, seja em relação a uma modalidade – que julga mais importante – ou a uma cidade ou região – a sua! –, ou ainda pelos interesses político-partidários que perpassam o esporte nesta dimensão comunitária, que caracteriza o JASC. Deste modo, parece-nos que, mais uma vez, aqui também é preciso que o jornalista responsável pela apuração ou pela seleção das informações disponha de elementos necessários para

uma filtragem crítica do material recolhido junto às suas fontes, bagagem essa que decorre muito da experiência construída no trabalho jornalístico, o que pode ser fator limitador para a qualidade da informação produzida e veiculada quando nos deparamos, como foi o caso em nossa pesquisa, com pessoas com pouca vivência no jornalismo em geral ou, ainda menor, no jornalismo esportivo.

4.2.2 - As pautas da cobertura jornalística de eventos esportivos:

Também nos interessou debater com os entrevistados sobre como se constroem e se desenvolvem as pautas da cobertura jornalística. A definição e a organização das pautas diárias representam o refinamento, a sintonia fina do planejamento geral da cobertura de um evento esportivo. Nossa curiosidade decorria de observações feitas (e da leitura de vários estudos já publicados) que mostram a íntima relação entre as pautas cumpridas e os assuntos que circulam nos discursos cotidianos dos receptores, numa visão ampliada daquilo que Eco denominou “falação esportiva” (ECO, 1984).

A partir das nossas entrevistas, podemos sintetizar que as pautas da cobertura esportiva são definidas por dois critérios básicos: visibilidade do assunto e possibilidade de personificação. O primeiro aspecto nos leva a compreender que são pautadas e, portanto, merecem destaque as matérias cujo pressuposto é terem maior visibilidade e já serem de conhecimento do público. No caso do esporte, trata-se normalmente, por exemplo, de algumas modalidades consideradas clássicas ou olímpicas, cuja presença na cobertura da mídia esportiva é cotidiana e que, portanto, seriam do interesse do público (diferente do que seria “interesse público”; ver BIANCHI e HATJE, 2006) saber informações a respeito delas. Sem dúvida, essa estratégia de pauta tem como garantia o fato que os receptores, acostumados com o assunto, “metabolizariam” mais facilmente a notícia, mesmo que esta, por falta de tempo ou de preparo do jornalista, contenha pequenos equívocos ou lacunas. Além dessa facilidade de compreensão, uma pauta estruturada em cima de modalidades de maior visibilidade ajudaria para fidelizar o leitor/telespectador, já

que por princípio este busca informações que atualizem e complementem conhecimentos de que ele já dispõe. Há ainda algumas comodidades para a editoria de esporte; com tal estratégia, por exemplo, reduzem-se as modalidades a serem cobertas, o número de fontes a serem consultadas, etc.

Fica, todavia, uma charada a ser resolvida pela mídia (e pelos agentes de políticas sociais de esporte e lazer): se modalidades com maior visibilidade tendem, por isso, a ter mais espaços nos meios e, como vimos, tornarem-se cada vez mais visíveis, o inverso é verdadeiro: modalidades com pouca visibilidade tornam-se, assim, fadadas ao progressivo e inapelável silêncio. Talvez seja este um dos motivos que leva as editorias de esporte a dedicarem espaços cada vez maiores ao futebol, produzindo e agudizando o que Betti (2001) considerou uma “monocultura esportiva”, limitada a este esporte em nosso país.

Ainda em relação à questão da definição de pautas na cobertura do JASC/2007 (e de eventos jornalísticos e esportivos em geral), foi destacada pelos entrevistados a necessidade de que toda a matéria a ser veiculada tenha um personagem. Isso significa dizer que o fato-notícia, mesmo sendo importante ou interessante, precisa concretizar-se diante do leitor ou do telespectador através da voz e da imagem do personagem, que funciona assim como um mediador entre o receptor e a informação a ser divulgada. Essa prática de personificação da notícia faz com que o grau de credibilidade ou importância atribuída à informação pelo receptor seja diretamente proporcional à visibilidade ou reconhecimento público de que dispõe esse personagem intermediador. Assim, a práxis jornalística costuma construir a informação com o “selo de garantia” de personalidades cujo discurso é portador de sentidos e dotado de elementos sociais de convencimento, pela autoridade exercida ou a elas atribuída.

Transportado para o campo do esporte, a mídia sabiamente toma como referência para a personificação da sua informação o *expert* reconhecido naquele assunto ou, de forma mais frequente, o ídolo esportivo da modalidade (é comum ainda encontrarmos na mídia esportiva essa duplicidade no mesmo personagem: ex-ídolos são tornados comentaristas das modalidades em que se destacaram, avalizando seu discurso pela “autori-

dade da prática”). Tal estratégia atende ao que os jornalistas consideram o apelo esportivo que o personagem da informação consegue despertar no leitor ou telespectador, provocando neste curiosidade não pelo que implica a informação veiculada, mas sim pela possibilidade de saber o que pensa o seu ídolo a respeito daquele tema.

Logicamente que uma generalização aqui é temerária, mas é razoável supor que, em boa parte dos casos em que o personagem avalista da informação é o ídolo, os sentidos que ele consegue conferir ao seu discurso legitimador decorrem da visão de senso comum produzida pela experiência particular formalizada por ele, na condição de atleta. Com isso, é possível supor que tal prática jornalística, em que pese conquistar a atenção do leitor/telespectador, contribui para fragilizar a informação veiculada, destituindo-a de elementos críticos que possibilitem ao receptor construir uma opinião mais qualificada, ficando o conteúdo da notícia no plano superficial da mera curiosidade. Aliás, ao transferir para o ídolo a responsabilidade por “esquentar” a informação perante o leitor/telespectador, o jornalista, muitas vezes, se exime de construir a notícia com elementos que possibilitem o esclarecimento, inclusive podendo com isso escamotear, perante o receptor, a sua (do jornalista) própria fragilidade e despreparo para o trato melhor qualificado com aquela informação.

Ademais, levando em consideração que alguns dos veículos de mídia, na perspectiva de segmentar e fidelizar o seu público-alvo, optam pela informação relacionada à vitória, ao máximo rendimento, à obtenção de medalhas, pode-se depreender que a partir daí constrói-se um discurso controverso em relação ao esporte na mídia: de que só é interessante como notícia uma determinada dimensão do esporte, aquela orientada para a alta performance, portanto, reservada para poucos e inalcançável à imensa maioria; além disso, a concentração da informação no vitorioso, no medalhista, tende a reforçar a compreensão perversa de que, no esporte, assim como em diversas outras situações, só a vitória interessa (e produz interesse em noticiá-la), condenando os demais ao silêncio e à falta de visibilidade.

Logicamente, nossos entrevistados revelaram compreender e de, certo modo, até concordar com estes argumentos, mas o que se percebe

é que a noção de campo, na perspectiva sociológica de Pierre Bourdieu, se impõe no momento do exercício da práxis jornalística mesma, obnubilando perspectivas mais críticas e comprometidas com o esclarecimento para a cidadania, que possam ter.

4.2.3 - As (difíceis) relações entre informação e patrocínio (político ou comercial):

Como nos referimos há alguns parágrafos, o esporte começa a se constituir numa das editorias que mais arrecada patrocínios no jornalismo. Com efeito, parece ser convincente o apelo para que empresas tentem associar seus produtos às figuras exponenciais do esporte. A lógica é a mesma: os ídolos que, como vimos, personificam e avalizam a informação jornalística podem, por extensão, avalizar também os produtos comerciais que venham a anunciar. E o âmbito da esfera pública onde que essa associação se dá é o da própria cobertura dos eventos esportivos, quando para eles estão voltadas as atenções do público. Assim, tem crescido o valor cobrado pelos meios para a venda de suas cotas de publicidade para grandes eventos, o que são agendados e negociados com significativa antecedência e, quando possível, com exclusividade. E geram, com isso, acusações mútuas entre as grandes redes, como no caso recente entre Globo e Record, na disputa pelos direitos da transmissão dos Jogos Olímpicos de Londres/2012.

Essa realidade está, é claro, mais presente em eventos esportivos de repercussão nacional ou internacional, como a Fórmula 1, a Copa do Mundo de futebol ou os Jogos Olímpicos. Mas, guardadas as devidas proporções, eventos de natureza mais regional, desde que contenham apelo esportivo, também são contemplados com o interesse e apoio dos patrocinadores. Ao menos é que pudemos deduzir dos depoimentos dos nossos entrevistados. Há, ao que parece, uma crença dos jornalistas de que o esporte não-profissional, como o que conforma a realização do JASC, consegue atrair a atenção de alguns patrocinadores, interessados em veicular suas marcas junto com as imagens e informações sobre o evento. Todavia, o que percebemos nas nossas observações de campo e na interpretação do material clipado, é

que o maior patrocinador dos Jogos Abertos, ao menos na edição de 2007, foi o próprio promotor do evento, isto é, o governo do Estado, através de estatais como a CASAN e o fundo de apoio ao esporte – FUNDESPORTE, constituído em parte por renúncias fiscais de impostos estaduais.

Aqui entramos no pantanoso terreno dos interesses políticos que podem se revelar por detrás do patrocínio público à mídia esportiva. Apesar dos nossos entrevistados serem objetivos e firmes ao afirmar que a cobertura jornalística do JASC acontece de forma independente ao fato de haver ou não patrocínio, e menos ainda se o patrocínio existente é público ou privado (comercial), foi possível percebermos que a essa garantia de independência jornalística nem sempre correspondem ações absolutamente coerentes. Enquanto o jornalista de uma das empresas jornalísticas chega a afirmar, enfaticamente, ter dispensado até a hospedagem oferecida à imprensa pela “organização”, para manter sua autonomia sobre o quê e como informar, outra empresa se assume naturalmente como a emissora oficial dos jogos, expondo em seus espaços de trabalho e de veiculação as logomarcas de empresas privadas e de estatais que são suas patrocinadoras.

Não haveria aqui nada de mais não fosse o fato de que uma das patrocinadoras privadas da emissora é a principal patrocinadora da modalidade esportiva e da equipe (cidade?) que teve maior exposição e visibilidade nesta emissora, conforme nossa análise do material clipado. E também não seria motivo de destaque não houvesse a coincidência de que nesta emissora, na categoria “personalidade envolvida no evento”, foram recorrentes as matérias em que líderes partidários da aliança que detém hoje o poder no Estado eram entrevistados e/ou suas presenças nos locais de competição anunciadas com destaque.

Se a situação da emissora contratada pelo promotor para realizar a cobertura jornalística assemelha-se ao caminhar sobre o fio da navalha, isto é, sobre a tênue linha demarcatória que separa informação e patrocínio, mais complicada parecer ser a ação da assessoria de imprensa da FESPORTE. Segundo as palavras da própria assessora, lá há algumas limitações ou imposições no quesito político; é preciso atender solicitações de lideranças políticas relacionadas com o evento e, ao mesmo tempo, tornar o evento interessante

à mídia esportiva, mesmo que a linha de organização do trabalho (da assessoria) seja, na verdade, decorrente de orientações que vêm do diretor da entidade, do secretário ou, em última análise, do próprio governado.

Com muitos eventos a cobrir, no Estado e fora dele, a assessoria conta com uma equipe enxuta (três jornalistas fixos), aumentada, às vezes, pela contratação de “frilas” (free-lance), que atuam em momentos específicos. O trabalho da assessoria, durante o JASC, tem algumas características que o tornam bastante intenso: por um lado, as informações sobre a programação e os resultados dos jogos nem sempre coincidem, cronologicamente, com o momento em que os jornalistas precisam enviar suas matérias aos respectivos veículos; por isso, a assessoria termina fazendo trabalho de apuração da informação, sem poder aguardar pelos boletins da comissão técnica do evento. Para tanto, contam com a consultoria de pessoas que conhecem as condições e possibilidades de cada equipe, que são capazes de oferecerem um prognóstico, enfim. Trata-se, na verdade, das “fontes” de que já falamos anteriormente, só que, no caso, institucionalizadas como tal.

Além disso, num evento grande como o JASC, acorrerem jornalistas que não atuam, cotidianamente, nas editorias de esporte; isso requer trabalho dobrado da assessoria, pois além da informação, ela precisa passar também “dicas” sobre a importância de um determinado atleta ou equipe, da relevância de um confronto numa modalidade, agendar uma entrevista, etc., a fim de dar a estes jornalistas condições de fazer matérias mais qualificadas e, principalmente, melhor contextualizadas no campo esportivo. Diante dos casos acima destacados, não é incomum que a assessoria da FESPORTE produza e distribua textos, além dos tradicionais *releases* e fotos, funcionando como uma autêntica redação.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula G. Telejornalismo na Globo: vestígios, narrativa e temporalidade. In: BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, César Ricardo Siqueira (orgs.) *Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 205-223.

BETTI, Mauro. *A janela de vidro: esporte, televisão e Educação Física*. Campinas: Editora Papirus, 1998.

_____. Esporte na mídia ou esporte da mídia? *Motrivivência*, n.17, set./2001.

BIANCHI, Paula; HATJE, Marli. Mídia e esporte: os valores-notícia e suas repercussões na sociedade contemporânea. *Motrivivência*, ano XVIII, n. 27, dez-2006 (circ. Em jul./2008).

BITENCOURT, Fernando *et al.* Ritual Olímpico e os Mitos da Modernidade: implicações midiáticas na dialética universal/local. *Revista Pensar a Prática*. Goiânia: vol. 8, n 1, p. 21-36, jan/jun 2005.

CORREIA, Fernando. *Os jornalistas e as notícias*. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

COSTA, Belarmino Cesar Guimarães. Educação dos sentidos: a mediação tecnológica e os efeitos da estetização da realidade. In: *Tecnologia, Cultura e formação... ainda Auschwitz*. São Paulo: Cortez, 2003.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ECO, Umberto. Falação esportiva. In: _____ *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

FOLHA DE SÃO PAULO. *Após perder afiliada para Record, SBT fecha contrato em Santa Catarina*. Caderno Ilustrada. Folha Online, 29/11/2007 – 16h44. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u349845.shtml>

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*, 2ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

OROZCO, Guillermo. Hacia una dialectica de la recepción televisiva: la estructuración de estrategias por los televidentes. *Comunicação & Política na América Latina*, v.8 (n. 22/23/24/25): 57-73, 1993.

PIRES, Giovani De Lorenzi (coord.) *et al.* OBSERVATÓRIO DA MÍDIA ESPORTIVA: *acompanhamento e análise da cobertura jornalística do esporte recreativo e do lazer na mídia catarinense*. Projeto de Pesquisa. Rede CEDES/Ministério do Esporte. Florianópolis: Centro de Desportos. UFSC, 2007.

PIRES, Giovani de Lorenzi. A mediação tecnológica do esporte com substituição da experiência formativa. *Revista Corpoconsciência*, n. 9, 1º semestre de 2002.

_____. *Educação Física e o discurso midiático: uma abordagem crítico-emancipatória*. Ijuí: Ed. UNIJUI, 2002-a.

SANTIN, Silvino. Processos comunicacionais na Educação Física e no esporte: reflexões filosóficas. *Motrivivência*, ano XVII, n. 26, p. 169-186, junho/2006,.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*, 6 ed. Lisboa/PT: Presença, 2001.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

(ALGUMAS) REFLEXÕES COMPLEMENTARES COMO CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Giovani De Lorenzi Pires;
Paula Bianchi*

Entendemos que, ao longo dos capítulos que compõem este estudo, vimos estabelecendo reflexões a respeito do que observamos em cada conjunto de resultados aqui expressos. Mesmo assim, algumas das questões analisadas merecem ser retomadas neste momento final do trabalho. E aí, são muitas as provocações a uma reflexão mais aprofundada que decorrem dos dados da pesquisa realizada. Para tentarmos nos manter fiéis aos objetivos do estudo, centramos nosso foco aqui no que diz respeito aos elementos advindos da observação do campo empírico, dialogando com o produto da cobertura jornalística (as matérias analisadas) e com os produtores da cobertura, os jornalistas acompanhados em sua práxis profissional e seus depoimentos à pesquisa.

Mas não podemos deixar de nos referir, preliminarmente, a uma questão que já destacávamos no texto do projeto que originou essa pesquisa. Trata-se da crescente concentração dos meios da indústria midiática no Estado de Santa Catarina na mão de, cada vez menos, grupos empresariais de comunicação. No próprio decorrer da pesquisa, dois dos veículos acompanhados, o jornal A Notícia e a emissora da Rede TV Sul, trocaram de mãos e de donos. A mudança da Rede TV Sul é significativa porque, ao filiar-se à rede do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), praticamente extinguiu-se a transmissão da programação Rede TV em sinal aberto no território catarinense. A troca implicou também consequências de natureza comercial, certamente, mas acreditamos que se anunciam mudanças, sobretudo, quanto ao tipo e espaços para cobertura de eventos regionais que a emissora efetuará futuramente, uma vez que o SBT opera num sistema de grade mais centralizada na “cabeça” da rede, na cidade de São Paulo. Vale observar, por exemplo, como será a cobertura jornalística do JASC em 2008, no próximo mês de novembro. Ainda mais que, de forma diversa do que ocorreu em Jaraguá do Sul, o JASC volta a ser compartilhado entre cidades, desta vez em número de quatro: Timbó, Indaial, Pomerode e Rio do Cedro.

A outra mudança de veículo analisado, que igualmente se deu logo após o término da parte de coleta de dados, foi a transferência do capital acionário e, portanto, da sua administração, do jornal A Notícia para o Grupo RBS. Pudemos observar aqui a conclusão do processo de concentração da mídia impressa catarinense de circulação estadual nas mãos do poderoso grupo gaúcho. Com o encerramento das atividades de O Estado e a compra do A Notícia, a RBS passa a ser a responsável por 100% dos jornais diários que circulam em toda Santa Catarina. Essa é uma situação preocupante sob vários aspectos, especialmente considerando que eles, pela estreita relação que têm com o Sistema Globo, possuem o monopólio da transmissão do sinal da Rede Globo de Televisão e do sistema CNB de rádio (AM) para todo o Estado. A proibição da propriedade cruzada pelo mesmo grupo empresarial-midiático, prevista em lei, neste caso parece ter sido absolutamente desconsiderada pelos órgãos fiscalizadores, naturalmente mediante a estratégia comum de colocar pessoas diferentes, mas todas li-

gadas ao grupo, à frente de cada veículo do grupo. O poder político adquirido pelo grupo RBS em Santa Catarina, diante da situação que vem sendo construída, é no mínimo preocupante, especialmente diante da fragilidade dos mecanismos de controle do conteúdo informacional, publicitário e de entretenimento que são veiculados pela mídia.

No campo das políticas públicas de comunicação, situações como essas aqui descritas deveriam ser objeto permanente de acompanhamento e análise por parte das agências reguladoras pertinentes ao tema e do próprio Ministério das Comunicações. Não é o que, com certeza, temos visto, por razões óbvias: nenhum grupo político partidário no governo, que precisa enfrentar uma eleição a cada dois anos, gostaria de ter esses grupos poderosos como seus desafetos. E vamos vendo, assim, cada vez de forma mais inapelável, a instituição da mídia como o chamado Quarto Poder da República.

Também consideramos relevante chamar a atenção para outra afirmação inicial do estudo e que, em nossa observação, veio a confirmar-se: os Jogos Abertos de Santa Catarina constituem-se num grande evento esportivo, o maior do Estado, com características muito peculiares. As contradições importantes que puderam ser facilmente observadas, em vez de empanar o brilho dos Jogos, pelo contrário, contribuem para compor e destacar essa condição singular do JASC.

A (super) estrutura esportiva montada para o evento nada fica a dever aos grandes espetáculos, contando com um aparato de infra-estrutura capaz de acolher aos milhares de atletas, pessoal técnico, familiares e torcedores que acompanham as equipes dos municípios classificados para a etapa final centralizada. Sem esquecer o grande número de repórteres, cinegrafistas, jornalistas em geral que também acompanham dioturnamente as competições, expedindo boletins informativos às suas comunidades.

Cabe destacar todo o ritual da tradição olímpica que se constitui no pano-de-fundo dos jogos, especialmente presente nas celebrações da abertura e do encerramento. O cerimonial de acendimento prévio da chama olímpica do JASC faz da pequena Brusque, cidade em que nasceu a idéia e foi realizada a primeira edição dos jogos, a Atenas de Santa Catarina, sendo levada à cidade-sede em cortejo, por atletas que se revezam na sua

condução. A pira olímpica que a recebe fica a arder, às vistas dos espectadores, por todo o período de realização dos jogos. O desfile das delegações, precedidas por jovens com trajes típicos das diferentes etnias que constroem a diversidade cultural do Estado, culmina com juramento do atleta, a exemplo do que presenciamos a cada edição dos Jogos Olímpicos.

As contradições de que falávamos se revelam, por exemplo, nas notórias diferenças que passam a se expressar a partir daí. A vila olímpica dá lugar a acomodações provisórias em alojamentos, normalmente em salas de aula de escolas públicas da cidade. Colchões e roupas de cama e banho são de responsabilidade de cada um, que as deve trazer de casa. Na ausência de instalações adequadas para lavar e pôr a secar roupas e fardamentos, as janelas dos alojamentos viram varais coloridos, feito bandeiras desfraldadas. É no próprio local de alojamento que as refeições de atletas, técnicos e dirigentes são preparadas e servidas pelas delegações.

As condições não são necessariamente precárias, mas nada tem a ver, principalmente, com as possibilidades de socialização que se oferecem numa vila olímpica. Atletas de diferentes cidades só se encontram com os de outras, e da mesma modalidade, nos locais de competição. Aliás, do ponto de vista social e cultural, o JASC quase nada oferece. Não há preocupação com confraternizações, não são programados eventos artísticos paralelos. Nem mesmo para os torcedores que acompanham as delegações das suas cidades é pensando algo assim. Na verdade, eram mesmo muito poucos os torcedores das outras cidades que pudemos observar nos locais dos jogos. Os espectadores presentes eram, em sua maioria, os moradores da própria cidade-sede. E assim mesmo, são as competições de apenas algumas modalidades, especialmente o futsal – e ainda de forma mais específica, quando a Malwee/Jaraguá joga -, que acolhem grandes públicos nos locais de disputa.

Rodando pela região central da cidade, no exercício do nosso olhar antropológico, não fosse pelas placas de trânsito, indicativas do caminho dos locais de jogos, dificilmente se perceberia que, ali, está sendo disputado do maior evento esportivo do estado. Assim, o JASC se notabiliza por ser um evento quase exclusivamente esportivo, cuja realização é plenamente vivenciada por pessoas diretamente envolvidas com a dimensão técnica

dos jogos, o que parece se confirmar diante do tipo de cobertura feito pela mídia impressa e televisiva, como se verá logo a seguir. Diante deste fato, é difícil crer que o principal argumento do discurso político favorável ao evento, quanto ao alegado incremento na economia local e a ampliação de perspectivas turísticas para a região, seja efetivamente concretizado com os jogos. Neste sentido, cabe perguntar se a presença de um evento destas dimensões, com a participação de delegações de praticamente todas as regiões do Estado, realizado anualmente, não desperta nos setores públicos e privados envolvidos com o turismo na cidade-sede e na região da sua realização a tão aclamada vocação turística de Santa Catarina? Ou essa só se manifesta para o turismo externo ou de verão?

Passando a refletir mais objetivamente sobre os resultados do campo investigado, podemos destacar logo que um fato que chamou nossa atenção, na interpretação do material a respeito do JASC/2007, especialmente no que se refere aos dados clipados dos jornais e emissoras de televisão, é a absoluta hegemonia dos aspectos técnicos na cobertura jornalística. Nessas informações são destacadas a programação dos jogos do dia, os resultados obtidos, a classificação de atletas e equipes, nas diversas modalidades, quadro de medalhas, caracterizado-se por serem factuais, objetivas e breves, ocupando pouco espaço (nos jornais) e tempo (nas televisões).

Essas reportagens e matérias jornalísticas, classificadas, portanto, na categoria que denominamos “técnica”, predominam com folga sobre as demais categorias seja considerando cada segmento de mídia analisado (jornal ou televisão), seja tomando como referência cada um dos quatro veículos observados.

Análises decorrentes desta constatação possibilitam associá-la, por exemplo, a uma convicção também bastante explícita nos depoimentos dos jornalistas entrevistados. Eles não apenas corroboram com essa nossa assertiva, como expressam o entendimento de que esse tipo de informação é pertinente com aquilo que eles compreendem ser o desejo do seu público, leitores e telespectadores. Desta forma, estariam os veículos midiáticos tão somente atendendo às expectativas que seus agentes (os jornalistas) julgam conhecer.

Um questionamento importante para a reflexão ao acima citado refere-se ao fato de que a semelhança das informações veiculadas em mídias de características tão diversas, como o jornal e a televisão, revela-se em dissonância com o que é preconizado ser o papel de cada segmento da mídia na sociedade contemporânea, marcada pela facilidade de acesso e a agilidade da informação. Segundo a linha de raciocínio desenvolvida a partir daí, pela capacidade de deslocamento (unidades móveis, mini-geradoras montadas em vans) e a instantaneidade na circulação dos fatos que são noticiados (plantões e “ao vivo”), à televisão (assim como ao rádio de serviços) é atribuída uma função mais informativa, caracterizada pelo relato sucinto e tanto quanto possível imparcial do fenômeno divulgado. Assim, os telespectadores (e os ouvintes) devem ser informados com rapidez, com uma quantidade razoável de detalhes e imagens do fato relatado; com isso, sentir-se-ão motivados a buscar mais informações nos telejornais do final do dia ou mesmo em outros veículos midiáticos. Por outro lado, com o advento e popularização das novas mídias eletrônicas, restaria ao jornalismo impresso uma dimensão de caráter eminentemente formativo, destinado especialmente aos chamados formadores-de-opinião da sociedade, que teriam no jornal acesso a um conjunto mais amplo de informações, incluídos aí os textos opinativos dos colunistas.

Ora, se os fatos observados na pesquisa demonstram não diferirem de forma efetiva as informações do jornalismo impresso e as da mídia televisiva e, pelo que constatamos, em todos os veículos essa informação tem sido predominantemente factual, descrita objetivamente, parece-nos lícito supor que os jornais analisados não focam, em seus projetos editoriais, ao menos em relação ao esporte, a formação dos formadores de opinião. Se as notícias que circulam na imprensa escrita não diferem, não acrescentam, não qualificam a informação veiculada nas mídias eletrônicas, que motivos teriam esses cidadãos e cidadãs para fazerem uso do jornal a fim de formarem a sua opinião? E se os formadores de opinião, principais consumidores do jornal, não vêm tendo motivos substanciais para buscarem a leitura destes diários, menos ainda terão aqueles estratos sociais que, por características socioculturais e econômicas, tradicionalmente não lêem jornais. Pode-

ria estar aí uma das razões que tem levado os jornais ao encerramento das suas atividades ou à associação com grupos midiáticos poderosos que, por produzirem informações segmentadas para vários veículos a partir da mesma central jornalística, conseguem reduzir seus custos operacionais – conforme destacamos quanto à compra do jornal A Notícia pelo Grupo RBS.

Associado a essa reflexão, cabe ainda um comentário sobre o que poderíamos classificar, no mínimo, de uma certa (falsa?) ingenuidade que perpassa o entendimento expresso pelos jornalistas entrevistados, no sentido de que seus veículos estariam atendendo às expectativas de seus telespectadores e leitores. Ora, num país em que a referência à mídia como o “Quarto Poder” não é mera figura de retórica, condição inclusive de que ela efetivamente vem se fazendo valer para garantir seus interesses, soa como ironia a afirmação dos jornalistas, como se a mídia fosse mero espelho da sociedade, somente refletindo valores, compreensões e atitudes que seriam legitimamente negociadas entre pares no âmbito da cultura vivida, sem qualquer interferência da própria mídia na produção destes quesitos e preferências socialmente compartilhadas.

Já na análise comparativa da produção veiculada pelas emissoras de televisão acompanhadas nesta pesquisa, foi possível constatar algumas diferenças significativas, em que pese os dados objetivos mostrarem haver mais semelhanças que dissensos nas respectivas coberturas.

Estamos nos referindo aqui à interpretação mais qualitativa que fizemos do material recolhido e analisado, para além do tempo cronometrado dedicado aos jogos por cada emissora, da distribuição das matérias conforme modalidades referidas e da classificação das mesmas em categorias de análise.

De pronto, podemos perceber que, apesar de toda a infra-estrutura operacional montada em Jaraguá pela Rede TV Sul, havia um significativo diferencial de qualidade no trato com a informação no material veiculado pela da RBS TV, revelado em aspectos mais subjetivos, como: as sonoridades dos repórteres, seja na apresentação da informação, seja no diálogo com os entrevistados; a natureza técnica das imagens colhidas, como iluminação, enquadramento, etc.; a produção de novos materiais informativos a cada boletim, evitando a excessiva repetição de reportagens; a organização mais

adequada do tempo de cada matéria aos assuntos em pauta, alternando enfoques, distribuindo-o melhor em relação aos fatos noticiados. Em outras palavras (e relativizando um pouco o que vamos afirmar), pode-se dizer que o profissionalismo maior da cobertura da RBS TV deu a este produto uma conotação mais austera e sóbria no tratamento da informação.

Pode-se atribuir tal fato à maior experiência acumulada na cobertura de grandes eventos esportivos, até mesmo internacionais, que a RBS TV possui, como Jogos Olímpicos e Copas do Mundo de futebol. Em âmbitos profissionais como estes, nos quais a disputa pela melhor informação, pela obtenção de melhores condições de produção e veiculação de notícias, é muito mais renhida, a equipe de esportes da RBS TV pode ter adquirido uma práxis jornalística mais apurada, que, aplicada a eventos de menor envergadura como os nossos Jogos Abertos, traduz-se pela qualidade diferenciada de cobertura, que podemos percebermos na análise do material daquela emissora. Outra possível causa, que entendemos relacionada à primeira, é o fato de a RBS TV ser uma emissora coligada à Rede Globo de Televisão que, como se sabe, institui para si própria e exige de todas as suas afiliadas, um padrão de qualidade jornalística que se expressa num verdadeiro “manual de redação”, a exemplo dos grandes jornais do país. Tal padrão de qualidade envolve cuidados técnicos e discursivos com respeito à informação, e tende a se repetir e ser incorporada pelas emissoras associadas à Globo. Mesmo com certa flexibilidade que caracteriza as coberturas esportivas, esta exigência de qualidade estendida às emissoras regionais pode ter colaborado para que a cobertura do JASC/2007 realizada pela RBS TV tenha se revelado dentro (ou próximo) do que se convencionou chamar “o padrão Globo de qualidade.”

Associado a este fato (da qualidade da cobertura), podemos constatar ainda uma diferença de enfoque entre as duas emissoras, especialmente no que se refere a dois temas que se complementam. Trata-se da ênfase maior da Rede TV Sul nas questões regionais e na presença de personalidades presentes ao evento, especialmente políticas. Antes, uma informação necessária a ser lembrada: a cobertura da Rede TV Sul teve o próprio Estado, promotor dos JASC, como um de seus patrocinadores. Acreditamos que tal fato tenha sido um dos motivos estratégicos para o fato da emissora

ênfatisar a participação de delegações das mais diversas regiões de Santa Catarina, no intuito de dar destaque as possibilidades de integração regional proporcionadas pelo evento. Neste sentido, quem ganhou com isso foi o público telespectador, que teve a oportunidade de ver sobressaírem-se algumas modalidades não olímpicas e por isso pouco conhecidas, tipicamente representantes das culturas de povos que emigraram para cá, no processo de colonização do Estado.

Todavia, foi na Rede TV Sul que percebemos também que os agentes políticos, especialmente os ligados aos grupos partidários que detêm o poder em Santa Catarina, mais estiveram presentes, com discursos que, obviamente, visam capitalizar politicamente os dividendos do investimento consubstanciado na realização do JASC/2007. Foram várias entrevistas e matérias com prefeitos, congressistas e membros do poder executivo estadual, todos representantes da larga aliança político-partidária que, na última eleição reelegeram o Governador e preencheram as duas vagas de senadores em disputa, além de ampla bancada legislativa no Estado e na Câmara de Deputados. Tal estratégia atualiza, com o patrocínio de verbas públicas, a conexão meios de comunicação/grupos políticos, que fez parte da história da imprensa em Santa Catarina, ressaltada em nosso Capítulo I.

Ainda em relação ao tema da regionalidade na cobertura jornalística dos jogos, pudemos constatar, em nossas observações de campo junto ao comitê de imprensa, que as emissoras de rádio tendem ainda a levar ao seu público mais específico uma informação mais voltada aos interesses da região. Em que pese a fragilização deste tipo de rádio-jornalismo, por conta da já comentada concentração da programação das emissoras nas “cabeças de rede”, foi possível perceber que existe ali, ainda, uma saudável relação do radialista com o seu ouvinte, mais próximo geograficamente. Todavia, por não termos tido condições de clonar a cobertura do JASC em nenhuma emissora de rádio¹, fica portanto apenas o registro, inclusive já feito no Capítulo III, e a sugestão de que esse tema possa vir a ser abordado em outras investigações.

1 Ao que consta, nenhuma das emissoras de rádio AM da região metropolitana de Florianópolis fez cobertura do JASC/2007.

Podemos observar ainda que os meios de comunicação analisado apresentaram, na maioria das vezes, notícias rápidas e atrativas e que geralmente se reportavam a um atleta específico ou alguma modalidade esportiva. No JASC/2007, o atleta mais “noticiado” foi o jogador Falcão e a modalidade o futsal.

Há algum tempo, o jogador Falcão tem recebido atenção especial da mídia por suas ótimas atuações, tanto em quadra quanto como personagem midiática. Recentemente, foi eleito o melhor jogador de futsal do mundo, ganhou medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos com a seleção brasileira e consagrou-se campeão da Liga Nacional de futsal com a equipe de Jaraguá do Sul, cidade onde atualmente reside, joga e exerce outras atividades profissionais, como a de empresário. Considerando estes fatores, cobrir um evento esportivo sem falar do Falcão é praticamente impossível para os meios de comunicação e, no JASC/2007, não foi diferente.

A mídia apropria-se de aspectos característicos dos ídolos e acaba por espetacularizar as notícias que envolvem o atleta, seus feitos e conquistas. Nesta espetacularização, percebemos a ambigüidade entre o público e o privado, na qual aspectos da vida particular sobre o melhor jogador de futsal do mundo tornam-se notícias (invadindo o espaço público destinado – melhor dizendo, que deveria ser reservado - às notícias importantes), transitando facilmente para a esfera pública a fim de atrair e prender a atenção de leitores e telespectadores, por mostrar o “ídolo” na sua intimidade, saciando com isso a curiosidade dos fãs e do público de modo geral.

Esta relação pode ser percebida também quando consideramos que as finais dos JASC/2007 aconteceram na cidade-sede Jaraguá do Sul, reconhecida nacionalmente por ser a “casa” da atual equipe campeã brasileira de futsal (equipe Jaraguá do Sul), na qual joga o craque Falcão ou “camisa 12 da *Malwee* Futsal” como também é chamado. Isto acarreta forte repercussão na mídia local e estadual, pois a figura do jogador é bastante evidenciada, muitas vezes, sobrepondo-se a própria equipe de Jaraguá do Sul, fato esse que ocorre na forma como a população local, jornalistas presentes nos Jogos e organizadores do evento se referiam a equipe de cidade pelo nome da empresa patrocinadora *Malwee*, apontando aqui um exemplo de situações em que o privado se sobressai ao público.

Não podemos deixar de comentar o grande destaque dado à modalidade futsal no JASC/2007; poderíamos até, de forma um tanto pretensiosa, dizer que este foi o JASC do futsal, devido ao espaço e a atenção dada pelos meios de comunicação analisados a esta modalidade esportiva, que traz (atrai) para o local dos jogos um número expressivo de espectadores. O futsal tem sua origem no futebol – não disputado no JASC -, que é a modalidade esportiva mais apreciada em nosso país, e que consegue mobilizar um grande número de pessoas; com isso e considerando todos os aspectos anteriormente citados, é fácil entender porque há tanta ênfase da mídia em torno deste esporte. Nesse sentido, devemos salientar que os jogos de futsal aconteceram no palco onde o ídolo Falcão costuma dar show: a Arena Jaraguá. Localizada num lugar privilegiado de onde é possível avistar toda a cidade de Jaraguá do Sul, foi recentemente construída, tem capacidade para 6.500 pessoas e dispõe de amplas instalações que podem abrigar desde lojas, lanchonetes até as equipes de jornalismo.

Foi nesse espaço da Arena Jaraguá que ficaram instaladas a sala da assessoria de imprensa da FESPORTE, da comissão organizadora do evento, o comitê de imprensa (que reunia os jornalistas envolvidos com o JASC/2007), além do próprio estúdio e ilha geradora da Rede TV Sul. Dessa forma, falar sobre o futsal, tornou-se algo quase orgânico aos profissionais que fizeram a cobertura do JASC/2007, pois estes estiveram em contato com esta modalidade durante boa (grande) parte do tempo de produção da notícia (desde a elaboração das pautas, a produção e edição das matérias até os momentos de transição delas), situação essa, que provocou nos jornalistas e equipes técnicas uma exposição maior às possíveis influências desta modalidade esportiva.

Por outro lado, conforme observamos no material analisado, é possível perceber que apesar de haver nítida preferência da mídia em personificar as matérias jornalísticas (televisivas e impressas) e tal estratégia ocupar grande espaço nos meios, isso não impossibilita, mesmo que em menor espaço, que reportagens envolvendo atletas “desconhecidos” sejam noticiadas e ganhem repercussão por seu caráter curioso e/ou excêntrico. *“Atletas correm de pé descalço”; “atleta e mãe ao mesmo tempo”; “ansiedade*

de principiante"; estes são alguns exemplos de chamadas (na televisão) ou títulos de notícias (nos jornais) sem referência a ídolos, mas que ganham espaço na mídia por estarem repletas de elementos que despertam a atenção do público, justamente por conter aspectos dramáticos da vida humana, despertando emoção, compaixão, raiva, alegria, etc. Elementos esses, que emocionam e representam na tela ou nas páginas impressas a realidade de cada telespectador/espectador, através do seu simulacro, revivido pelos atletas nas situações inusitadas. Assim, podemos inferir que a mídia busca, ao contemplar diferentes ângulos e aspectos da notícia, tornar-se cada vez mais "familiar" ao público, ampliando sua audiência.

Tendo o cuidado de manter-nos restritos ao escopo do trabalho, que é um estudo observacional-descritivo e analítico, portanto não prescritivo (embora saibamos que, em muitos momentos, esse auto-controle tenha sido quase impossível), formulamos aqui duas assertivas finais, como possíveis desdobramentos ou mesmo encaminhamentos que este estudo pode ter gerado.

O primeiro deles remete à questão dos gestores estaduais e municipais das políticas de esporte e lazer em Santa Catarina, no que diz respeito ao trato com a mídia esportiva. Pelo que vimos no trabalho, são boas as relações institucionais entre a área da administração e os meios de comunicação de massa, sobrando elogios de ambas as partes. Todavia, se nossos gestores públicos pretendem alcançar, com a promoção de eventos de esporte como o JASC, dimensões que vão para além da mera questão técnico-esportiva, inclusive a educacional, eles precisam se preocupar em apontar claramente para isso, planejando e dando visibilidade a essas atividades complementares aos jogos. Assim, poderão fazer com que o contexto da realização dos seus eventos esportivos constitua-se num cenário de múltiplas possibilidades de ação pública em favor da cultura, do esporte, do lazer, da arte, da economia, do turismo, etc., para o Estado e a região diretamente envolvida. Desta forma, poderiam ser geradas e mantidas melhores condições para que a população viesse a usufruir, durante e após a realização dos jogos, dos investimentos feitos para a realização do evento, principalmente no que se refere a melhorias de infra-estrutura comunitária e de equipamentos esportivos e de lazer, entre outros. Pelo que se obser-

vou quanto ao trato do evento pela mídia esportiva, não há ou pouco são percebidas esses movimentos da gestão pública. Para a mídia regional, um evento esportivo como o JASC é tratado da mesma forma com que ela cobre, por exemplo, o campeonato catarinense de futebol: é somente esporte, e esporte de resultados, com medalhas, campeões, etc.

Por fim, gostaríamos de reafirmar a importância que atribuímos à observação e análise do discurso midiático-esportivo por parte do campo acadêmico da Educação Física. Vários estudos vêm sendo relatados, demonstrando o quanto esse discurso é construtor de imaginários, especialmente o infantil, e de representações socialmente compartilhadas sobre o fenômeno esporte, influenciando através disso nas práticas (e nas não-práticas) esportivas que constituem essa dimensão da cultura contemporânea. Sem demonizar a mídia esportiva, mas também sem atribuímos-lhe o caráter de neutralidade política, ressaltamos a necessidade urgente de que a Educação Física reconheça na mídia uma interlocutora social importante sobre o esporte e demais práticas de movimento culturalmente significadas, para estabelecer com ela um diálogo que possa permitir ao nosso campo de conhecimento e intervenção uma prática pedagógica voltada ao esclarecimento e à construção da cidadania emancipada, na qual a cultura esportiva é fator importante. Como já afirmou se afirmou (PIRES, 1998)²:

Sem nenhum preconceito às demais áreas do conhecimento que vêm se debruçando sobre esporte para pesquisá-lo sob os mais diferentes olhares, com as quais devemos interagir, parece-nos inevitável que se não assumirmos logo a cultura esportiva como objeto de estudo, muito em breve ficaremos reduzidos ao consumo do conhecimento produzido por estas outras áreas. Estaremos limitados a ouvi-los falar para nós (e por nós) sobre esporte! O que ainda nos restará?

2 PIRES, Giovanni De Lorenzi. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. *Revista da Educação Física/UEM*, n. 9, p. 25-34, 1998.



RELAÇÃO DOS AUTORES EM ORDEM ALFABÉTICA¹

Bianca Natália Poffo - Acadêmica do curso de licenciatura em Educação Física (UFSC). Bolsista da Rede CEDES/Ministério do Esporte no LaboMídia/UFSC. Contato: bia.poffo@hotmail.com

Cláudio Tonetti – Licenciado em Educação Física (UFMG). Técnico N1 do Ministério da Juventude e Desportos de Moçambique. Mestrando em Educação Física no PP-GEF/UFSC. Bolsista do CNPq. Contato: claudio.tonetti@gmail.com

Cristiano Mezzaroba - Licenciado e Mestre em Educação Física (UFSC). Professor Substituto do MEN/CED/UFSC. Contato: cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br

Daiane Raquel Viero Ricken - Acadêmica do curso de licenciatura em Educação Física (UFSC). Bolsista da Rede CEDES/Ministério do Esporte no LaboMídia/UFSC. Contato: day.ricken@hotmail.com

Daniel Minuzzi de Souza - Licenciado em Educação Física (CEFD/UFSC). Professor do Instituto Cenecista Fayal de Ensino Superior. Mestrando em Educação Física no PPGEF/UFSC. Contato: daniel_xibaba@yahoo.com.br

1 Todos os autores são pesquisadores do Grupo de Estudos Observatório da Mídia Esportiva/UFSC.

Diego de Sousa Mendes - Licenciado e Mestre em Educação Física (UFSC). Professor Substituto do MEN/CED/UFSC. Contato: diegomendes20@hotmail.com

Fábio Messa - Jornalista (PUC-RS) e Licenciado em Educação Física (UFSC). Professor dos cursos de graduação em Comunicação Social (UNISUL/Estácio de Sá de SC). Mestrando em Educação Física no PPGEF/UFSC. Contato: revistanetuno@yahoo.com.br

Fernando Gonçalves Bitencourt - Licenciado em Educação Física (UDESC); Mestre em Educação e Cultura (UDESC); Mestre e doutorando em Antropologia Cultural no PPG-Antropologia (UFSC). Professor do CEFETSC-São José. Contato: ferbit@cefetsc.sj.edu.br

Filipi Flor Teixeira - Acadêmico do curso de licenciatura em Educação Física (UFSC). Bolsista da Rede CEDES/Ministério do Esporte no LaboMídia/UFSC. Contato: filipift@hotmail.com

Giovani De Lorenzi Pires. Licenciado e Mestre em Educação Física (UFSM), Doutor em Educação Física/Ciências do Esporte (UNICAMP). Professor do DEF/CDS/UFSC e do PPGEF/UFSC. Contato: giovanpires@cds.ufsc.br

Huáscar Sidorak Castro. Acadêmico do curso de licenciatura em Educação Física (UFSC). Bolsista da Rede CEDES/Ministério do Esporte no LaboMídia/UFSC. Contato: sidorak@hotmail.com

Iracema Munarim. Licenciado em Educação Física (UFSC). Mestre em Educação pelo PPGE/UFSC. Contato: ira_munarim@yahoo.com.br

Paula Bianchi - Licenciada em Educação Física (CEFD/UFSM). Mestranda em Educação Física no PPGEF/UFSC. Bolsista Capes/UFSC. Contato: paulacbianchi@yahoo.com.br

Tiago Soares Gaspar - Acadêmico do curso de licenciatura em Educação Física (UFSC). Bolsista da Rede CEDES/Ministério do Esporte no LaboMídia/UFSC. Contato: tiagogaspar@grad.ufsc.br

Victor de Abreu Azevedo. Acadêmico do curso de licenciatura em Educação Física (UFSC). Bolsista PIBIC-CNPq/UFSC no LaboMídia/UFSC. Contato: victorazev@gmail.com



Estrutura montada pela FESPORTE na Arena Jaraguá para o ritual olímpico do JASC/2007.



A grande Arena Jaraguá, construída para acolher o JASC/2007.



Jornalista da Rede TV Sul grava boletim na Arena Jaraguá.



Campeões de modalidade são apresentados em boletim da Rede TV Sul.



Jornalista da Rede TV Sul grava reportagem em local de disputa de modalidade.



Estúdio montado pela Rede TV Sul na Arena Jaraguá.

Tabela de análise descritiva do Jornal A Notícia

Nº	Data	Sessão/Caderno/ Página	Título
1	01/11/2007	Esporte /A 16	Ensaio para o grande espetáculo
2	01/11/2007	Esporte /A 16	Tiro inicia competições em Indaial
3	01/11/2007	Esporte /A 16	No Clima
4	01/11/2007	Esporte /A 16	Salas de aula transformadas em alojamento
5	02/11/2007	Capa do jornal/1	Começaram os JASC
6	02/11/2007	Esporte /A 14	Quase 7 mil atletas no ritmo do esporte
7	02/11/2007	Esporte /A 14	Emoção toma conta da arena
8	02/11/2007	Esporte /A 14	Atletismo terá competição na pista de Itajaí
9	02/11/2007	Esporte /A 14	Premiação em boas mãos a mais de uma década
10	02/11/2007	Coluna / Esporte /A 14	No Clima
11	02/11/2007	A.N Capital / 8	Florianópolis estréia hoje no 47º JASC

Nº	Data	Sessão/Caderno/ Página	Título
12	03/11/2007	Esporte /A 12	As primeiras medalhas na chuva
13	03/11/2007	Esporte /A 12	Cacá Pavanello fica preocupado com estrutura
14	03/11/2007	Esporte /A 12	Atleta e mãe ao mesmo tempo
15	03/11/2007	Esporte /A 12	Favoritismo da CIMED no vôlei
16	03/11/2007	Esporte /A 12	Emoção com as mãos e no pedal
17	03/11/2007	Esporte /A 12	No clima
18	03/11/2007	Esporte /A 15	Quiz do Esporte
19	04/11/2007	Esporte /A 12	Eles trabalham pra que tudo ocorra bem
20	04/11/2007	Esporte /A 12	Tarefas redobradas para todos
21	04/11/2007	Esporte /A 12	Esporte ajuda a aquecer economia jaraguense
22	04/11/2007	Coluna / Esporte /A 12	No clima
23	04/11/2007	Esporte/ A 14	NA TV
24	05/11/2007	A.N Esporte / 8	Blumenau conquista a ginástica artística
25	05/11/2007	A.N Esporte / 8	EXIBIÇÃO
26	05/11/2007	A.N Esporte / 8	Deu Itajaí e Joinville no Triatlo
27	05/11/2007	A.N Esporte / 8	No Clima
28	05/11/2007	A.N Esporte / 9	Jaraguá comemora conquista inédita no bolão 16
29	05/11/2007	A.N Esporte / 9	Itajaí lidera o quadro de medalhas
30	05/11/2007	A.N Esporte / A 12	Quiz do Esporte
31	06/11/2007	Capa do jornal /01	Ouro que vem da água
32	06/11/2007	Esporte /A 14	Um dia de ouro dentro da água
33	06/11/2007	Esporte /A 14	Rio do sul vence final contra Lages
34	06/11/2007	Esporte /A 14	Estréias difíceis para os favoritos
35	06/11/2007	Esporte /A 14	Pontaria certa rende prêmio para Timbó
36	06/11/2007	Esporte /A 14	Liderança na quadro de medalhas

Nº	Data	Sessão/Caderno/ Página	Título
37	06/11/2007	Coluna / Esporte /A 14	No Clima
38	07/11/2007	Esporte /A 16	Medalhas perdidas na água
39	07/11/2007	Esporte /A 16	Ciclista Márcio May se despede dos JASC com medalha de prata
40	07/11/2007	Esporte /A 16	Jaraguá vai à semifinal sem a pivô Leonor
41	07/11/2007	Esporte /A 16	Estrelas em redor dos tabuleiros
42	07/11/2007	Coluna / Esporte /A 16	No Clima
43	07/11/2007	Coluna / Esporte /A 16	Quadro de Medalhas
44	07/11/2007	Coluna / Esporte /A 16	Informal
45	08/11/2007	Esporte /A 16	O pódio ficou vazio na natação
46	08/11/2007	Esporte /A 16	No Clima
47	08/11/2007	Esporte /A 16	Blumenauenses Disparam para mais um título
48	08/11/2007	Esporte /A 16	Quadro de medalhas
49	08/11/2007	Esporte /A 16	Miriely é bi nos 100 com barreiras
50	08/11/2007	Esporte /A 19	As mulheres do vôlei 1
51	08/11/2007	Esporte /A 19	As mulheres do vôlei 1
52	09/11/2007	Capa do Jornal /1	Superação
53	09/11/2007	Esporte /A 18	A semifinal com cara de decisão
54	09/11/2007	Esporte /A 18	O aluno supera o mestre no arremesso de peso
55	09/11/2007	Esporte /A 18	Só uma parte recupera a premiação
56	09/11/2007	Esporte /A 18	Decisões com duas conquistas de Blumenau
57	09/11/2007	Esporte /A 18	Quadro de Medalhas
58	09/11/2007	Esporte /A 18	No Clima
59	09/11/2007	Esporte /A 19	O futuro dos JASC
60	09/11/2007	Esporte /A 19	JASC
61	09/11/2007	A.N Jaraguá /1	Saldo promissor
62	09/11/2007	A.N Jaraguá /5	Jaraguá quer ficar de 4° a 6° nos JASC

Nº	Data	Sessão/Caderno/ Página	Título
63	10/11/2007	Capa do Jornal /1	Blumenau vence os Jogos Abertos pela 39ª vez
64	10/11/2007	Esporte /A 16	O título antecipado dos blumenauenses
65	10/11/2007	Esporte /A 16	Reinado de Joaçaba no handebol
66	10/11/2007	Esporte /A 16	Quadro de Medalhas
67	10/11/2007	Esporte /A 16	Charme e tensão na ginástica
68	10/11/2007	Coluna / Esporte /A 16	No Clima
69	10/11/2007	Esporte /A 18	Jogos Abertos
70	11/11/2007	Esporte /A 15	Evolução com ouvidos atentos
71	11/11/2007	Esporte /A 15	Erros e acertos em dez dias de disputas
72	11/11/2007	Esporte /A 15	Investimentos para três competições
73	11/11/2007	Esporte /A 15	Atrativos para a população durante os jogos
74	11/11/2007	Coluna / Esporte /A 15	No Clima
75	12/11/2007	Esporte /A 2	Sempre Blumenau
76	12/11/2007	Esporte /A 9	Jogos Abertos no rumo do vale do Itajaí
77	12/11/2007	Esporte /A 9	Carreata para Blumenau festejar
78	12/11/2007	Esporte /A 9	Quadro de Medalhas

Tabela de análise descritiva do Jornal Diário Catarinense

N°	Data	Sessão/Caderno/ Página	Título
1	01/11/2007	Esportes /51	Blumenau abre hoje as disputas rumo ao título
2	01/11/2007	Esportes /51	Em busca do rei do tiro será o ápice da cerimônia
3	01/11/2007	Coluna / Esportes /52	Jasc
4	02/11/2007	Esportes /38	Uma noite de fortes emoções na Arena
5	02/11/2007	Coluna / Esportes /38	Diário dos Jasc
6	02/11/2007	Esportes / 38	Pista de atletismo não ficará pronta a tempo
7	02/11/2007	Coluna / Esportes /40	Contra-ataque
8	02/11/2007	4° capa /44	Festa e competição
9	03/11/2007	Esportes /33	Tiro trap faz super final para definir campeão da modalidade

Nº	Data	Sessão/Caderno/ Página	Título
10	03/11/2007	Esportes /33	Ansiedade de principiante
11	03/11/2007	Coluna /Esportes /33	Diário dos Jasc
12	03/11/2007	4º capa /35	Joinvillense vence ciclismo dos Jasc
13	04/11/2007	Esportes /34	Jasc lucrativo
14	04/11/2007	Esportes /35	Bambam é referência no punhobol
15	04/11/2007	Coluna / Esportes /35	Diário dos Jasc
16	04/11/2007	Esportes /39	Domingo na TV
17	04/11/2007	Coluna / Esportes	Tiro Livre
18	05/11/2007	Esportes /10	Itajaí abre vantagem na largada
19	05/11/2007	Esportes /10	Elaine consagra-se sobre aprendizes
20	05/11/2007	Esportes /10	Talento e fôlego de sobra no triatlo
21	05/11/2007	Esportes /11	Sacrifício em nome do resultado
22	05/11/2007	Coluna / Esportes /11	Diário dos Jasc
23	06/11/2007	Esportes /35	Distância entre os líderes ainda é muito pequena
24	06/11/2007	Esportes /35	Domínio de Joinville no primeiro dia de natação
25	06/11/2007	Coluna / Esportes /35	Diário dos Jasc
26	06/11/2007	Coluna / Esportes /36	Contra-ataque
27	06/11/2007	4º capa / 40	Jasc têm novo líder
28	07/11/2007	Esportes /39	Uma despedida em alto estilo para Márcio May
29	07/11/2007	Esportes /39	Irregularidade complica Joinville
30	07/11/2007	Coluna / Esportes / 39	Diário dos Jasc
31	08/11/2007	Esportes /42	Cena inusitada á beira do clube Araçaí
32	08/11/2007	Esportes /42	Blumenau encaminha mais um título geral
33	08/11/2007	Esportes /42	Golpes certos de fazer inveja aos marmanjos
34	08/11/2007	Esportes /43	Título inédito para Itapema na areia
35	08/11/2007	Esportes /43	Paixão pela bocha
36	08/11/2007	Coluna / Esportes /43	Diário dos Jasc

Nº	Data	Sessão/Caderno/ Página	Título
37	08/11/2007	Esportes /48	Paulista ganha ouro para Blumenau
38	09/11/2007	Esportes /46	Jogos sob signo de protesto
39	09/11/2007	Esportes /46	Tribuna devolve medalhas à Joinville
40	09/11/2007	Esportes /46	Enxadristas reclamam da capital
41	09/11/2007	Coluna / esportes / 46	Diário dos Jasc
42	09/11/2007	Esportes /47	Joinville dá show na pista de Itajaí
43	09/11/2007	Esportes /47	Pupilo supera o mestre no arremesso de peso
44	09/11/2007	Esportes /47	Mãe "coruja", Marta é pé quente
45	09/11/2007	Diário do leitor /50	Jasc
46	09/11/2007	4º capa /36	Obstáculos superados
47	10/11/2007	Coluna / Esportes /26	Contra-ataque
48	10/11/2007	Esportes /28	Blumenau, pela 39ª vez
49	10/11/2007	Esportes /28	Joaçaba bate Chapecó e vence duelo de gigantes
50	10/11/2007	Esportes /29	Doce sabor de revanche
51	10/11/2007	Coluna / Esportes /29	Diário dos Jasc
52	10/11/2007	4º capa /32	Blumenau vence os Jasc
53	11/11/2007	Esportes /49	Envolvimento e o interesse em jogo
54	11/11/2007	Esportes /49	Modernização pode ser a alternativa
55	11/11/2007	Coluna / Esportes / 49	Diário dos Jasc
56	12/11/2007	Artigo / Editorial /11	Jasc:investimento na base
57	12/11/2007	Coluna /Esportes /08	Negativo
58	12/11/2007	Coluna /Esportes /08	Eu já sabia
59	12/11/2007	Esportes /12	Lançado o desafio para quatro municípios
60	12/11/2007	Esportes /12	Obra-prima de falcão na decisão do futsal
61	12/11/2007	4º capa /31	Festa virou rotina



Tabela de Análise Descritiva - RBS TV

Nº	Data	Programa	Título da chamada	Tempo
1	01/11/2007	RBS NOTÍCIAS	Início dos Jogos Abertos de Santa Catarina em Jaraguá do Sul. Ênfase para prova de Tiro ao prato - Competição abre a busca por medalhas.	00:00:49
2	01/11/2007	GLOBO ESPORTE	Abertura.	00:01:55
3	02/11/2007	GLOBO ESPORTE	Abertura/comentários gerais sobre o início do JASC.	00:00:57
4	06/11/2007	GLOBO ESPORTE	Joinville na liderança.	00:01:35
5	08/11/2007	RBS NOTÍCIAS	Irregularidades nas inscrições de natação com a equipe de Joinville. Natação – irregularidades. Como fica a competição a partir de agora? Ênfase no caso de irregularidades no JASC envolvendo a natação. Entrevista com comissão organizadora, falando principalmente sobre as irregularidades nas inscrições da natação.	00:01:13

Nº	Data	Programa	Título da chamada	Tempo
6	09/11/2007	GLOBO ESPORTE	Título antecipado para Blumenau (atletismo)/ ênfase aos atletas do Pan/programação do evento.	00:02:21
7	10/11/2007	RBS ESPORTE	Especial sobre JASC: resultados, informes da organização, curiosidades das provas.	00:01:15
8	10/11/2007	RBS ESPORTE	Bolão: entrevista com atletas desta modalidade – histórico, como funciona e curiosidades desta modalidade.	00:01:02
9	10/11/2007	RBS ESPORTE	O cotidiano dos atletas nos alojamentos – a rotina, os treinos, as amizades, etc. Entrevista com o ciclista Márcio May, que fala do seu treinamento para a competição.	00:02:50
10	10/11/2007	RBS ESPORTE	Vôlei: entrevista com técnico da equipe de Jaraguá do Sul e ex-jogador falando sobre resultados de equipe de Jaraguá no JASC. Retrospectiva.	00:02:38
11	10/11/2007	RBS ESPORTE	O JASC com os seus atletas na rotina de Jaraguá Chamada para outras reportagens com imagens da cidade e direto da arena.	00:03:25

Nº	Data	Programa	Título da chamada	Tempo
12	10/11/2007	RBS ESPORTE	Entrevista com Rogério, goleiro de futsal (seleção brasileira) conversando sobre resultados da carreira, planos de férias, perspectivas na seleção brasileira e a sua participação-desempenho no JASC.	00:00:30
13	10/11/2007	RBS ESPORTE	No Ciclismo – entrevista com Márcio May – medalha de prata no JASC. O ciclista fala dos planos disputar a copa América e da sua despedida das competições.	00:02:50
14	10/11/2007	GLOBO ESPORTE	Blumenau – invencível campeão.	00:01:22
15	11/11/2007	ESTÚDIO SC	Ao vivo, chamada para o encerramento do JASC, com exibição de matérias gravadas nos Jogos: Informativos sobre o encerramento do JASC. Imagens dos jogos, principais resultados e quadro de classificação geral. Destaque para a equipe de Blumenau – campeã geral dos JASC/2007. Imagens da chegada da equipe em Blumenau – festa na recepção dos vencedores.	00:00:43



Tabela Descritiva da Mídia Televisiva - Rede TV Sul

Nº	Data	Programa	Título da chamada	Tempo
1	01/11/2007	TV EM REDE	Abertura/histórico/infra-estrutura do JASC.	00:10:15
2	02/11/2007	TV EM REDE	Abertura do JASC. Entrevista com Leonel Pavan, vice-governador do Estado de SC.	00:11:37
3	02/11/2007	TV EM REDE	Expectativa dos jogos em Jaraguá do Sul/ mudanças para os Jasc.	00:03:20
4	02/11/2007	TV EM REDE	Reportagem sobre o bolão 16.	00:01:13
5	02/11/2007	TV EM REDE	Comentários gerais sobre os jogos.	00:02:49
6	02/11/2007	TV EM REDE	Abertura da bocha e punhobol/comentários gerais sobre o evento/informativo geral sobre a programação.	00:02:10

Nº	Data	Programa	Título da chamada	Tempo
7	03/11/2007	BOLETIM DA TARDE	Transmissão "ao vivo" de jogo de futsal feminino: Jaraguá do Sul X Paulo Lopes. Informações sobre quadro de resultados e medalhas. Entrevista com prefeito de Jaraguá do Sul (prefeito se referiu a equipe de Jaraguá como Malvee).	00:28:20 (tempo total)
8	03/11/2007	BOLETIM DA TARDE	Informações de outras modalidades como: vôlei, com imagens de jogos e entrevista com árbitro da competição. Informações sobre as regras e principais características da modalidade. OBS.: esta reportagem foi reprisada no dia 05 de novembro.	00:01:00
9	03/11/2007	BOLETIM DA TARDE	Reportagem sobre ginástica, treinos, e imagens dos atletas nas provas e treinos de ginástica artística. OBS: reportagem reprisada no dia 05 de novembro.	00:01:40
10	03/11/2007	BOLETIM DA TARDE	Entrevista com coordenador do futsal no JASC (representante da Fesporte).	00:02:00
11	05/11/2007	TV em Rede	Resultado dos jogos em geral/ evento interativo vinculado aos Jasc.	00:04:25
12	05/11/2007	TV em Rede	Alojamento dos atletas.	00:02:40
13	05/11/2007	BOLETIM JASC MEIO-DIA	Informativos sobre a modalidade de triatlo – resultados de medalhas: feminino e masculino.	00:00:45
14	05/11/2007	BOLETIM JASC MEIO-DIA	Concurso escolar de criatividade do lazer. Exposição de brinquedos na Arena Jaraguá promovida pela Fundação Catarinense de Esporte.	00:00:39

Nº	Data	Programa	Título da chamada	Tempo
15	05/11/2007	BOLETIM JASC MEIO-DIA	Vôlei: informações sobre a competição e entrevista com árbitro da competição. Informações sobre as regras e principais características do vôlei.	00:00:54
16	05/11/2007	BOLETIM DA TARDE	Tênis: informações gerais e entrevista com técnico da equipe de Tubarão sobre a expectativa para a competição. Imagens da competição de Tênis.	00:00:54
17	05/11/2007	BOLETIM DA TARDE	Judô: informações sobre essa modalidade. Entrevista com atletas. Imagens das competições. Técnico de Chapecó é entrevistado.	00:00:40
18	05/11/2007	BOLETIM DA TARDE	Vôlei de praia: resultados e imagens do jogo. Entrevista com atletas de equipes classificadas.	00:00:50
19	05/11/2007	BOLETIM DA TARDE	Imagens e entrevistas com os atletas nos alojamentos masculino e feminino. Rotina e cotidiano das equipes nos alojamentos.	00:03:10
20	05/11/2007	BOLETIM DA TARDE	Vôlei feminino: entrevista com técnico de vôlei, falando como se caracteriza essa modalidade. Mostra imagens de atletas treinando no ginásio antes da competição.	00:02:00
21	05/11/2007	BOLETIM DA TARDE	Jogo de punhobol.	00:01:30
22	06/11/2007	TV EM REDE	Resultado dos jogos em geral/ final do bolão 23.	00:00:45
23	06/11/2007	TV EM REDE	Resultado dos jogos em geral e do jogo de futsal.	00:01:54
24	06/11/2007	TV EM REDE	Pontos turísticos de Jaraguá do Sul.	00:01:25

Nº	Data	Programa	Título da chamada	Tempo
25	06/11/2007	TV EM REDE	Economia de Jaraguá do Sul.	00:02:03
26	06/11/2007	TV EM REDE	Resultados da natação.	00:00:58
27	06/11/2007	BOLETIM JASC MEIO-DIA	Resultados dos jogos em geral/reportagem do judô/quadro de medalhas.	00:02:15
28	06/11/2007	BOLETIM JASC MEIO-DIA	Exposição de brinquedos paralela ao JASC.	00:01:14
29	06/11/2007	BOLETIM DA TARDE	Ginástica artística: Entrevista com árbitro de ginástica artística com informações e imagens das provas dessa modalidade.	00:01:04
30	06/11/2007	BOLETIM DA TARDE	Mudanças na rotina da cidade e da população em função da realização do JASC. Entrevistas sobre movimentação do comércio, restaurantes, hotéis, transporte, etc.	00:00:51
31	06/11/2007	BOLETIM DA TARDE	Matéria sobre triatlo (reapresentação. Foi exibida no dia 05/11/07).	00:00:46
32	06/11/2007	BOLETIM DA TARDE	Matéria sobre vôlei de praia (reapresentação. Exibida no dia 05/11/07).	00:00:37
33	06/11/2007	BOLETIM DA TARDE	Repetição da matéria sobre tênis.	00:00:40
34	06/11/2007	BOLETIM DA TARDE	Ginástica artística: entrevista com ginasta.	00:00:28
35	06/11/2007	BOLETIM DA TARDE	Entrevista com técnico de voleibol.	00:00:34
36	07/11/2007	TV EM REDE	Resultados e irregularidade da natação.	00:03:06

Nº	Data	Programa	Título da chamada	Tempo
37	07/11/2007	BOLETIM JASC MEIO-DIA	Punhobol: informações sobre histórico, características, fundamentos e regras dessa modalidade. Entrevista com ex-atleta de punhobol, explicando os fundamentos da modalidade.	00:00:45
38	07/11/2007	BOLETIM JASC MEIO-DIA	Ginástica artística: entrevista com atleta da equipe representante da cidade de Pomerode sobre as facilidades e dificuldades desta modalidade, destacando momentos da sua carreira como ginasta.	00:00:31
39	07/11/2007	BOLETIM JASC MEIO-DIA	Avaliação do JASC na rotina da cidade de Jaraguá.	00:00:30
40	07/11/2007	BOLETIM JASC MEIO-DIA	Ginástica artística: imagens e entrevistas com atletas e coordenadora da modalidade sobre rotina de treinos, as características desse esporte. Também, falaram da expectativa das equipes para a realização das provas do JASC.	00:00:35
41	07/11/2007	BOLETIM DA TARDE	Ginástica artística: Entrevista com árbitro de ginástica artística com informações e imagens das provas dessa modalidade. (Reapresentação)	00:01:04
42	07/11/2007	BOLETIM DA TARDE	Movimentação do comércio, restaurantes, hotéis, transporte, etc. com a realização do JASC (Reapresentação) .	00:00:51

Nº	Data	Programa	Título da chamada	Tempo
43	07/11/2007	BOLETIM DA TARDE	Handebol: imagens da modalidade e informações sobre funcionamento e principais características, histórico e regras dessa modalidade esportiva. Entrevista com o coordenador da modalidade no JASC. Informativo sobre próximos jogos de handebol.	00:01:20
44	07/11/2007	BOLETIM DA TARDE	Participação da equipe de saúde nos jogos: imagens dos profissionais de saúde fazendo atendimentos aos atletas durante as competições. Abordaram a importância de ter uma equipe de saúde no JASC.	00:01:07
45	07/11/2007	BOLETIM DA TARDE	Reportagem com técnico de vôlei. Reapresentação da reportagem exibida no dia 05/11/07.	00:00:34
46	07/11/2007	BOLETIM DA TARDE	Futsal: imagens da torcida e da sua "preferência" por prestigiar, assistir essa modalidade.	00:00:31
47	07/11/2007	BOLETIM DA TARDE	Bolão 23: imagens dos jogos de Bolão 23, resultados e imagens da torcida festejando seus atletas.	00:00:32
48	07/11/2007	BOLETIM DA TARDE	Visita ao Museu da Família Cristo Foline.	00:00:58
49	08/11/2007	TV EM REDE	Perda das medalhas da delegação de Joinville na modalidade de natação.	00:00:40
50	08/11/2007	TV EM REDE	Comentários e resultados da ginástica rítmica.	00:01:09
51	08/11/2007	TV EM REDE	Irregularidade da natação/ quadro de medalhas do JASC.	00:07:11

Nº	Data	Programa	Título da chamada	Tempo
52	08/11/2007	TV EM REDE	Avaliação sobre organização geral do JASC.	00:03:50
53	08/11/2007	BOLETIM JASC MEIO-DIA	Informativo e resultados do bolão 23.	00:00:55
54	08/11/2007	BOLETIM JASC MEIO-DIA	Entrevistas com atletas regionais	00:03:56
55	08/11/2007	BOLETIM DA TARDE	Natação: resultados finais da competição. Imagens dos atletas competindo. Entrevista com o nadador Eduardo Fisher, atleta Pan-Americano e Júlia Volkman sobre carreira e preparação para os jogos. Informações sobre as irregularidades nas inscrições de atletas da natação na equipe de Joinvile.	00:01:54
56	09/11/2007	TV EM REDE	Resultados finais do JASC.	00:04:48
57	09/11/2007	BOLETIM DA TARDE (*)	Tênis de mesa: imagens da competição e entrevista com técnico de uma das equipes participantes do JASC.	00:01:10

(*) Segundo informou à pesquisa a jornalista Amanda, da Rede TV Sul, para este boletim estava pautada uma entrevista ao vivo com o Senador Raimundo Colombo, que não aconteceu por causa do atraso do senador em chegar a Arena Jaraguá, onde estava localizado o estúdio da emissora.

